

RODOLFO AUGUSTO BRAVO DE CONTO

“CAMINHOS LIBERTÁRIOS E PARTILHAS CULTURAIS”: O JORNAL *LA BATTAGLIA* E A FORMAÇÃO DA INTELLECTUALIDADE ANARQUISTA

CURITIBA
2007

RODOLFO AUGUSTO BRAVO DE CONTO

“CAMINHOS LIBERTÁRIOS E PARTILHAS CULTURAIS”: O JORNAL *LA BATTAGLIA* E A FORMAÇÃO DA INTELLECTUALIDADE ANARQUISTA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História. Linha de Pesquisa: Cultura e Poder.

Orientadora: Prof.º Dr.º Renato Lopes Leite.

CURITIBA
2007

Agradecimentos

À orientação do Prof.º Renato Lopes Leite pelas leituras atentas e comprometidas de meus textos e pelas necessárias discussões teóricas, imprescindíveis para o progresso da pesquisa. Além disso, manifesto minha admiração pelo apoio e incentivo recebidos desde o início do projeto.

Ao Cnpq, agradeço o suporte financeiro de um ano, com o qual pude me dedicar exclusivamente à pesquisa.

Às sugestões dadas pelos professores Dennison de Oliveira e Marcela Lopes Guimarães em minha qualificação.

Aos centros de documentação do Instituto Edgar Leuenroth (UNICAMP), Biblioteca Pública do Paraná e Biblioteca da Universidade Federal do Paraná, incluindo o trabalho de seus funcionários.

E por último, mas não menos importante, à minha família que me proporcionou constante incentivo e apoio incondicional. Por fim, gostaria de agradecer, em especial, à Carmem Silvia da Fonseca Kümmer pela presença e dedicação em todas as etapas do desenvolvimento desta pesquisa e por toda manifestação de incentivo, cumplicidade, tolerância e amizade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Considerações sobre o tema, objetivos e metodologia.....	01
 CAPÍTULO I: CAMINHOS CRUZADOS: ENTRE A CIÊNCIA E A UTOPIA	
1.1. Sociedade libertária: entre a utopia e a ciência.....	10
1.2 Partilhas culturais: o debate sobre a hereditariedade.....	15
1.3 Quem são os criminosos?.....	23
1.4 Miséria e crime: uma associação perfeita.....	32
 CAPÍTULO II: AS RELAÇÕES MORAIS PARA OS PENSADORES DE LA BATTAGLIA	
2.1 O álcool e a degeneração: é preciso combater a degeneração física e moral.....	40
2.2 Mulher e sociedade.....	53
 CAPÍTULO III: OS PADRES E A INVASÃO DA INTIMIDADE OPERÁRIA	
3.1 Antinatural: a sociedade racional e o clero	62
3.2 “Exterminar o clericalismo é abrir as portas do progresso”... ..	70
3.2.1 A revelação do Deus Capital.....	71
3.2.2 A crítica à revelação das intimidades.....	75
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 82
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 85

INTRODUÇÃO

Pretendo estudar, a partir do jornal libertário *La Battaglia*, a formação intelectual dos redatores anarquistas que participaram da confecção desse periódico nas duas primeiras décadas do século XX. A partir deste recorte, objetivo resgatar as influências intelectuais dos redatores presentes em *La Battaglia*, pensando de que modo os seus redatores se apropriaram de discursos e textos literários diversos. Será demonstrado que as apropriações empreendidas não se restringiam aos cânones do pensamento libertário como Kropotkine ou Malatesta, mas, como provam as listas de livros publicadas no periódico, influências de autores não elencados nas fileiras do pensamento libertário. Nomes como Zola, cujo livro *Germinal* propiciou a formação de vários grupos de estudo com este nome, o escritor russo Máximo Gorki ou Victor Hugo formaram a matriz intelectual constantemente utilizada pelos redatores de *La Battaglia*.

A principal fonte de estudo será o periódico *La Battaglia*, publicado semanalmente na cidade de São Paulo entre os anos de 1904 e 1913, embora em 1912 tivesse mudado seu nome para *La Barricata*. Nomes importantes do movimento anarquista fizeram parte do grupo em torno do jornal, entre eles Oreste Ristori e Luigi Damiani. Este inicialmente envia seus artigos de Curitiba, onde foi redator e administrador do jornal *O Despertar* entre os anos de 1904 e 1905, além de colaborar em outras publicações como *O Combate*, folha anticlerical publicada entre os anos de 1907 e 1909. Neste ano, Gigi, alcunha com a qual geralmente assinava seus artigos, transferiu-se para São Paulo e em 1912 substituiu Ristori na administração de *La Battaglia*. A importância desta publicação reside no fato de ter sido, entre a ampla gama de periódicos anarquistas surgidos nos dois primeiros decênios do século XX, uma das que possui caráter mais duradouro, chegando mesmo em alguns anos a possuir uma tiragem de 5.000 cópias semanais¹. Percebe-se claramente na redação dos artigos a filiação ao comunismo libertário², corrente da

¹ **BIONDI**, Luigi. “Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista “La Battaglia” e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos”. In: *Cadernos AEL: anarquismo e anarquistas*. Campinas: UNICAMP/IFCH, v. 8/9, 1998, p. 118.

² Corrente do pensamento anarquista que toma forma durante o final do século XIX, pode ser considerada um prolongamento da escola coletivista enunciada por Bakunin. Como nome central desta escola, o geógrafo e naturalista Kropotkin (1842-1921) defendia a possibilidade de uma estreita relação existente entre a anarquia e o comunismo, ao contrário do pensamento bakuniano, que possuía como princípio a concepção de que o comunismo impossibilitava e destruía a liberdade individual. Recorrendo a observação da natureza, principalmente ao desenvolvimento das espécies frente ao meio ambiente, Kropotkin pretendeu estabelecer as relações existentes entre

doutrina anarquista que teve como expoentes o russo Piotr Kropotkine, o italiano Enrico Malatesta e o geógrafo francês Elisé Reclus, nomes presentes em *La Battaglia*, seja nas listas de livros das bibliotecas de grupos libertários ou em trechos de livros publicados nas colunas do periódico.

É importante salientar que neste período a imprensa escrita brasileira passava gradualmente a responder às necessidades mercadológicas vinculando propagandas em suas páginas, como era o caso dos jornais da “grande imprensa”. Diferentemente destes, os periódicos anarquistas, como é o caso de *La Battaglia*, mantiveram-se “puros” e compreendiam o jornal como forma de doutrinação e discussão de idéias. Sendo assim, a imprensa de cunho anarquista se encontra distante das mudanças percebidas neste período na imprensa brasileira.

Na última década o ritmo das pesquisas históricas que tiveram como objeto de estudo o conjunto das práticas anarquistas no Brasil arrefeceu. Depois do grande número de estudos publicados entre meados da década de 1980 e toda década de 1990 a produção intelectual a respeito do movimento operário brasileiro nas primeiras décadas do século XX diminuiu sobremaneira nos últimos anos. Herdeira de um contexto sócio-político demarcado pelo restabelecimento das práticas democráticas e pela emergência dos movimentos de organização dos trabalhadores, a historiografia deste período foi marcada, principalmente, pela análise política do movimento operário³. Paralela a esta produção outros estudos objetivaram investigar as práticas culturais estabelecidas pelos militantes anarquistas durante a Primeira República⁴. Os novos enfoques propostos por esta linha da historiografia foram importantes no sentido de deslocarem o estudo do movimento operário no Brasil da vertente política, procurando oferecer

os indivíduos e a sociedade buscando no caráter de ajuda mútua presente nos animais da mesma espécie o perfil do homem.

³ CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988; CARONE, Edgar. *Movimento operário no Brasil. (1877-1944)*. 2. ed.. São Paulo : Difel, 1984; DULLES, John W. F.. *Anarquistas e comunistas no Brasil. (1900-1935)*. 2. ed.. rev. amp. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980; FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social. (1890-1920)*. 4. ed.. São Paulo : Difel, 1986; LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000; MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. (1890-1920)*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979. RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, resistência e trabalho em Curitiba (1890-1920)*. São Paulo: Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, 1985; TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália. (1890-1945)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

⁴ BATALHA, Cláudio H. M; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. (Orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004; HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: UNESP, 2002; RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

novos enfoques, como a formação da identidade entre os trabalhadores. A filiação teórica para estes trabalhos foi fornecida, em grande parte, pelas análises inovadoras propostas pela *new left*, em especial o historiador E. P. Thompson⁵. Procurando distanciar-se das análises puramente marxistas, Thompson conferiu atenção especial à experiência dos próprios sujeitos, afastando-se das análises que se baseavam em atitudes dadas *a priori* que procuram interpretar o processo histórico por meio de abordagens reducionistas

Inicialmente Thompson reagiu contra os historiadores que compreendiam os levantes populares como sendo provenientes do caráter ingovernável e incivilizável das massas, as quais se insurgiam sem uma razão específica e praticavam, deste modo, uma violência gratuita. Neste sentido, Thompson “elegu” a cultura como força motriz da transformação histórica, relegando a um segundo plano as interpretações que buscavam nos fatores sócio-econômicos as razões pelas quais havia o conflito social. Ao enfatizar a experiência, Thompson não entende a teoria marxista como uma “camisa-de-força”, mas sim pela necessidade de ser comprovada empiricamente, através da “experiência vivida”. “Em termos ideais, o conceito de E. P. Thompson da formação cultural de identidade de classe pretende promover uma análise sutil da interação dialética entre economia e valores, entre estrutura e operação, entre os elementos materiais e culturais de existência”.⁶

Outras influências importantes sobre a historiografia sobre o assunto foram os conceitos de *sociedade disciplinar*, *normatização* dos corpos e *micropoderes* elaborados pelo filósofo francês Michel Foucault⁷. Constatando a existência de uma ligação estabelecida entre *saber* e *poder*, uma relação recíproca que buscava submeter as massas desordeiras à disciplina e reger o indivíduo, Foucault explicita de que maneira a produção de determinados saberes científicos atuou como poderes disciplinarizantes das individualidades e gestores dos comportamentos. Sendo assim, não se confere apenas à esfera estatal o monopólio maciço e homogêneo sobre o poder, pois o poder deve ser examinado como uma relação instituída em rede e não a partir de um foco central e único do qual se irradia para os demais setores da sociedade, em uma trajetória descendente.

⁵ THOMPSON, Edward. P. *A formação da classe operária inglesa*. (3 vols.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁶ DESAN, Susan. “Massa, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis”. In: HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 69.

⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. São Paulo: Vozes, 2001; *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 19ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

A desvinculação de uma perspectiva centrada no trabalho, conceito que norteou a historiografia brasileira durante as décadas de 1980 e 1990, e a conseqüente utilização de novos referenciais teóricos permite oferecer uma nova visão sobre pontos até então pouco explorados da atividade intelectual dos homens que formaram o corpo do movimento libertário nas primeiras décadas do século XX. A partir do referencial metodológico chartiniano, utilizo o conceito de “apropriação” com o intuito de ultrapassar uma análise centrada unicamente na resistência dos redatores libertários frente ao capital. Mais do que simples resistência, os artigos presentes no paulista *La Battaglia* revelam o intrincado sistema de apropriações pelo qual passou a retórica do movimento anarquista.

Sob este *viés*, focalizo a análise no entrecruzamento de discursos existentes na sociedade brasileira do momento. Longe de estar alheia aos debates que dominavam a cena pública republicana, a fala dos redatores evidencia uma constante permuta de conceitos com outros discursos, como o higienista, criminológico ou sobre a condição da mulher na sociedade. Sendo assim, o eixo central que norteia os três capítulos deste trabalho passa justamente pelas influências e apropriações exercidas pelo discurso dos redatores e, além disso, as maneiras pelas quais foram exercidas estas práticas. Neste sentido, procuro “[...] compreender como a recepção particular e inventiva de um leitor singular [...] está encerrada em uma série de determinações complexas e entrecruzadas: os efeitos de sentido buscados pelos próprios dispositivos da escrita; os usos e as apropriações impostos pelas formas de representação” do texto [...]; e as competências, as categorias e as convenções que governam a relação de cada comunidade com os diferentes discursos.”⁸ Além disso, tenciono me distanciar das concepções dicotômicas e maniqueístas que procuram impingir cisões do tipo popular/elite ou letrados/iletrados. Com efeito, “onde se acreditavam descobrir correspondências estritas entre clivagens culturais e oposições sociais existem antes circulações fluídas, práticas compartilhadas, diferenças indistintas. São numerosos os exemplos de usos “populares” de objetos, de idéias, de códigos não considerados como tais, e numerosos também os materiais e as formas de uma cultura coletiva das quais as elites só se separam lentamente.”⁹

No primeiro capítulo analiso como as influências do debate científico em curso no Brasil durante a alvorada do século XX se fizeram presentes no discurso anarquista. Pretendo

⁸ CHARTIER, Roger. “Uma crise da História? A História entre narração e conhecimento. *Fronteiras do Milênio.*, p. 128.

⁹ CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 08.

demonstrar que os redatores libertários de *La Battaglia* também partilhavam de uma visão redentora a respeito da Ciência. Entusiasticamente recebida nos institutos científicos encarregados de pensar a nação, com a ciência desejava-se romper com o passado arcaico e colonial construindo uma sociedade moderna e civilizada.¹⁰ Entendida como palavra de ordem, o ideário científico penetrou nos grandes centros urbanos do início da era republicana a partir de programas de higienização e saneamento que pretendiam eliminar as doenças e implementar novos hábitos e costumes na população citadina. Extremamente difuso e heterogêneo, o debate científico em voga no Brasil durante o final do século XIX e início do século XX abarcou diversas tendências e originou interpretações que, por vezes, mesclavam conceitos e teorias originalmente antagônicas.

Nesta perspectiva, defendo que os círculos libertários também partilharam desta visão salvadora da Ciência, seja nas construções utópicas de uma nova sociedade ou nas discussões acerca da origem do homem. Evidenciando a mútua influência sofrida pelos mais variados discursos, provenientes de diversos estratos sociais, foi bastante presente nas páginas de *La Battaglia* os artigos a respeito do crime e do criminoso. Os usos comuns de conceitos que percorriam caminhos diversos na sociedade possibilitaram que, de certa maneira, os redatores libertários comungassem do mesmo pensamento da Escola italiana de Direito Penal ao atestarem a impossibilidade de existência da noção de livre arbítrio, conceito compreendido por meio da ótica libertária, e, portanto, assentado em uma perspectiva de uma sociedade desigual que produzia criminosos e lhes negava a possibilidade de mudança.

No capítulo II, analiso de que maneira os redatores de *La Battaglia* percebiam o conjunto das práticas morais, em especial a relação dos trabalhadores com o álcool e a visão sobre o papel da mulher na sociedade. Uma visão que foi bastante solidificada na historiografia¹¹ que estudou o tema é a de que os redatores, de maneira consciente, ao criticarem a ingestão de bebidas alcoólicas pelos trabalhadores, o faziam em uma perspectiva classista. Defendiam os trabalhadores frente o poder do Capital prevenindo para que não concentrassem suas energias em outra ponto senão a Revolução social. No entanto, esta visão não leva em consideração a possibilidade de existirem influências entre os vários discursos que vicejavam no ambiente social das primeiras décadas da República, como por exemplo, os debates em torno da degeneração.

¹⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 35.

¹¹ RAGO, Luzia Margareth. *Op. cit.*, p.

Constante nas falas de médicos e autoridades sanitárias, a degeneração social fazia parte dos piores pesadelos dos intelectuais e dos meios mais abastados da população. A imagem dos casebres populares com a infinidade de corpos que ocupavam um mesmo espaço, centro gerador das epidemias que sorrateiras atingiam até os casarões das famílias ricas constava também nos discursos dos políticos. Nestes discursos a população pobre passou a ser relacionada com a possibilidade concreta de degeneração da sociedade e, para tanto, houve a implementação de obras de modernização dos centros urbanos, destinadas a afastar das zonas centrais a pobreza. Nas páginas de *La Battaglia* o temor à degeneração dividia espaço com os artigos que defendiam o fim do militarismo ou evidenciavam o papel nefasto do Estado na exploração dos trabalhadores, sendo constante as cenas de famílias destruídas pelo vício do pai no álcool, vício este repassado aos seus filhos, produzindo uma geração de degenerados. A partir de um tema que originalmente não fazia parte da doutrina anarquista, pode-se perceber que os redatores libertários sofriam a influência dos demais discursos que dividiam a cena urbana, reinventando a sua função e as suas interpretações.

Outro ponto ignorado pela historiografia foi a função assumida pelas obras literárias que tinham como pano de fundo a vida nos bairros operários na decodificação das imagens presentes no dia-a-dia operário. Os portões das fábricas, os bares frequentados pelos trabalhadores após a longa jornada de trabalho, enfim, as pinturas feitas por autores como Máximo Gorki, Emilé Zola e Victor Hugo serviam ao mesmo tempo como ecos da exploração operária e como uma janela pela qual enxergavam a dinâmica da sociedade.

No capítulo III analisarei a constituição da retórica anticlerical entre os redatores anarquistas, em especial Luigi Damiani. As críticas ácidas contra os padres principalmente por meio da sua ridicularização são herdeiras diretas do movimento iluminista, surgido na França no século XVIII. Na sua luta contra o poder da Igreja, os redatores libertários sempre pintavam os padres nas suas páginas como inimigos da família, prontos a destruírem os lares operários. Os padres que nos confessionários perguntavam às mulheres onde colocavam as mãos durante a noite, o que faziam na alcova com seus maridos são imagens estéticas presentes em várias publicações anticlericais, como por exemplo *A Religiosa*, de Denis Diderot, presente nas prateleiras do pensamento libertário. Assim como nos outros capítulos, analisarei as apropriações tecidas pelos redatores e a sua reelaboração nos artigos de *La Battaglia*.

Sendo assim, será discutida a formação da intelectualidade anarquista partindo-se de um viés cultural, distante da perspectiva classista presente nos estudos empreendidos nas últimas décadas. Apoiando-se na idéia defendida pelo historiador Roger Chartier das trocas culturais entre os vários sujeitos não se pretende amenizar ou obliterar as contradições e as diferenças sociais. Salienta-se que a constituição da matriz intelectual dos militantes libertários não esteve restrita unicamente a autores pertencentes à corrente anarquista. Os redatores que caminhavam com a mesma desenvoltura pelas obras de Zola, Gorki ou do biólogo alemão Ernest Haeckel também se apropriaram dos discursos presentes na sociedade brasileira da *belle époque*, como o higienista. Isso evidencia o complexo processo do compartilhamento e das transformações dos bens culturais empreendido pelos indivíduos que gravaram suas opiniões nas folhas do periódico *La Battaglia* e fornece uma nova abordagem a respeito do tema.

CAPÍTULO I: CAMINHOS CRUZADOS: ENTRE A CIÊNCIA E A UTOPIA

Naquelas primeiras décadas republicanas a efervescência cultural era percebida entre os mais estranhos, impensáveis e diversos cantos. Um período permeado de estranhezas e contradições, mas onde vicejavam uma grande variedade de discursos. Como um mosaico extremamente fluído, aglomeravam-se nos casebres populares italianos, espanhóis, portugueses e brasileiros, cada um com seus medos e sonhos. Nos grandes centros urbanos floresciam avenidas amplas e largas, homens elegantes desfilavam pelos grandes *boulevards*, espiando as silhuetas das moças escondidas nos seus vestidos franceses. O vaivém dos veículos a representar a direção do progresso. Grandes reformas urbanísticas prenunciavam uma visão científica da cidade. A Ciência pairava sobre todo o tecido social como uma densa nuvem que alimenta a imaginação nas suas formas ou um espectro que sorrateiro a tudo observa. Respirava-se Ciência. Como uma entidade que poderia assumir variadas formas, os mais variados discursos entrecruzavam-se em uma sociedade que buscava se igualar às nações européias, depositário natural dos anseios e desejos de toda uma elite, trazendo consigo “[...] a sensação de proximidade com o mundo europeu e de confiança na inevitabilidade do progresso e da civilização”.¹

Nos institutos científicos a buscar uma saída para o país, nos museus a catalogar a evolução humana, enfim, nos mais variados cantos fazia-se presente a retórica cientificista como maneira de conduzir a nação ao progresso. A Ciência permeava os mais variados discursos, provenientes dos mais diversos setores do quadro social, como que a representar a autoridade com a qual se produzia valor a fala de políticos, literatos, médicos higienistas², jornalistas etc. Neste sentido, a produção higiênica da cidade através da ação das autoridades sanitárias, as pesquisas antropológicas realizadas nos museus, o desenvolvimento da Antropologia Criminal visando a análise científica dos delitos, a Eugenia, destinada a formar uma “raça pura” eram discursos que se entrecruzavam gerando influências mútuas e que, de certa maneira, delimitavam o campo político dos diversos segmentos sociais.

Sendo assim, neste capítulo pretendo analisar a constituição do discurso anarquista durante os primeiros anos do período republicano no Brasil partindo de um *viés* ainda não

¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 35.

² Higienizar implicava em drenar pântanos, alinhar e calçar ruas, retificar cursos de rios, instalar água encanada e rede de esgotos, arborizar praças, prevenir focos potenciais de enfermidades onde estivessem (prédios, fábricas, cemitérios), adotar medidas preventivas, como vacinas e, principalmente, combater hábitos anti-higiênicos. Em suma, ordenar o espaço, disciplinar usos, controlar e regular hábitos da população eram questões muito caras para os médicos higienistas. Da mesma forma, nesta política sanitarista de purificação da cidade a ação dos higienistas sociais incide também sobre a moradia dos pobres, de acordo com o desejo de constituir a esfera do privado, tornando a casa um espaço confortável, afastada dos perigos ameaçadores das ruas.

utilizado na historiografia brasileira, aproximando-o do debate científico existente no ambiente urbano, em temas como a hereditariedade ou a questão criminal. Ao mesmo tempo procuro analisar nas representações sociais utópicas libertárias a ligação estabelecida entre a dimensão utópica tecida pelo discurso anarquista e a presença de uma cientificidade voltada para a construção do edifício anárquico. Sugere-se a hipótese de que, assim como os demais discursos presentes na sociedade, a retórica anarquista buscava para si a utilização de um estatuto científico como forma de adquirir autoridade, fazendo-se perceber que também os anarquistas compartilhavam da ideologia do progresso sob o manto da Ciência.

As idéias de evolução e progresso estão presentes nas obras de teóricos anarquistas como Kropotkin e Elisee Réclus, sendo que o anarquismo faria parte de um desenvolvimento da sociedade, voltada cada vez mais para os benefícios da Ciência e procurando se afastar das concepções metafísicas. A aproximação com as ciências naturais fica evidente nos artigos presentes em *La Battaglia*. Mais do que uma simples repetição do conteúdo teórico dos baluartes do anarquismo internacional, os redatores e colaboradores do jornal mostravam-se permeáveis a todo um debate que estava ocorrendo principalmente nos grandes centros urbanos brasileiros. O que se pode evidenciar é que ao defenderem a utilização dos atributos científicos na compreensão da sociedade, os redatores de *La Battaglia* demonstravam a porosidade cultural do período, no qual influências muitas vezes díspares se inter-relacionavam e acabavam por amalgamar valores culturais singulares. Como no caso do debate ocorrido no país em torno da questão criminal. Nas primeiras décadas do século XX, circulava com intenso frescor no país as teses da Antropologia Criminal oriundas do Velho Mundo. Por plagas brasileiras, as concepções da Escola Italiana usufruíram de intenso prestígio tanto entre os grupos sociais desejosos de “limpar” o ambiente social do convívio de uma gama de indivíduos não afeitos aos seus preceitos moralizantes, mas também foram debatidas nas páginas dos jornais anarquistas, que, de um modo diferente, apropriaram-se de apenas alguns segmentos presentes na teorizações de Lombroso, Ferri e Garofalo.

1.1 Sociedade libertária: entre a utopia e a ciência

A sociedade anarquista era vislumbrada como a forma de organização perfeita, onde não existiriam leis e governo. Mais que isso, era entendida como o produto final do progresso

inexorável ao qual a humanidade estava submetida, progresso este resultado do somatório dos esforços, da sinergia de vontades em proveito de toda a humanidade:

O imenso desenvolvimento da indústria, dos comércios, da ciência; o grau de civilidade ao qual nossa espécie chegou, se devem unicamente à iniciativa privada, à soma dos esforços e dos sacrifícios que as classes laboriosas de todos os países e de todos os tempos souberam fazer.

Ao Estado se devem, ao contrário, toda a opressão, toda a guerra, toda a carnificina, toda a iniquidade, toda obra de sujeição moral e de banditismo que cumpriram e cumprem em proveito das classes dominantes. Ele nada dá, tudo retira; nada crê, tudo destrói, usurpa e mata.³

Enquanto isso, o Estado seria um obstáculo na marcha da evolução humana, destinado a usurpar e provocar a distinção entre os indivíduos. Como membros da mesma espécie, a desigualdade social e econômica presente na sociedade capitalista era algo anti-natural, decorrente da natureza nefasta da sociedade de classes.

Entretanto, não existia um projeto definido do que seria a sociedade do futuro, a sociedade anárquica. O que apareciam eram pontos sobre os quais deveriam ser assentadas as novas relações sociais, fundamentadas sempre sob a ótica da solidariedade e da igualdade. Como bem ressalta Ristori,

Não sendo profetas, é natural que não possamos precisar com rigor matemático o modo e a forma que os homens de amanhã escolherão para reorganizar a nova sociedade com base na anarquia. Todas as nossas previsões [são feitas] com cuidado, fundadas sob o ponto de vista teórico, podem resultar em grande parte errôneas quando se trata de traduzir em prática tudo na ordem das aspirações e dos ideais, de transformar isso que hoje é apenas uma vasta idealização em uma concreta realidade de fato, tanto mais que o grau de evolução, as características das raças e os costumes não são os mesmos em todos os povos, somos autorizados a pensar por certo que o processo de instalação do novo regime não será por todo o lado o mesmo, mas deverá necessariamente sujeitar-se às modificações segundo a natureza especial dos obstáculos que serão vencidos nos diversos ambientes.⁴

O fato de Ristori não se considerar um profeta exprime bem a forma assumida pelos redatores anarquistas na explanação da teoria aos trabalhadores. Nada de projetos pré-concebidos, idealizações mágicas que se assemelhavam a elucubrações metafísicas. Com extrema argúcia, Ristori previu que a futura sociedade anárquica seria multifacetada, plural, adequando-se aos

³ **POLINICE**. “La anarchia como ideale e come fattore di progresso”. *La Battaglia*, 15 de setembro de 1911, nº 321, ano VIII, p. 01.

⁴ **RISTORI**, Oreste. “Come se vivrà in anarchia”. *La Battaglia*, 01 de novembro de 1908, nº 190, ano V, p. 01.

valores culturais próprios de cada sociedade, bem como seu “grau de evolução”. No entanto, quais seriam os alicerces sobre os quais se erigiriam os pilares da nova sociedade? Novamente Ristori expõe na sua articulação um traço no qual os anarquistas se detiveram muitas vezes, qual seja, o campo econômico:

[...] entre todos os problemas que se importam na sociedade anárquica, o primeiro a ser resolvido será aquele de reorganizar a produção sobre livres bases de acordo e no modo que essa, liberada de todas as formas de monopólio e de exploração particular, potencialmente auxiliada pela força mecânica aplicada sempre mais extensivamente à agricultura e à indústria em substituição da animal, compensando com grandes vantagens o mínimo esforço físico ou intelectual de cada um, aos quais será deixada ampla faculdade de trabalhar em comunas, em grandes laboratórios [...] ou isoladamente em casa própria, segundo o temperamento e os gostos particulares do indivíduo.⁵

Sobre estes pontos gerais abordados por Ristori aparece com destaque a retórica centrada no apelo aos esforços individuais de cada um em benefício da coletividade. Ao indivíduo seriam respeitadas as suas vontades, “aos quais será deixada ampla faculdade de trabalhar em comunas, em grandes laboratórios ou isoladamente em casa”. Além disso, nas entrelinhas percebe-se nas palavras de Ristori uma ode à tecnologia, não como uma forma de exploração do homem, mas ao contrário, uma forma de libertação, onde seriam compensadas com grandes vantagens o “mínimo esforço físico”. Muitas vezes este aspecto presente no discurso anarquista dos redatores libertários foi mal compreendido pela historiografia, que criticava e menosprezava o fato de os anarquistas “ainda” acreditarem nos benefícios da tecnologia.

Gigi Damiani, outro anarquista italiano que colaborou ativamente em *La Battaglia*, primeiramente mandando seus artigos de Curitiba e posteriormente fixando-se na cidade de São Paulo, onde se tornou redator do periódico italiano por poucos meses em 1913 até sua saída definitiva do jornal. Em Curitiba publicou um periódico anarquista entre os anos de 1904 e 1905 com o sugestivo nome de *O Despertar*. Com artigos sobretudo de natureza anticlerical, Damiani também se ocupou de alinhar as linhas gerais da nova sociedade ácrata.

Sempre tomando como base os aspectos criticados na sociedade capitalista, Gigi publicou no jornal *O Despertar* um pequeno romance em fascículos no qual narra as desventuras de um indivíduo que acorda em um país totalmente estranho:

Não obstante isso desatei o saco, tirei um punhado de moedas de ouro – oh! como resplandeciam aos primeiros raios de sol... oh! as lindas moedas! – e lhas mostrei fazendo-as tinir...

⁵ *Idem.*

Assim mesmo o homem não compreendeu... olhou de um modo curioso aquele cintilar, sem comover-se, sem demonstrar o mínimo desejo de possuir um pouco do precioso metal e repetiu tranquilamente:

- O que é o dinheiro?

Reuni as poucas forças que me restavam, levantei-me e:

- Imbecil, gritei, então tu ignoras qual é a mola propulsora da vida, o eixo da ordem social? O único meio pelo qual chega se á felicidade? Vês? com o dinheiro, com este, - porque este é dinheiro, bom, dinheiro do legítimo – se abrem canais, se unem os mundos, se partem as montanhas, se chega à gloria, se conquista nações, se fundam indústrias, se compra o amor, se goza, se vive...

- Com esse?

- Sim, idiota... com esse... Não tendes então aqui no vosso país, se é que aqui há um país, nem comércio, nem artes, nem indústrias? Do que é proveniente o vosso bem-estar?

- Do trabalho!

- Pois é... do trabalho... quem é pobre trabalha, mas quem tem desse não trabalha mais... faz os outros trabalhar... Quem tem desse e bastante, como eu, não tem necessidade de nada... [...].⁶

Por intermédio do romance social de Damiani pode-se evidenciar todas as mazelas da sociedade capitalista, uma vez que a construção imaginária da sociedade ácrata apresentava-se como o contraponto, fundamentada na solidariedade. Ao caminhar pelo país com a companhia do curandeiro, como é chamado o personagem com o qual o “hospede do saco de ouro” conhece a nova terra, Damiani, por intermédio deste, oferece a sua visão sobre a ordem social presente na sociedade ácrata, advinda por meio da revolução social, ao mesmo tempo em que analisa e critica os baluartes da ordem vigente:

Adeus família, adeus governo e adeus propriedade. Esta é a lógica uma vez que desconheceis a existência do dinheiro [...]

- Bem imaginado, meu caro hospede do saco de ouro... bem imaginado!... Mas, podereis dizer-me, caro senhor, o que é a ordem social entre vós?

Digo *vós* porque certamente pertenceis a uma humanidade, mais ou menos numerosa, bárbara, existente...

- Eu pertenço á humanidade que pensa como se deve senhor... bárbaro sois vós e vossos companheiros... E digo mais: a humanidade sou eu porque sou parte da maioria...

Com efeito as maiorias, são compostas de imbecis...

Teria de bom grado estrangulado aquele homem. E si não o fiz foi porque não vi um policia, alli por perto e nem mesmo distante, que me pudesse valer caso fosse preciso... [...] que apoiasse o meu bom direito de defensor dos imutáveis princípios sobre que baseia-se a harmonia social e toda regra da vida civil...

[...]

O que é a ordem? Magnífica pergunta! É a ordem. Provem de Deus: garantida pelo governo, defendida pela policia...⁷

Tendo como fundamento a crítica à autoridade, Gigi constrói ideologicamente para os trabalhadores a sociedade capitalista, na qual a existência de uma força metafísica, como Deus, é diretamente relacionada com a instituição do governo e a confecção de um aparato policial, “defensor” da ordem social. Do mesmo modo, os burgueses são associados à figura do bárbaro,

⁶ *O Despertar*, “Contos extraordinários do além túmulo”, 30 de novembro de 1904, n° 06, ano I, p. 03.

⁷ *Idem*, p. 04.

imagem que, no discurso operário, deveria adquirir a conotação de inimigos, seres estranhos, distantes dos preceitos civilizados necessários à nova ordem social e que, sendo assim, deveriam ser combatidos. Como bem salientou Francisco Foot Hardman, a representação de um mundo civilizado e ordeiro pelo discurso anarquista, alicerçado em uma aparente desordem estabelecida por uma sociedade sem governo e pela espontaneidade das massas, pretendia perceber na sociedade capitalista uma evidente desordem, apoiada sobre a ótica da exploração.⁸

Continuando a exploração da nova terra, o viajante se surpreende com os lavradores existentes no país, os quais, após poucas horas de trabalho durante o dia, voltam para os seus lares:

- Está tudo muito bem. Mas o sol ainda não chegou ao Zenith e os vossos trabalhadores de terra, bem pouco terão trabalhado, se os vejo já de volta para casa...
- Efetivamente pouco trabalham, porque as maquinas, que substituíram os músculos, encarregaram-se de sulcar a terra...[...]⁹

O país no qual reside o curandeiro é elaborado por Damiani com base na crença operária relacionada ao aspecto positivo da tecnologia. Deste ponto de vista, a futura sociedade anárquica caracterizaria-se pelo trabalho, mas não o fundamentado na sua exploração por outro indivíduo, e sim no seu caráter moralizante, em que todos os indivíduos trabalhariam coletivamente com vistas ao bem comum. Segundo Margareth Rago, durante este período a crítica operária ainda não compreendia a tecnologia capitalista como um saber produzido a partir da luta de classes e, por esta razão, os anarquistas defendiam o papel libertador exercido pelo poder da técnica, instituído pelo imaginário burguês, e a ideologia do trabalho. Coadunado a isso, os textos libertários apresentam-se apologéticos em relação às máquinas, entendidas como uma grande conquista da humanidade e agentes libertadores do homem do reino da necessidade, permitindo, desta maneira, uma vida mais livre e criativa, na qual o trabalho seria transformado em atividade de auto-criação da humanidade.¹⁰

Ao debaterem os pontos sobre os quais se organizaria a sociedade anarquista, outras questões orbitavam o horizonte intelectual dos pensadores que gastavam sua pena nos periódicos ligados à corrente libertária. Presente no imaginário cotidiano de pensadores dos mais diversos

⁸ **HARDMAN**, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!*: memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 58-59.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ **RAGO**, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 57-58.

matizes sociais, as discussões em torno da bagagem hereditária e a sua influência na constituição da sociedade perfizeram um caminho insólito, ocupando espaço de discussão de meios intelectuais ligados às instituições científicas, mas, do mesmo modo, tomando as páginas anarquistas de *La Battaglia*.

1.2 Partilhas culturais: o debate sobre a hereditariedade

Pensando na organização da nova sociedade os colaboradores de *La Battaglia* tencionavam pensa-la de modo científico, tanto nos meios mais prováveis de edificação do novo monumento social quanto na formação física e moral assumida pelos indivíduos na sociedade anárquica. Partindo-se de uma abordagem de cunho “construtivista”, deve-se compreender a Ciência como uma “[...] atividade altamente social e que não esteja isolada dos valores da sociedade em que é praticada”.¹¹ Portanto, pretendo pensar de que forma o debate científico amplamente veiculado nos meios intelectuais também impregnou a retórica anarquista.

Contribuíram decisivamente para este olhar científico um pensamento baseado em leis e regras gerais provenientes das ciências naturais. Uma verdadeira panacéia de cunho científico na compreensão sobre o tecido social estava presente em vários ramos da sociedade brasileira, tanto nos institutos científicos quanto entre a população letrada em geral. Alinhando minuciosamente os princípios norteadores de uma saber científico, os anarquistas também partilharam desta concepção de ciência então em voga em solo brasileiro, sobre a qual repousavam princípios pertencentes às ciências naturais. Pensando desta maneira, ladrilhar um caminho possível para compreender as linhas dos artigos de redatores e colaboradores das páginas anarquistas torna-se possível. Como pode ser percebido na explanação sobre a natureza da sociedade nas palavras de um colaborador efêmero de *La Battaglia*:

Com maiores detalhes e mais exatidão se pode dizer dos corpos vivos – se deve conhecer – *cientificamente* conhecer – a qualidade das nossas carnes, o funcionamento, as combinações dos nossos esqueletos – se deve saber como estas melhores qualidades, estas estruturas superiores se criam, em quais condições, com quais meios, por quais processos nós *podemos produzi-las*.

Penetrar nas revoluções, nas degenerações, nas agitações misteriosas que perturbam e assolam – inesperadamente ou lentamente – os cérebros e os nervos: analisar, perseguir e enlaçar os seus inícios, o enredo da degeneração orgânica: psíquica e física: descobrir os elementos, a técnica e a arte para a racional

¹¹ STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 16.

construção do mais precioso e maravilhoso, entre os edifícios vivos: *o edifício humano!* Este é o ideal, o grande e supremo ideal da Arte e da Ciência!¹²

Segundo Baldazzi, estudar e conhecer cientificamente o homem tornaria possível compreender e, além disso, prever as suas atitudes e comportamentos. Demonstrando a influência das teorias biológicas que estabeleciam uma analogia entre o mundo animal e vegetal, regidos por leis universais, também o homem seria condicionado por regras gerais que presidiriam toda sociedade. Compreender estas leis significaria perceber a natureza da alma humana, as causas da degeneração e as razões pelas quais os homens iniciavam revoluções e empunhavam princípios e desejos. Enlaçava também desvelar os elementos físicos e psíquicos formadores da espécie humana, descobrindo as técnicas racionais necessárias para se conhecer o homem.

A visão da sociedade como um organismo vivo foi recorrente durante o século XIX e início do século XX e pode ser representada pela ação dos médicos higienistas que procuraram medicalizar a sociedade com o objetivo de cura-la, tal como o corpo humano infectado por um vírus. A associação do corpo humano com um organismo vegetal percorre a mesma direção, pois se poderia prever as suas atitudes e sanar os problemas com maior eficácia. Como explicita claramente G. Baldazzi no seu artigo:

As leis que presidem a vida do mundo vegetal, os modos de formação e de estrutura das grandes vegetações não diferem daquelas que se referem à organização física do homem.

[...]

Sim, porque o homem não é em substância nada mais que uma planta de carne e osso.

[...]

Estas breves observações – e elementaríssimas – bastam para explicar e demonstrar o meu conceito: o conceito que na questão social está envolvido o interesse físico e biológico da raça humana: - que a luta da minoria consciente conta o misoneísmo e o embrutecimento predominante diz respeito em substância à conservação orgânica da vida. Não será simplesmente uma revolução de pedintes que se anuncia com o século XX – não será pela ausência do pão e da igualdade política que se insurgirá o cidadão de amanhã – a regeneração física, eis a mola da nova consciência, dos novos ideais da humanidade.¹³

Todos os sofrimentos, vicissitudes e lutas estariam expressos nos troncos, nas fibras da árvores, evidenciando um processo contínuo de embate pela vida, pelos nutrientes. A partir da posição do caule, da sua espessura, do estado dos seus tecidos, Baldazzi afirma que é possível prever quantos anos estará destinada a viver. A analogia entre o mundo vegetal e o animal, por consequência, tecia um paralelismo com a espécie humana. Nesta comparação entre o mundo

¹² BALDAZZI, G. “O homem e a planta”. *La Battaglia*, 10 de maio de 1908, n° 167, ano V, p. 02-03.

¹³ *Idem.*

vegetal e a espécie humana, Baldazzi estabelece outro ponto de comparação entre as plantas e o homem: os caracteres herdados das gerações anteriores.

Em uma árvore, grande parte do futuro pertence às origens, à hereditariedade, mas o passado nem tudo determina; a luz, o clima, o nutriente, a concorrência das plantas e dos animais em volta, a cultura do homem decidem a sua a sua grandeza e completa duração. A luz, o nutriente, o clima, o ambiente e a cultura, eis os verdadeiros fatores da vida!

[...]

Quando se admira uma planta alta, direita e forte, ou então uma fisionomia – um físico humano – de traços gentis, nobres e encantadores – de compressão sólida, sã e exuberante – não devemos crer que esta qualidade, estes fenômenos se devem ao acaso ou milagre.

[...]

Qualquer bela forma vegetal ou animal não se cria, não aparece como um capricho de deus ou da natureza: essa é em todos os casos o fruto da *cura*, da luta perseverante, do esforço consciente e inteligente acompanhado pelo curso de todas as gerações ancestrais.¹⁴

Neste ponto pode-se perceber uma das facetas presentes no cerne do discurso dos redatores e colaboradores de *La Battaglia*. Além de pensar nas formas pelas quais se organizariam a nova sociedade, sempre se baseando na ciência e procurando se afastar das concepções metafísicas, os colaboradores dos periódicos ácratas aproximavam-se de um debate intelectual e científico instituído em outro âmbito. O debate em torno da origem do homem e a questão da hereditariedade.

Ao citar que para o desenvolvimento humano concorrem fatores como o ambiente e a cultura, além dos hereditários, Baldazzi faz referência a um dos principais debates ocorridos no Brasil durante as décadas finais do século XIX e o início do século XX, a evolução humana, entendida como forma de pensar o futuro da nação. Durante todo o século XIX os apontamentos e dúvidas em torno da questão da hereditariedade permearam os trabalhos de médicos e outros integrantes do *staff* científico europeu. Um fator inquestionavelmente aceito por cientistas e pela sociedade de uma maneira geral era o princípio da evolução humana. No entanto, os modos pelos quais esta evolução se processava ainda eram obscuros.

Somente a partir da transposição para a sociedade humana das leis biológicas da seleção natural e das descobertas do cientista, geógrafo, viajante e estatístico Francis Galton, a respeito da ciência da hereditariedade, os princípios norteadores da evolução humana se tornaram um pouco mais claros. Baseando-se em métodos genealógicos e estatísticos simples, Galton afirmava ser a

¹⁴ *Idem.*

aptidão humana resultado da hereditariedade e não dos fatores sociais, como a educação.¹⁵ Seriam as capacidades herdadas de geração em geração de maneira biológica que estabeleceriam os mais ou menos capazes intelectualmente e qualquer tipo de modificações no meio social seriam irrelevantes. Deste modo, Galton pretendia refutar o conceito dos caracteres adquiridos presentes na teoria do biólogo francês Jean-Baptiste Lamarck.

Todavia, como se percebe nas palavras de Baldazzi, a defesa de que os fatores sociais, tais como a educação, influenciariam no desenvolvimento das características biológicas dos indivíduos, sendo repassados no decorrer das gerações, demonstra que os ensinamentos de Lamarck não foram de imediato refutados pelas novas descobertas propiciadas por Galton e pelo biólogo alemão August Weismann e a sua teoria da continuidade do “plasma germinativo”.¹⁶ Ao contrário, durante todo este período viveram paralelamente, sendo diferentemente interpretadas pelos pensadores brasileiros que buscavam concilia-las à realidade brasileira e também aos seus posicionamentos políticos, de acordo com o local que ocupavam na sociedade.

Adquirindo grande prestígio entre os meios intelectuais, a idéia de seleção natural de Darwin, contudo, não foi aceita de maneira simples e natural por todas as instituições científicas. No Brasil, por exemplo, a teoria de Lamarck a respeito dos caracteres adquiridos não foi totalmente solapada pelas investidas dos defensores darwinistas e o seu entendimento dos caracteres do homem serem transmitidos a partir da hereditariedade.¹⁷ Para os defensores de Darwin e de outros biólogos como Weismann e também Mendel¹⁸, ao homem não cabia nenhum tipo de escolha a respeito do seu caráter, não podendo ser alterado por modificações no meio social, a partir de mudanças de assimilação genética ao longo de sucessivas gerações.

Expondo os conflitos e heterogeneidade dos redatores anarquistas no Brasil, outro redator esporádico evidencia a complexa apropriação das teorias européias a respeito da hereditariedade. Procurando negar o discurso religioso sobre as origens e características do homem, um redator anarquista escrevendo sob o pseudônimo de “Io” discorria sobre este fato:

¹⁵ **STEPAN**, Nancy Leys. *Op. cit.*, p. 30.

¹⁶ No ano de 1890, Weismann propôs a sua teoria da continuidade do “plasma germinativo”, segundo a qual apenas uma parte de cada célula transportaria o seu material hereditário. As concepções do biólogo alemão, assim como Galton, também contrariavam a teoria dos caracteres adquiridos proposta por Lamarck, que até o momento era considerada a explicação padrão para o funcionamento da hereditariedade.

¹⁷ **DOMÍNGUEZ**, Heloisa Maria Bertol. (Org.). *A Recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p. 80.

¹⁸ Segundo Nancy Stepan, nos primeiros anos do século XX houve a redescoberta das leis de Gregor Mendel sobre arranjo e recombinação de caracteres hereditários em plantas. Por extensão, este princípio abriu possibilidade de aplicação ao reino animal e, por conseqüência, à espécie humana.

Por qual enigma, insolúvel do ponto de vista metafísico, as espécies animais providas de vértebras, apresentam todas, não obstante as enormes diferenças morfológicas entre aqueles mais evoluídos e aqueles menos, os traços anatômicos e fisiológicos de uma origem remota, comum a toda imensa série de vertebrados? [...] apesar de todas as diferenças aparentes e reais que se observam, sobretudo do ponto de vista morfológico, encontraremos sempre na estrutura orgânica os caracteres fundamentais das espécies imediatamente anteriores na origem comum a toda série.¹⁹

De natureza diferente da proposta por Baldazzi, o cerne dos caracteres do homem estaria na estrutura orgânica das espécies ancestrais. Sendo assim, os caracteres seriam transmitidos a partir da herança biológica das gerações anteriores. Continuando com as suas explicações, Io fornece um exemplo muito simples para exemplificar as suas palavras, como que pretendendo tornar uma teoria pouco acessível à maioria das pessoas em algo palpável:

Os cães, por exemplo, a qualquer raça que pertençam, se identificam e se reconhecem por *cães*, por uma análoga conformação anatômica. O esqueleto, o número dos ossos, a disposição dos órgãos, o cérebro, a inteligência, e exteriormente, o rabo, as patas, a posição horizontal do corpo, salvo a proporção dos membros que diversificam, são análogos em todos os cães. O mesmo podemos dizer de todos os outros animais, dos bois, dos cavalos, dos macacos e do homem.²⁰

Defendendo a origem do Homem a partir dos macacos, a explanação continua defendendo o princípio da hereditariedade procurando atestar a ancestralidade das características físicas do homem. À espécie humana restavam características que também podiam ser encontradas nos macacos, atestando a origem e confirmando a teoria da ancestralidade ou hereditariedade:

Ora, negar que o homem pertence a ordem dos macacos só porque se distingue um tantinho dele na proporção dos membros, por um mísero revestimento de pêlo ou por uma inteligência mais desenvolvida, quando a constituição anatômica interna é de uma igualdade quase impressionante, equivaleria negar ao cachorro da raça S. Bernardo o pertencimento à ordem dos cães, apenas porque do ponto de vista morfológico não é tudo idêntico aos cães da raça mastim ou das raças inglesas.²¹

A defesa do princípio da hereditariedade nas palavras de Io podem ser encontradas em Galton, Weismann, e, em especial, Ernst Haeckel, biólogo alemão que no seu livro *A Origem do Homem* contribuiu para a difusão e a consolidação da teoria evolucionista de Charles Darwin, defendendo a herança “genética” do homem nos seus antepassados mais primitivos:

¹⁹ IO. “La scienza contro la fede”. *La Battaglia*, 20 de novembro de 1908, n° 192, ano V, p. 01.

²⁰ *Idem*.

²¹ *Ibidem*.

Não apenas nas mãos e pés, com cinco divisões, mas também em outros caracteres anatômicos, o homem conservou como herança traços primitivos dos seus antepassados; isto se dá muito mais fielmente que a maior parte dos outros mamíferos, como os ungulados, os cetáceos e os quirópteros. A origem simiesca do homem tem, par ao conjunto dos nossos conhecimentos, uma importância enorme, que nenhum pensador imparcial pode negar.²²

Presente nas bibliotecas anarquistas, Haeckel possivelmente foi apreendido pelos redatores dos periódicos anarquistas devido à sua visão extremamente materialista que afastava a possibilidade de um fim teleológico na evolução humana. Partilhando dos seus ensinamentos, Io negava qualquer tipo de intervenção divina na origem do homem e no desenvolvimento das suas características fisiológicas fundamentais. Bem à feição dos ensinamentos propostos pelo biólogo ateu Haeckel, para o qual a “[...] seleção natural *seria* [...] um processo que permitia a manutenção dos indivíduos mais aptos, originários do esforço que realizavam para se adaptarem ao meio ambiente”.²³

Este debate sobre as origens do homem nas páginas de um jornal anarquista evidenciam como os debates de cunho científico atingiam vários campos da sociedade. Claramente se posicionando contra as teorizações religiosas que defendiam visões consideradas metafísicas, como a origem do Homem relacionada à Deus, que o teria criado a sua imagem e semelhança, a discussão centrada na origem das características físicas do homem no periódico anarquista *La Battaglia* confirma que os pensadores anarquistas também participaram do debate científico no Brasil, porém adaptando as diversas matizes teóricas ao seu pensamento. Neste sentido, o conhecimento que se pretendia adquirir sobre o homem e a sociedade, expresso nas considerações gerais sobre a origem do ser humano, encaminhava-se, como um percurso natural, para a questão da hereditariedade. Imensamente debatida nos círculos intelectuais destinados a pensar as soluções possíveis para o futuro do país, a herança hereditária foi eleita por cientistas, literatos, jornalistas como o cerne principal da degeneração social. A partir dela se podiam compreender as práticas criminosas, a proliferação de epidemias, a tendência ao ócio e a vagabundagem, enfim, características próprias a toda uma forma de vida pouco ou nada moralizante.

Nas folhas de *La Battaglia* percebe-se também a emergência deste debate, demonstrando a porosidade cultural a que estavam submetidos os redatores anarquistas pertencentes ao grupo de *La Battaglia*, influenciados por teorias que dividiam espaço na sociedade:

²² HAECKEL, Ernst. *A Origem do Homem*. 2ª ed. São Paulo: Global editora, 1989, p. 43.

²³ DOMÍNGUEZ, Heloisa Maria Bertol. (Org.). *Op. cit.*, p. 82.

Sob qualquer aspecto que se venha considerar, a *lei de hereditariedade* domina toda a biologia. Esta explica a sobrevivência em todas as espécies dos caracteres originais, como a lei de adaptação às diversas condições do ambiente, se explica a degeneração parcial mas progressiva de todas as espécies dos tipos originários comuns. O indivíduo, em qualquer espécie que pertença, é um documento vivo, irrefutável, que testemunha a existência desta grande lei, da *hereditariedade*, ou da ancestralidade. Ele porta, nascendo, todas as características fundamentais dos seus genitores, tanto físicas quanto intelectuais e morais, caracteres mais ou menos vistosos, conforme o ambiente em que vive e que intui a desenvolver, de modo mais ou menos idêntico em que viveram seus genitores.²⁴

Uma visão determinista do indivíduo, que ao nascer já possuía suas características físicas, intelectuais e morais determinadas pelos seus pais. Ao considerar a hereditariedade uma lei, dominante em toda a biologia, um rigor e uma precisão provenientes das ciências naturais são aplicados na compreensão da sociedade, fato presente nas obras de cientistas sociais, biólogos e médicos durante o final do século XIX e a alvorada do século XX, que buscaram leis gerais que regessem toda a sociedade. As palestras, conferências, enfim, todo o destaque que as ciências naturais vinham obtendo neste momento no país denotam a tentativa cada vez maior de se buscar uma visão científica do ambiente social, na tentativa irrefreável de se impingir quase uma exatidão matemática ao conhecimento da sociedade.

Evidenciando apropriações diversas sobre um mesmo tema e a existência de bens culturais partilhados por vários setores da sociedade Haeckel não aparece presente apenas nas listagens de livros pertencentes à bibliotecas anarquistas. Entre os “homens de ciência” brasileiros suas obras e definições a respeito da hereditariedade na evolução da sociedade humana também foram requisitados como métodos para explicar o tenso e complicado aspecto originário dos homens. Neste sentido, atuou de maneira singular Ladislau Netto, intelectual ligado ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Netto procurou conciliar ciência e religião, pois aceitava a ocorrência da seleção natural nos moldes propostos por Haeckel, entretanto compreendia a capacidade de aperfeiçoamento dos seres vivos como um desejo do Criador. Portanto, uma apropriação que implicava em aceitar algumas coisas e deixar de lado outras.²⁵ Nada mais distante das concepções dos redatores e colaboradores de *La Battaglia*, cuja principal filiação às discussões sobre a hereditariedade no processo da evolução humana se dava no sentido de refutar qualquer presença de forças metafísicas atuando nas decisões dos homens.

²⁴ IO. “La scienza contro la fede”. *Op. cit.*, p. 01.

²⁵ DOMÍNGUEZ, Heloisa Maria Bertol. (Org.). *Op. cit.*, p. 82-83.

Partilhando desta visão ficava fácil compreender a origem das doenças, da degradação social e da degeneração física de um país como o Brasil. No entanto, um ponto especial diferenciava a visão dos redatores anarquistas de *La Battaglia* das explanações gerais feitas por médicos higienistas, autoridades sanitárias, policiais, cientistas e outros. Na visão destes, a destruição das habitações pobres, muitas vezes insalubres, e o afastamento dos grupos miseráveis do centro da cidade configurava-se em uma medida profilática, destinada a não permitir a convivência e o contágio com os grupos sociais mais favorecidos. Sendo assim, para médicos higienistas e autoridades sanitárias os degenerados, os herdeiros e portadores da doença social tinham cara, cor e cheiro: os miseráveis.

Não apenas a hereditariedade era fator determinante para a constituição do caráter do indivíduo, mas também as situações fornecidas pelo ambiente social e nesta visão os redatores anarquistas foram muito sensíveis:

Geralmente, de genitores maus, nascem filhos maus, e vice-versa, como dos genitores inteligentes nascem filhos *geralmente* inteligentes, e de estúpidos ou loucos, filhos loucos ou estúpidos. [...] os delinquentes natos, por exemplo, não são nem pretendem ser o fato de ter herdado a tendência ao delito, vale dizer a anormalidade psíquica dos seus genitores. A bondade ou a maldade natural do caráter não vem da providência divina, mas é uma condição psíquica transmitida ao indivíduo pelos seus genitores, [...] todas as criaturas apresentam grandes semelhanças com o pai e com a mãe na faculdade da visão, na boca, nos olhos, nas atitudes, na voz e no gesto, salvo aqueles em que o pai é uma incógnita.²⁶

Nenhuma dúvida restava quanto à origem do caráter do indivíduo bem como a razão dos seus atos, uma vez que quase como um conhecimento solidificado, para o conhecimento científico deste período as tendências hereditárias desempenhavam papel primordial na constituição das atitudes e do caráter, sendo ele bom ou mau. Aliado a isso, as teses médicas e criminológicas condenaram previamente uma série de indivíduos a uma existência atroz, sem possibilidade de reverterem uma bagagem nefasta advinda dos seus genitores.

Além disso, as discussões empreendidas sobre os caracteres hereditários do homem abriam espaço para mais debates, desta vez centrados nas novas teorias criminológicas, que versavam sobre a natureza dos delitos e dos delinquentes. Afinal, para a construção da nova sociedade era necessário pensar a condição dos criminosos, e, mais que isso, as causas dos delitos. A prática do crime era decorrente da natureza opressora e desigual da sociedade capitalista ou resultado das predisposições naturais de determinados indivíduos ao delito? Sobre

²⁶ IO. “La scienza contro la fede”. *Op. cit.*, p. 01.

isso, artigos serão escritos demonstrando uma posição original que tencionará mesclar concepções aparentemente contraditórias e excludentes.

1.3 Quem são os criminosos?

Entre os discursos que freqüentavam o dia-dia dos habitantes citadinos durante os anos seminais da Primeira República, seja nos periódicos que com suas reportagens diárias sobre crimes e criminosos alimentavam o “burburinho” urbano, seja nos institutos científicos encarregados de “pensar” o país, buscando uma solução para o seu futuro, percebe-se a presença ainda seminal de uma visão científica dos crimes, fato proporcionado pelo desenvolvimento da Antropologia Criminal. Tendo como expoentes os nomes dos criminologistas italianos Cesare Lombroso, Enrico Ferri e do jurista Luigi Garofalo, inaugurou-se uma nova forma de compreensão a respeito do delito e do delinqüente. Deixavam-se de lado as antigas concepções que se centravam unicamente no ato delituoso e passava-se a entender o delito a partir do seu autor, fato explicitado na constituição do “criminoso nato” realizado por Cesare Lombroso.

A partir da segunda metade do século XIX novas teorias acerca da criminalidade alimentaram as teses e as discussões realizadas no âmbito das revistas de cunho científico. Considerado à época o pai da moderna criminologia, Cesare Lombroso desenvolveu uma concepção segundo a qual o indivíduo, devido à uma determinada constituição física, estaria predisposto ao crime. Por meio desta visão, Lombroso conferia papel secundário ou quase nulo à interferência do meio no desenvolvimento das práticas criminais. Somente em meados da década de 1910 Lombroso, após receber um número infindável de críticas e ter a veracidade do seu criminoso nato contestada, irá tecer algumas observações a respeito da influência dos fatores externos na gênese do crime. No entanto, “o fator individual permanece [...] o elemento primordial, a essência da criminalidade. As causas objetivas, o hùmus sociológico só tem uma importância relativa. Elas catalisam as tendências inatas, mas se enredam de tal maneira que paralisam umas às outras, se contrariam e se anulam ressaltando o poder soberano das causas internas, orgânicas, inatas, subjetivas”.²⁷

²⁷ DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime*. Trad. Regina Grisse de Agostino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 64.

Portanto, Lombroso e seus discípulos da Escola Positiva, defensores da Antropologia Criminal, tinham por objetivo demonstrar a existência de um tipo humano destinado ao crime e estigmatizado por sua organização morfológica defeituosa. A partir de medições da capacidade craniana, e de suas comparações com os cérebros de indivíduos considerados normais, várias observações eram tecidas no que tange ao cérebro dos criminosos, desde constatações a respeito de uma assimetria e uma plagiocéfalia (cérebro achatado) até uma frente deprimida com maxilares volumosos. Os criminologistas discípulos de Lombroso travaram uma intensa disputa com os juristas defensores do Direito Penal Clássico, cuja fonte teórica eram os ensinamentos de Beccaria. As teses de Lombroso a respeito dos criminosos natos obtiveram grande acolhida em solo brasileiro justamente por se identificarem perfeitamente com os ideais estabelecidos pela elite e pela camada dirigente da sociedade. A constituição de uma sociedade nos moldes das grandes capitais européias implicava além de componentes estéticos a adoção de teorias que justificassem as hierarquias sociais e explicitassem o local de cada um na sociedade.²⁸

Habitada por mendigos, bêbados, vagabundos, vadios e prostitutas, os ainda nascentes centros urbanos das principais capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba passaram a ocupar o foco de atenção de autoridades e das camadas mais abastadas da população. Ferindo o olhar, todo este tipo de existência, considerado nos relatórios policiais e nas páginas dos principais jornais diários como as “classes perigosas”²⁹, passou por um processo de *normalização*³⁰, no qual todo um ideal moralizante passou a ser disseminado na sociedade, nos

²⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 17-18.

²⁹ O poder estatal durante as primeiras décadas do século XX ocupou-se principalmente dos chamados comportamentos desviantes. Toda uma forma de existência contrária à sociedade do trabalho, notadamente os indivíduos pertencentes às camadas populares, foi intensamente controlada pelo aparelho do Estado com a finalidade de se forjar indivíduos laboriosos, moralizados e, sobretudo, ordeiros. Neste ponto percebe-se a influência das teorias deterministas no discurso disciplinador, pois ao instituírem as camadas populares como centros propiciadores para a prática criminosa, a retórica estatal revelava a sua consonância com os cânones do cientificismo, principalmente na relação instituída entre pobreza e crime. Entendidos como criminosos em potencial e, por esta razão, inimigos da ordem, vadios, mendigos, ébrios, gatunos, prostitutas, pertencentes às “classes perigosas” da sociedade sofrerão o intenso controle da polícia

³⁰ Foucault estabelece que a produção de micropoderes gerou a normatização do indivíduo na sociedade moderna. Segundo Foucault o poder deve ser examinado como uma relação instituída em rede e não a partir de um foco central e único do qual se irradia para os demais setores da sociedade, em uma trajetória descendente. Contudo, não deseja situar o poder exclusivamente fora da esfera do poder estatal. Daí advém a tese de uma teia de micropoderes que se disseminam por toda a estrutura social. Aliado a isso, por intermédio das obras analisadas pode-se auferir que o poder não deve ser compreendido apenas pelo seu *viés* repressivo, ou seja, o intento não é oprimir o indivíduo com a finalidade de segregá-lo da vida social, mas sim controlá-lo de uma determinada maneira a gerir a sua vida. Deste modo, verifica-se a normatização dos sujeitos no sentido de condicioná-los a serem possuidores de um certo comportamento específico, sendo este produtivo, mas, sobretudo, dócil, passivo, não contestador das estruturas sociais.

seus mais diferentes e distantes rincões, desde os organismos científicos quanto nas camadas menos abastadas, onde as constantes prisões e a intensa segregação provocados pela sua condição social faziam brotar um sentimento de medo. Como se pode constatar nas publicações destinadas ao grande público no início do século, especialmente os jornais diários, o principal fruto do processo de normalização da sociedade foi a introjeção, em cada indivíduo, dos atributos morais afeitos à sociedade marcada pela égide do trabalho.

Além disso, ao retratarem vadios, ébrios, vagabundos ou gatunos foi recorrente a utilização da imagem de parasitas, que se aproveitando do trabalho dos outros, seriam os verdadeiros culpados pela sua miséria e pela degradação social. É a partir desta imagem, demonstrando a influência exercida pelas ciências naturais, em especial os conhecimentos obtidos a partir da biologia e da medicina, nas formulações feitas pelos cientistas sociais, que serão debatidas os métodos de correção mais apropriados a estas formas de marginalidade que atravancavam o progresso social e impediam a confecção de uma sociedade moderna nos trópicos.

Recebendo o nome de Escola Positiva, em contraposição à noção de livre-arbítrio do Direito Clássico, os estudos referentes às causas dos crimes apresentam como seres potencialmente perigosos todos os indivíduos situados fora do “mundo do trabalho”³¹, sejam eles vadios, vagabundos, ébrios ou prostitutas. Portanto, na constituição de uma visão científica sobre a sociedade as teses dos criminologistas italianos ganharam muitos adeptos no Brasil, tendo seus artigos, conferências e obras obtendo grande receptividade no meio intelectual, fato que acabou por conferir ao discurso policial um *status* científico.

Aliado a esta fundamentação do criminoso a partir de suas características físicas, a Escola italiana direcionava suas críticas também às teses normais do direito penal, consideradas pelos criminologistas italianos de cunho metafísico, principalmente no que diz respeito à principal crítica dos italianos aos juristas, qual seja, a doutrina do livre arbítrio.

Todavia, não foram em todos os círculos intelectuais que as teorias defensoras da existência de indivíduos predispostos desde o nascimento à prática do crime foram aceitas com unanimidade. Reações contrárias ocasionaram o surgimento de visões diferentes a respeito do

³¹ Utilizo o conceito de “mundo do trabalho” a partir de uma historiografia cujo objeto de estudo foi a constituição do ambiente urbano nas primeiras décadas do século XX. A partir deste momento buscou-se a constituição de uma sociedade moderna e civilizada, na qual o trabalho seria uma dos maiores valores morais. Sendo assim, as instituições disciplinadoras almejavam a constituição de indivíduos laboriosos e ordeiros, e, em contrapartida, negaram o estatuto de cidadãos aos indivíduos que não estivessem afeitos aos ideais moralizantes.

tema, mas que, da mesma forma, procuravam fornecer um embasamento científico às suas formulações teóricas. Neste sentido, alguns redatores de periódicos anarquistas, alicerçados em estudos e teorias que não ocupavam um caráter hegemônico no interior da ciência social, produziram um novo saber a respeito das razões dos delitos desfazendo a imagem de que características intrínsecas ao indivíduo, como o tamanho do crânio ou a largura do nariz, pudessem torna-lo criminoso. Apropriando-se das críticas à noção de livre arbítrio, mas o mesmo tempo conferindo um papel relevante aos fatores hereditários que atuavam sobre o indivíduo, alguns redatores produziram um saber de certa forma original, combinando noções que se excluía.

Durante os anos de circulação do jornal *La Battaglia* um extenso debate foi travado em torno da questão das causas dos delitos e as razões que levavam o indivíduo a se tornar um delinqüente, fato que demonstra o vigor destas teorias durante este momento. Dentre os redatores que mais se ocuparam do tema está Oreste Ristori, que durante a quase totalidade dos anos de circulação do periódico na cidade de São Paulo foi o seu redator e administrador. Para Ristori,

[...] o cego sem visão, o surdo sem audição, o idiota com um crânio muito estreito, o indivíduo, em geral, não pode ser responsável de ter nascido com um temperamento pacífico ou violento, das condições boas ou más em que sua psique funciona, do estado patológico ou normal em que o seu cérebro se encontra, das orientações especiais em que é determinada a sua vontade e dos atos bons ou maus, justos ou injustos, que resultam, também e sobretudo porque – quaisquer que sejam as suas predisposições fisiológicas, ou como melhor se quiser defini-lo, as suas inclinações, as suas tendências, os seus instintos – ele não é mais livre para realizar a sua vontade com um ato de qualquer natureza, sem a devida permissão e favorecimento do ambiente exterior.³²

Ristori desferia a sua luta e direcionava sua pena à Escola Clássica do Direito Penal, centrada na tese do livre arbítrio. Segundo Ristori não se poderia responsabilizar os indivíduos pelos seus atos, uma vez que se constituía em um produto do meio social no qual estavam inseridos. Nas palavras de Ristori é possível perceber a crítica ao principal ponto do Direito Penal clássico, o livre arbítrio, considerado de cunho místico e carente de constatação, observação, uma vez que não poderia ser comprovado. Como afirma Ristori,

[...] esta teoria do livre arbítrio, da qual se deduz a existência da responsabilidade do indivíduo na execução dos seus atos, e por consequência o direito social de puni-lo, é tudo de mais falso e absurdo que se possa imaginar. O indivíduo não é livre para agir como quer, como um capricho que mais o agrada. Os seus atos, como os seus pensamentos, são determinados pelo ambiente exterior, e ele não pode ser responsável pela

³² RISTORI, Oreste. “Deliti e Delinquenti”. *La Battaglia*, 05 de janeiro de 1909, nº 198, p. 01.

existência e pelas potencialidades dominantes dos fatores ambientais que o obrigam a agir antes em um sentido do que em outro.³³

Durante o período em que as concepções advindas da escola antropológica ganharam incontestável destaque, adquirindo um *status* científico e por esta razão, pouco passível de julgamentos adversos, houve a crítica principalmente à doutrina do livre arbítrio. Nada mais natural, pois ao se conferir uma personalidade criminosa a partir dos aspectos físicos, os criminologistas italianos retiravam do indivíduo qualquer tipo de desejo ou intenção feita de maneira racional e intencional. Além disso, o cerne da crítica ao edifício do direito penal clássico fazia-se sentir também no vociferado potencial empírico defendido por Lombroso e seus seguidores. Diziam eles que o Direito Penal clássico não possuía nenhum componente empiricamente comprovado e que, por esta razão, aproximava-se demais de abstrações metafísicas. Contra estas abstrações uma avalanche de números e gráficos era mostrada pelos partidários da escola italiana como que a colocar em evidência a imaterialidade das concepções defendidas pelos juristas e ressaltar o caráter científico das concepções de Lombroso. Sendo assim, “pelo fato de planar no campo das hipóteses abatidas pela observação, o antigo direito penal faz doravante figura de entidade arcaica que situa a Justiça nas fronteiras do misticismo”.³⁴

Aliado a isso, ao mesmo tempo em que não se podia culpar o cego por não possuir visão ou surdo pela ausência de audição, as tendências comportamentais inatas ao indivíduo estariam na gênese dos atos delituosos. O fato de ter nascido com um determinado caráter, aliado à influências exercidas pelo ambiente social produziriam determinadas reações alheias às suas vontades. Esta visão determinista retirava do indivíduo qualquer tipo de culpabilidade sobre um ato criminoso, pois às condições sociais seriam imputadas grande parte da responsabilidade pela produção de malfeitores, vagabundos, gatunos, determinando que estes indivíduos se situassem à margem da sociedade, como excluídos sociais. Segundo Ristori,

O delito – segundo a ciência moderna – é uma *necessidade* determinada por certos fatores antropológicos (instabilidade nervosa, anomalias cerebrais, hereditariedade dos instintos perversos, loucura etc.) e sociais (analfabetismo, embrutecimento moral, péssima educação, alcoolismo, miséria, avidez por riquezas etc.). Quaisquer que sejam os seus caracteres e as formas nas quais se desenvolve (fraude, furto, homicídio) entra sempre no domínio daquela mesma lei: a *necessidade*. É pela necessidade que se rouba, que se frauda, que se falsifica, que se mata.³⁵

³³ *Idem.*

³⁴ DARMON, Pierre. *Op. cit.*, p. 143.

³⁵ RISTORI, Oreste. “Come se vivrà in Anarquia. Obbiezioni e risposte”. *La Battaglia*, 01 de novembro de 1908, n° 190, p. 01.

O amálgama dos fatores antropológicos e sociais seriam responsáveis pela produção da criminalidade. No que diz respeito aos fatores antropológicos as palavras de Ristori apresentam uma estreita ligação com as concepções defendidas pela escola italiana. Segundo Lombroso, no seu livro *O homem criminoso*, existem dois tipos de criminalidade, uma decorrente de “anomalia orgânica” e outra decorrente de “causas externas ao organismo”. Neste primeiro tipo Lombroso insere os epiléticos, os loucos morais e outros que durante o percurso da vida haviam adquirido algum tipo de doença degenerativa como a meningite crônica, a decrepitude senil, a sífilis, a tuberculose e até mesmo a paralisia progressiva geral. Para Lombroso, o seu criminoso nato seria o fruto de um tipo de seleção natural às avessas, no qual lutas anti-sociais no interior de uma mesma espécie haviam produzido um ser marcado pelos estigmas regressivos. Deste modo, o criminoso nato de Lombroso seria um subproduto do atavismo.³⁶

No discurso dos redatores anarquistas transparece uma tensão dialética entre separatismo e assimilação.³⁷ Marcado pelo separatismo quando nos artigos os redatores pretendem estabelecer uma separação clara entre uma sociedade “burguesa” e as teorizações a respeito da sociedade ácrata, procurando fundar um conhecimento próprio. Contudo, o ingrediente mais interessante é a forma pela qual um discurso que originariamente não tem como origem a teoria anarquista foi assimilado pelos redatores dos periódicos anárquicos. Equilibrando-se em uma linha tênue os redatores transplantaram para os seus textos todo um arcabouço cultural multifacetado, procurando conferir sentido às suas abstrações.

No estudo das manifestações culturais anarquistas durante a Primeira República, Francisco Foot Hardman afirmou que no interior da classe operária a “aristocracia operária”, a “vanguarda operária” teriam necessidade de adquirir *respectability* tanto frente à classe ou aos olhos da classe dominante. Em outras palavras, Hardman afirma que os modelos culturais assumidos pela classe dominante são sempre os modelos aspirados pelas classes subordinadas.³⁸ Se transpusessemos este conceito às relações culturais estabelecidas pelos redatores anarquistas no início do século XX, implicaria afirmar que de uma maneira consciente eles teriam deliberadamente se aproximado da cultura dominante como uma forma de adquirir *status* social.

³⁶ DARMON, Pierre. *Op. cit.*, p. 52-59.

³⁷ HARDMAN, Francisco Foot. *Op. cit.*, p. 58.

³⁸ *Idem*, p. 59.

Para além desta separação entre dominantes e dominados, opressores e oprimidos, presente sobremaneira na historiografia brasileira que se ocupou da formação do movimento operário nas primeiras décadas do século XX, entendemos que não pode ser constatada uma separação radical entre um discurso das elites e outro proveniente de um extrato social diferente, “popular”. Pairando sobre a sociedade, uma variedade de discursos diferentes partilhavam os mesmos espaços e não eram segmentados a um determinado agrupamento social. Portanto, a divisão entre um discurso proveniente da elite e outro advindo das camadas populares não deve ser compreendido de uma maneira exclusória e segmentada, pois ao percorrerem os vários espaços sociais, influenciavam-se. Vários fatores condicionavam a apropriação realizada pelos redatores anarquistas, uma delas, e talvez principal, diz respeito às capacidades e códigos existentes entre as diferentes “comunidades de interpretação”, definidas por um mesmo conjunto de competências, normas, usos e interesses e que conferiam significado aos textos.³⁹

Deste modo, aliado aos fatores do meio social, os indivíduos ainda estariam sob o domínio de fatores antropológicos, como a loucura ou a epilepsia. Esta visão presente nas páginas de um periódico proveniente de uma matriz teórica anarquista pode ser compreendida se levarmos em conta o entrecruzamento dos discursos, onde muitas vezes podem se encontrar similaridades e aproximações em teorias originalmente opostas. Devido à imensa repercussão obtida pelas teorias de Lombroso na Europa e alguns anos mais tarde em solo brasileiro, não se deve excluir a possibilidade de a sua influência sobre outros discursos ter ocorrido, incluindo neste ponto o discurso anarquista, ao qual se pode conferir *a priori* uma pretensa refutação de uma teoria alicerçada na diferença entre os homens e com a qual até mesmo os anarquistas foram motivo de perseguição empreendida pelos aparatos estatais. O que se deve compreender é que não houve uma simples repetição das teorias lombrosianas tecidas pelos redatores anarquistas, mas sim a forma original com que conviveram com as concepções tecidas pelo criminologista italiano e quais concepções foram abarcadas e o que foi jogado fora de modo a confeccionar algo novo.

Outro ponto sobre o qual se debruçaram críticas à sociedade capitalista foi a existência das prisões como forma de penalidade social. Neste sentido, é sintomático que a percepção do delito como uma “necessidade” esteja presente no discurso dos redatores anarquistas. Uma necessidade determinada e condicionada pelos componentes antropológicos, entre eles as

³⁹ CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, p. 125.

anomalias cerebrais, a loucura ou a bagagem hereditária, coadunada com a influência dos fatores do ambiente como a miséria ou o alcoolismo. Neste sentido, percebe-se a semelhança entre as proposições tecidas pela escola italiana de Direito Penal e as idéias de Ristori, centradas, sobretudo, nos estudos criminológicos feitos pela Escola Crítica⁴⁰, de cunho sociológico, a qual compreendia o criminoso a partir do meio social no qual estava inserido. No artigo, Ristori estabelece a perfeita confluência entre uma vida permeada por aspectos negativos, miséria, sofrimento e a prática do crime:

Os assustadores horrores das prisões nas quais os homens são fechados por anos e anos como bestas ferozes e submetidos a privações inenarráveis, a sofrimentos cruéis, a uma lenta agonia feita de dores e soluços. O regime de barbárie e morte ao qual se condenam os pobres diabos, vítimas do ambiente natural e das horríveis condições sociais em que levam miseravelmente a sua infância se poderiam justificar um tempo, quando se acreditava firmemente nos dogmas absurdos do livre arbítrio, da responsabilidade pessoal, na purificação da alma com o martírio do corpo, e na reabilitação do delinqüente.⁴¹

Pintando em cores mórbidas os locais destinados aos criminosos cumprirem suas penas, as prisões recebem críticas desde o século XIX. Kropotkin entendia as prisões como um centro para a formação de mais criminosos. Segundo ele, “a prisão que mata no homem toda a vontade e força de caráter, que encerra nas suas paredes mais vícios do que se pode encontrar outro ponto do globo, não foi ela sempre a universidade do crime”.⁴² Sem precisar exatamente quais seriam as formas de recuperação dos delinqüentes, Kropotkin acentua a falência de um sistema voltado para a “purificação da alma com o martírio do corpo”. Centros de recuperação, casas de repouso, enfim, outras formas de recuperação foram aventadas ao longo de todo século XIX. Garofalo via com cores sombrias os ambientes das prisões, locais onde os corpos se amontoavam, assemelhando-se a animais e pretendeu substituir a pena pelo princípio da eliminação ou da reparação por meio de asilos, colônias penais ou banimento. Enrico Ferri considerava ainda o sistema penal demasiadamente estúpido, pois não recuperava o indivíduo e propunha a adoção de asilos como forma de reparação e método de “defesa social” perante os criminosos.⁴³

⁴⁰ O desenvolvimento da Escola Crítica, de origem francesa, desenvolveu-se de maneira paralela à Escola Positiva italiana, contudo obteve uma recepção pouco calorosa nos círculos intelectuais brasileiros. A Escola Crítica possuía um cunho sociológico, voltada para a concepção do crime a partir da influência que o meio social exercia sobre o indivíduo, em contraposição à idéia de que características físicas determinariam uma personalidade criminosa.

⁴¹ *Idem.*

⁴² **KROPOTKIN**, Piotr. *A Anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2001, p.58.

⁴³ **DARMON**, Pierre. *Op. cit.*, p. 145-146.

Em um sugestivo artigo intitulado “Clínica o castigo?”, de autoria de Pietro Gori, conhecido anarquista que influenciou de maneira substancial o movimento anarquista no Brasil, principalmente com suas peças teatrais, há uma crítica centrada na desproporcionalidade entre os delitos e as penas conferidas pelo sistema penal. Segundo Gori,

segundo a teoria clássica, que intensifica a pena quanto maior é a proporção entre a gravidade jurídica e a causa ocasional externa que serve de pretexto ao delito, quase todos os loucos impulsivos deveriam ser mandados à morte – como se fazia na Idade Média – em vez de fechá-los em um manicômio, visto que segundo a teoria eles teriam morrido sem causa alguma.⁴⁴

A linguagem utilizada por Pietro Gori para se referir aos indivíduos que possuísem alguma alteração cerebral é muito similar a utilizada pelos criminologistas pertencentes à escola italiana. A idéia de loucos, psicopatas morais, enfim, os portadores de alguma anomalia cerebral que praticam os crimes devido a estes problemas, foi intensamente disseminada pela sociedade latina durante este período. Vários foram os delegados e médicos que se utilizaram dos “princípios científicos” dos ensinamentos de Lombroso e companhia para justificar a prisão e condenação dos indivíduos que não possuísem atributos morais “normais”. Criticando a falta de componentes científicos na aplicação das penas, Gori defendia um outro tipo de sistema que visasse a reabilitação e melhoramento do indivíduo, não em prisões, semelhantes a depósitos de gente, mas sim em sanatórios ou manicômios criminais:

Certo, os códigos vigentes em quase todos os países pouco ou nada facilitam a aplicação desta terapêutica racional aos delinquentes: a ausência ou deficiência dos casos especiais destinados ao tratamento dos psicopatas morais, como sanatórios e manicômios criminais, incita os magistrados a não cuidar dos mais elementares preceitos da ciência.

[...]

a sociedade, orgulhosa de ter aplicado inexoravelmente a clássica espada da vingança pública, lisonjeia-se de ter obedecido a necessidade da sua conservação, no momento em que não haverá exacerbado as causas determinantes dos delitos que crê castigar e combater. Aqueles enfermos, pelos estragos nos seus produtos dos bacilos morais, que um tratamento de clínica ou higiene moral teria terminado por restituir à sociedade e à família curados ou melhorados.⁴⁵

Além disso, a idéia de uma “higiene moral” está em perfeita consonância com as palavras e discursos proferidos pelas autoridades sanitárias neste período. No Brasil, a ressonância das teses destinadas a aprimorar o organismo social foi grande, afinal, em uma sociedade extremamente miscigenada como a brasileira, portadora dos vícios de um passado arcaico a ser

⁴⁴ GORI, Pietro. “Clínica o castigo?”. *La Battaglia*, 21 de abril de 1909, n° 212, p. 02.

⁴⁵ *Idem*.

esquecido, era vital que fossem alterados comportamentos e atitudes não relacionadas à uma sociedade que se pretendia moderna. No entanto, a fala de Gori não pode ser relacionada de maneira simplista a todo discurso higiênico ocorrido na América Latina, como que a ratificar as falas de médicos higienistas e autoridades sanitárias. O que se deve ter em mente é a profusão de teorias que ocupavam o espaço urbano neste momento, fazendo com que houvesse influências mútuas e apropriações múltiplas.

1.4 Miséria e crime: uma associação perfeita

A correspondência entre miséria e crime aparece com clareza nas palavras de Ristori, parecendo determinar a qual local social pertenciam os criminosos. Neste caso, tanto a corrente pertencente à Escola Positiva quanto a referente à vertente de cunho mais sociológico apresentavam semelhanças, pois “ambas as correntes entendiam o crime como uma ação anti-social e buscavam entender suas causas e modos de prevenção. Curiosamente convergiam para a questão da mendicidade e da vadiagem: concordavam que as formas de negação ao trabalho representavam um viveiro de criminosos, uma das principais fontes de criminalidade e que, portanto, deveriam ser reprimidas e prevenidas”.⁴⁶

Analisando os textos extremamente críticos de Ristori salta aos olhos a argúcia e a maneira diferenciada com que enxergava a dinâmica do processo social. Entretanto, ao analisarmos as idéias de Ristori não podemos esquecer que ele fazia parte de uma “comunidade de leitores”, com suas estratégias, coerções, convenções e códigos que guiavam a sua leitura. Um primeiro ponto que devemos observar faz referência ao fato de Ristori e os demais redatores anarquistas possuírem como campo de apoio a teoria anarquista. Se nem apenas por meio dela construía seu arcabouço intelectual, caminhando por textos de outra natureza, os preceitos teóricos da corrente anarquista guiavam a leitura dos textos. Portanto, ao tratarem de temas como a criminalidade e a sua correspondência com a miséria não a faziam nos moldes da grande imprensa que procurava algum tipo de coerção aos elementos não afeitos à moral edificante do trabalho. Ao contrário, possuíam a dimensão humana de que a sociedade capitalista configurava-

⁴⁶ **KARVAT**, Erivan Cassiano. *A Sociedade do Trabalho: discursos e práticas de controle sobre a mendicidade e a vadiagem em Curitiba. 1890-1933*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 48.

se em um meio altamente excludente e segregacionista. Ristori explora este ponto de vista ao tratar dos delitos:

Aqueles que não possuem o necessário à vida, e que não podem arranjar os meios consentidos pela lei (trabalho, economia, honestidade), recorrem ao furto e ao assassinato.

[...]

O furto é devido sempre à miséria. Os delitos de sangue (ferimentos, homicídios) mais que à miséria, ao alcoolismo, à péssima educação, ao embrutecimento moral e outros fatores secundários, que são sempre um produto da miséria. O suicídio, o adultério, os delitos assim chamados *passionais*, por mais que isso pareça inverossímil [...] são um produto legítimo do ambiente burguês, fundado sobre a opressão e sobre a exploração de classe, sobre a luta à faca pela existência entre indivíduos e indivíduos da mesma espécie.⁴⁷

Ristori aborda uma questão diferencial para explicar a natureza dos atos criminosos, aumentando a abordagem e tencionando explica-los também pelo *viés* da desigualdade social. A carência de todos os tipos, os problemas derivados da ausência de educação, enfim, as discrepâncias ocasionadas por uma existência feita de abstinências, seriam os responsáveis pelo furto, pelos homicídios, suicídios e até mesmo o adultério. No texto de Ristori percebemos com a sua “visão de mundo” condicionou toda a sua escrita. Fora os fatores antropológicos, todos os crimes decorriam da natureza perversa da sociedade capitalista, orientada sob a ótica da opressão e da competição entre os indivíduos, como fica patente em outro artigo, desta vez uma crítica à prevalência dos fatores antropológicos na teoria dos criminologistas italianos, em especial Enrico Ferri:

E quanto às causas dos delitos, bem poucas observações temos a fazer: o individuo age por força de duas ordens de fatores: fatores *antropológicos* ou predisponentes (reversões atávicas, lesões cerebrais, formas neuropáticas, etc), que Ferri bem precisou, e fatores *mesológicos* ou determinantes (sem o concurso das quais a força dos primeiros é condenada à uma inércia quase mortal) que o nosso grande docto em antropologia criminal se apressou em sepultar em um silêncio de tumba.⁴⁸

Nem apenas aos fatores do ambiente social deveriam ser imputadas às razões para a existência do crime e dos criminosos. Apropriando-se de um extenso debate sobre a hereditariedade no desenvolvimento da sociedade, Ristori acreditava que, coadunado com os fatores produzidos pelo meio social, desempenhavam papel também importante os fatores hereditários, que da mesma maneira como o ambiente social tornava o indivíduo uma mera reprodução sua, o espaço destinado a hereditariedade nas palavras escritas sobre o tema também tornavam o indivíduo impotente. Combinava de forma original uma visão pautada pela ação do

⁴⁷ RISTORI, Oreste. “Come se vivrà in Anarquia. Obbiezioni e risposte”. *Op. cit.*, p. 01.

⁴⁸ RISTORI, Oreste. “Le conferenze de Enrico Ferri”. *La Battaglia*, 08 de novembro de 1908, n° 191, p. 01.

meio social sobre o indivíduo e pelos fatores hereditários, caminhando na esteira dos debates de outras matrizes sociais ocorridos no ambiente urbano. Ressalta Ristori:

[...] o indivíduo, quaisquer sejam as suas especiais condições fisiológicas, e suas predisposições naturais e o grau de educação que possa ter recebido, do ponto de vista intelectual – como do ponto de vista físico – é sempre [...] bom, mau, violento, pacífico, generoso, egoísta. Existem, também, os fatores antropológicos (ou causas predispostas) no indivíduo que influem, unicamente aos fatores exteriores do ambiente, sobre a natureza do seu comportamento, sobre a orientação da sua vontade e sobre o cumprimento dos seus atos, do mesmo modo que ele não pode ser responsável pela ação *determinante* que exercitam os fatores do ambiente sobre ele, nem tampouco pode ser-lo pelos *predispostos* que os fatores antropológicos estendem nele.⁴⁹

Logicamente não se deve realizar uma aproximação simples entre as falas de médicos e biólogos que discutiam a influência dos fatores hereditários na constituição do caráter do indivíduo e as linhas escritas por Oreste Ristori nas estreitas colunas de *La Battaglia*, nos moldes de uma mera reprodução. As teorias que tencionaram pensar as origens da sociedade humana a partir de características transmitidas hereditariamente ao longo das gerações entraram no Brasil a partir do final do século XIX pelas mãos dos “homens de ciência” como teorias destinadas a conduzir o país rumo ao progresso e à civilização. Estabelecendo diferenças entre as raças e, por conseguinte, as hierarquizando, estas teorias acabaram por se adequar à realidade brasileira, no sentido de que estabelecia uma continuidade entre os caracteres físicos e morais e, além disso, apontavam para a preponderância do grupo racio-cultural no comportamento do sujeito.⁵⁰

Para Ristori, a prática do crime resultaria de uma ação conjunta entre os fatores do ambiente e as características herdadas. Ristori estabeleceu uma maneira original de compreender a natureza dos delitos e dos delinquentes, pois a apropriação realizada por ele dos teóricos que defendiam a determinação do meio social sobre o caráter do indivíduo foi combinada com uma prática que defendia a relevância dos fatores hereditários sobre a conduta do indivíduo. A partir desta combinação, Ristori defendia que ao indivíduo não deveria ser imputada nenhum tipo de culpa ou penalidade.

Em um artigo publicado em novembro de 1908, Ristori traçava um perfil pouco simpático da figura de Enrico Ferri, então em passagem pelo Brasil onde proferiu algumas palestras, caracterizadas como burguesas pelo redator de *La Battaglia*. Para Ristori

⁴⁹ RISTORI, Oreste. “Deliti e Delinquenti”. *Op. cit.*, p. 01.

⁵⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. cit.*, p. 58.

Ferri é um crítico circunspeto, que se circunda de cautela e discrição, que trata superficialmente os problemas que toma a tratar, em vez de penetrar no coração: que estabelece as premissas e não tem coragem de enunciar as conclusões inevitáveis e lógicas que arrastam, que assenhora muito vagamente os males profundos do organismo social, mas não indica com a devida coragem as fontes geradoras e os remédios radicais sugeridos pela ciência, que se demora nos diagnósticos e é indeciso nas soluções, fazendo oscilar a agulha magnética da sua bússola entre o pólo negativo e aquele positivo do socialismo, por medo de ver boicotada a sua conferência do elemento burguês que o tem completamente “absorvido” [...].⁵¹

O perfil pouco amistoso do proeminente criminologista da Escola italiana Enrico Ferri, elaborado por Oreste Ristori, faz referência a pouca atenção prestada por Ferri à determinação do ambiente sobre a natureza delituosa dos indivíduos. Segundo Ristori, Ferri concentrou-se em uma série de dados que faziam menção ao tamanho do crânio e outros fatores de cunho antropológico e negligenciou a análise centrada nos fatores externos. Nas palavras de Ristori

Por que tanta preocupação em atrair a nossa atenção nos hemisférios cerebrais do delinqüente para fazer contemplar as lascas do crânio, as ossetas transversais afundadas na massa cinzenta e outros fatores antropológicos que, [...] são impotentes de sozinhos provocarem a explosão do delito; *por que* não mostrar igualmente a potência e a sede dos fatores externos que afetam os infelizes, já predispostos ao delito [...] que os constroem a agir?⁵²

O fato de se discutir estas teorias nas páginas de jornais que não amealhavam os leitores de uma camada social mais abastada pode levar a algumas hipóteses. Primeiramente, a discussão realizada acerca da origem e das razões para a existência dos criminosos faz supor que este tema estava presente com determinada relevância na sociedade, tomando a forma de um conceito estabelecido. Em segundo lugar, a aproximação com alguns pontos da teoria própria da Antropologia Criminal feita pelos redatores anarquistas, que no seu sentido original tomava indivíduos por criminosos a partir das suas características físicas, fazendo surgir a figura do criminoso nato, foi feita de modo a aceitar determinados apontamentos como a crítica à doutrina do livre arbítrio ou a influência dos fatores hereditários na formação do caráter, mas ao mesmo tempo refutaram as concepções que assenhoreavam a existência de indivíduos predispostos desde o nascimento ao crime. Contrariando esta perspectiva, os redatores anarquistas defendiam a preponderância dos fatores externos, ou seja, do meio social, na constituição das características morais dos indivíduos.

⁵¹ RISTORI, Oreste. “Le conferenze de Enrico Ferri”. *Op. cit.*, p. 01.

⁵² *Idem.*

É por esta razão que defendo a constituição de um arcabouço intelectual diverso e multifacetado por parte dos redatores e colaboradores anarquistas, não segmentados exclusivamente pelas obras dos cânones do anarquismo como Kropotkin, Réclus ou Bakunin. A presença de componentes teóricos alheios à doutrina anarquista nas páginas dos periódicos libertários leva-nos a propor a constituição de uma “intelectualidade anarquista” própria, combinando elementos estéticos de matrizes culturais diversas e por vezes contraditórias.

Na esteira dos apontamentos feitos sobre a origem do homem e a natureza dos atos criminosos, os redatores do periódico *La Battaglia* detiveram-se sobre um outro tema de extrema relevância para a compreensão da sua matriz teórica. As aflições provocadas pelo temor da degeneração social atingiram com a mesma amplitude as páginas dos jornais da “grande imprensa” e os artigos anarquistas gravados em *La Battaglia*. No entanto, será que tanto nos grandes jornais diários quanto nos artigos libertários a utilização do conceito de degeneração seria a mesma ou os redatores o decodificaram e reinventaram originando uma saber novo?

CAPÍTULO II: AS RELAÇÕES MORAIS PARA OS PENSADORES DE *LA BATTAGLIA*

Muito já se comentou sobre a natureza das relações morais entre os anarquistas, tanto para o bem quanto para o mal. Críticas salientando o caráter amoral das relações amorosas, depravadas, devassas por se basearem na concepção de “amor livre”, na maioria das vezes mal compreendido ou propositalmente deturpado. No sentido inverso, críticas foram proferidas aos anarquistas devido ao estabelecimento de uma suposta pureza exacerbada, demarcada pela crítica libertária às manifestações como futebol, samba e o álcool.

Afinal, em qual dos dois sentidos podemos inserir os artigos publicados nas folhas anarquistas? Seriam os redatores anarquistas portadores de um conservadorismo purista nas práticas morais, um verdadeiro asceticismo, como na condenação ao trabalho da mulher ou a ingestão de bebidas alcoólicas pelos trabalhadores? Analisar os artigos impressos nas folhas libertárias implica em ter presente os labirintos percorridos pelos redatores, à semelhança da “tática do desterro”.¹ Portanto, na linha tênue que separa estas fronteiras pretendo analisar neste capítulo o imaginário das práticas morais presentes nas palavras dos mais diversos redatores anarquistas que escreveram em *La Battaglia*. Neste sentido, objetivo refutar as duas concepções partindo de uma análise do período fundamentada na concepção elaborada por Roger Chartier de “partilhas culturais”.² Caminhando em várias direções os discursos incrustados na complexa teia social exerciam mútuas influências, gerando usos diversos e compartilhados dos mesmos objetos culturais.

No complexo e denso panorama cultural das primeiras décadas republicanas no Brasil uma miríade de discursos disputava palmo a palmo cada pequeno pedaço do espaço urbano, nas páginas dos principais jornais nas grandes capitais, na criação das sociedades intelectuais, enfim, confrontando-se em busca de adeptos da população letrada. Neste sentido, atuou com intenso vigor o discurso proveniente do meio médico. Destinados a solucionar as mazelas sociais, os

¹ “[...] trata-se de viabilizar uma estratégia revolucionária que, assegurando e ampliando a independência de classe do proletariado, evite, ao mesmo tempo, tanto o autocondenar-se ao desterro (repondo, nesse caso, a própria exclusão e isolamento imposto ao operariado, em determinado momento, pelas classes dominantes) quanto o integrar-se efetivamente à ordem burguesa (subordinando-se e legitimando o poder do estado, pela colaboração de classes e da desmobilização das massas”. **HARDMAN**, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão!:* memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: UNESP, 2002, p. 29.

² Segundo Chartier, o conceito de apropriação, dentro do qual está implícita a noção de partilhas culturais, “[...] evita, inicialmente, identificar os diferentes níveis culturais a partir apenas da descrição dos objetos que lhes seriam considerados próprios. [...] são numerosos *os objetos* que se encontram compartilhados por diferentes grupos sociais – mas compartilhados sem que por isso seus usos são idênticos”. Para tanto, Chartier salienta que é fundamental analisar as diferentes normas e convenções que guiam e determinam as apropriações diferenciadas dos mesmos objetos culturais por grupos sociais diferenciados. **CHARTIER**, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004, p. 12.

médicos sanitaristas atuaram como investigadores, bisbilhoteiros confessos das intrincadas habitações populares, de onde emanava a degeneração de toda sociedade a partir dos seus odores fétidos, origem de doenças que contradiziam a ideologia do progresso. Aos sanitaristas coube a crítica a uma série de práticas consideradas degradantes, típicas dos meios populares. A promiscuidade das moradias pobres, por exemplo, era considerado o centro originário de uma vida permeada por vícios dos miseráveis. Vícios, degeneração. Com base no discurso de sanitaristas, higienistas, autoridades policiais e políticos, à população pobre era imputada uma série de conceitos e percepções negativas destinadas a estabelecer fronteiras sociais entre ricos e pobres.

Condenando todas as práticas desmoralizantes, tencionavam os médicos higienistas reparar o meio social. Ao verem com maus olhos condutas desviantes, que fugiam do ideal de moralidade sonhado pelos segmentos mais bem situados no quadro social, médicos e autoridades estatais criticavam a prostituição, a vagabundagem, o ócio e o alcoolismo. Percebidos como práticas típicas e próprias às camadas baixas, estas condutas foram objeto de intensa repressão.

Nas intervenções praticadas pelas autoridades sanitárias nas aglomerações urbanas, nas habitações populares com sua gama infindável de odores fétidos, objeto de estudo dos cientistas do momento. Nos principais jornais diários que relatavam manhã após manhã a surpresa e o temor diante dos surtos epidêmicos que assolavam as ruas, avenidas, clubes sociais, não fazendo distinção entre as madames que se deleitavam com as novidades trazidas diretamente da França ou as lavadeiras, empregadas e operários que compunham a mola propulsora da máquina incessante chamada cidade. Em todas estas publicações o horror provocado pelos pobres e a sua fisionomia que faziam lembrar verdadeiros mortos-vivos procuravam sem trégua uma solução para o iminente caos social a ser instalado nos principais centros urbanos da ainda jovem república brasileira. Os intelectuais, cientistas, escritores e autoridades do governo responsabilizavam a população pobre pelas doenças e surtos epidêmicos. A solução quase unânime era, assim, afastar a arraia dos centros das cidades, destinando-os às periferias distantes e obscuras.

Dentre os hábitos e comportamentos tidos como característicos da população pobre estavam o alcoolismo e a prostituição. Partidários de uma visão determinista sobre o tema e alicerçados nas novidades européias, médicos higienistas trataram de pensar a questão com vistas ao “cuidar” e “sanar” o meio social. Se durante um longo tempo a ciência tratou de pensar apenas

a evolução humana, a partir do início do século XX o termo evolução será relacionado à degeneração. Termo corrente nas falas e documentos de autoridades sanitárias e higienistas, o temor provocado pela “degeneração social” possuía uma explicação razoavelmente simples: seriam os pobres e miseráveis os responsáveis pela degeneração do ambiente social devido às suas características físicas e morais. Mais que isso, esses comportamentos seriam transmitidos hereditariamente, impedindo, deste modo, o ascender brasileiro ao tapete vermelho da modernidade.

O desfraldar das bandeiras negras pelos bairros populares de São Paulo nos efervescentes anos da *belle époque* compartilhavam de noções e pensamentos veiculados por outros discursos, como a retórica higienista. Longe de segmentá-los a um pensamento específico, descolado das influências do meio social, os redatores libertários percorriam ruas, avenidas, *boulevards* recebendo e reinventando as percepções partilhadas nestes ambientes. Neste sentido, as discussões a respeito da função do álcool na formação de indivíduos ineptos e degenerados ganhou destaque nas descrições de médicos e dos especialistas em saneamento, mas também nos periódicos anarquistas que dividiam o espaço da cidade com as grandes publicações diárias. Partilhando da defesa da ciência como forma de se distanciar das concepções metafísicas e como método para compreensão da realidade, os redatores anarquistas comungaram do pensamento de toda uma época, acreditando no poder revelador e universal do edifício científico. Libertários na palavra e no pensamento, os redatores de *La Battaglia* deixam transparecer nos artigos que criticavam o uso do álcool pelos trabalhadores a utilização de uma retórica científicista, compartilhada por higienistas e autoridade governamentais.

2.1 O álcool e a degeneração: é preciso combater a degeneração física e moral

Em cada esquina, beco ou boteco, libertários debatiam-se em torno das relações morais em uma sociedade que na sua ótica as pervertia. Indagavam-se em como tecer novos comportamentos em uma sociedade que não estava preparada para isto. Exatamente neste entroncamento entre a “cultura capitalista” e a “cultura anarquista” residia o dilema. Sonhar como novas formas de relacionamento entre os indivíduos implicava em uma constante relação de afastamento e assimilação. Ao estabelecerem novos códigos de conduta os redatores

anarquistas caminharam em uma linha tênue entre o sonhar libertário e as normas morais vigentes na sociedade.

Uma constatação deste fato se encontra nos comportamentos assumidos pelos populares nos caminhos percorridos fora da fábrica, longe dos olhos sempre atentos dos patrões. O mesmo horror sentido pelas autoridades quando adentravam aos bairros e habitações populares também era sentido de alguma forma pelos redatores das folhas anarquistas. As críticas evidenciam o pensamento de toda uma época, conduzida pela adoção de práticas higiênicas entre a população pobre e a censura de vários de seus comportamentos. Caracterizados pela extrema pobreza, os bairros populares ainda contavam com tipos de divertimentos considerados nefastos pelos articulistas libertários, como pode ser percebido em uma das publicações:

Façamos um giro, uma noite de sábado ou de domingo, nas vias tétricas e infectas dos quarteirões populares da grande cidade, e finquemos o nariz – porém tomando a precaução de tapar as narinas – nas centenas de milhares de bares de nomes pomposos e insignificantes, se queremos assistir ao doloroso e repugnante espetáculo humano: os trabalhadores estão lá, sentados em torno a mesas imundas cobertas de garrafas e copos, em uma atmosfera pestilenta, entre os urros bestiais dos degenerados, sob o olhar atento do ocupado envenenador, que vigia as suas vítimas, as encoraja a engolir o veneno, mais do veneno, sempre e sempre do veneno, ouvindo, embrutecidos, as palavras obscenas, repugnantes, dos degenerados e degeneradas, vítimas da corrupção geral da nossa tão decantada civilização.³

Um espetáculo desolador. Ao criar a imagem de uma taverna dos primeiros anos do século XX com trabalhadores se envenenando entre mesas, copos e garrafas, emersos em uma atmosfera pútrida e pestilenta os redatores dos periódicos libertários, além de relatarem de certa maneira um modo de vida comum aos operários dos bairros populares, também o faziam apropriando-se de uma literatura que possuía como foco os próprios trabalhadores. As imagens a respeito da utilização do álcool pela classe operária, presentes por exemplo em *A mãe*, do escritor russo Máximo Gorki, tangiam e decodificavam, de certo modo, a interpretação tecida pelos redatores libertários. Como Gorki fazendo a descrição do cotidiano operário:

Os jovens passavam os dias pelos bares ou em festinhas, tocavam gaitas e cantavam canções obscenas, grosseiras; dançavam, promoviam desordens e embebedavam-se. Exauridos pelo trabalho, tornavam-se vulneráveis ao álcool, que despertava em seus peitos inexplicável e dolorosa angústia. Essa angústia exigia uma evasão. E, agarrando-se, com desespero, ao mínimo pretexto de fuga, atracavam-se com fúria

³ Sem autor. “Combattiamo l’Alcoolismo”. In: *La Battaglia*, setembro de 1911, n°321, p. 03.

selvagem, a troco de nada. Isso resultava em lutas sangrentas que, não raro, terminavam em graves ferimentos, às vezes, em morte.⁴

Percebe-se a semelhança das descrições, as mesmas imagens de homens animalizados pelo álcool, perdendo-se entre o vício. O álcool compreendido como um meio de fuga da dura realidade e fomentador das brigas entre os trabalhadores. Neste ponto, cenas do dia-a-dia entrecruzavam-se com as influências intelectuais dos redatores. Ao mesmo tempo em que presenciavam as cenas degradantes dos homens nos bares freqüentados pelas camadas populares, realizavam inferências nas obras literárias que possibilitavam a compreensão e, além disso, a descrição da “realidade”.

Uma longa tradição literária tinha como temática privilegiada as relações cotidianas entre os trabalhadores, sendo freqüentes as imagens de fábricas habitadas por homens de músculos cansados ou dos acanhados e escuros casebres operários. Nas folhas operárias estas imagens apareciam como elementos estéticos continuamente utilizados que ganhavam reverberação nos operários explorados pelos patrões, que tinham o seu suor roubado pelo Estado, pelos próprios patrões ou pelos inimigos de batina. Como salienta Gigi Damiani no jornal *O Despertar* de dezembro de 1904:

[...] cansado de fazer-se mutilar, hoje por este, amanhã por aquele: o operário não ignora que continuará a ser toda a vida um salariado, mal compensado das suas fadigas, adulado no momento que se lhe pede o sacrifício da própria vida, encarcerado pois, si a tentativa falha ou si exige a sua parte dos resultados da vitória.

Os que vivem do juro dos nossos suores, das nossas fadigas, dirão que estamos pregando o roubo!!⁵

Cenas como esta, tecidas por uma linguagem extremamente figurada, permeavam os artigos dos redatores nas folhas anarquistas dos primeiros anos da ainda jovem república brasileira. A vitimização dos trabalhadores passava por várias instâncias, desde o interior da fábrica e as relações de trabalho até as suas atividades cotidianas, como no interior dos botecos populares. Nestes, a fuga cotidiana empreendida pelos trabalhadores resultava em um retrato pouco louvável construído pelos articulistas anarquistas. Retratados como bestas, que pelo uso do álcool perdiam sua condição humana e adentravam ao reino dos animais, os trabalhadores eram

⁴ GORKI, Máximo. *Pequenos burgueses ; Mãe*. Trad. Fernando Peixoto, José Celso Martinez Correa, Shura Victorovna. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 225.

⁵ *O Despertar*, “A Revolução”, 15 de dezembro de 1904, nº 07, ano I, p. 01.

pintados com tintas carregadas na qual os redatores esforçavam-se por erigir o álcool e, conseqüentemente, o bar, como um ambiente degradante, enfim, terreno da degeneração.

Os risos bestiais, os cantos roucos e selvagens, as velhas e enfurecidas discussões, as maldições, as ameaças, os insultos, as brigas, o sangue, os gritos desesperados [...] as prisões, a degradação, a humilhação, a miséria eterna, a eterna escravidão, a eterna exploração, a eterna opressão: eis aqui o resultado, a coroação, a terrível apoteose do espetáculo humano, eis aqui a raça degenerada, assassinada e eis aqui o porque a revolução social está sempre mais distante!⁶

As cantorias, os risos e gritos provocados pelas bebedeiras intermináveis transformavam os botecos em terrenos propícios à degeneração. Mas não só aos botecos ficava restrita a degradação, uma vez que a embriaguez além de reduzir a força e a vontade dos próprios trabalhadores, destruía e reduzia à miséria o ambiente familiar, como salienta um articulista denominado Prof. Vitério Lucatelli no *La Battaglia* de 17 de fevereiro de 1912, para o qual “o álcool é mais grande inimigo da família porque dissemina nesta a discórdia, arrancando o pai de todos os seus deveres e de todos os seus afetos”.⁷ Os jornais operários estão recheados de cenas onde esposas, mães e filhos tinham a sua vida destruída pelo vício dos pais:

[...] todas as misérias físicas, morais, intelectuais do mundo civilizado, perdidas no labirinto do alcoolismo, todas as lágrimas de mães proletárias continuamente aflitas, aflitas, mártires, devido à grande miséria que se apodera do seu esqualido lar – miséria criada e desejada pelo sistema capitalista e perpetuada pela ignorância, pela superstição, dos preconceitos, da falta de energia, de vontade e inteligência dos seus filhos, esposos e pais, os quais, ao invés dos lugares onde se distribui o pão do intelecto, freqüentam, desatinadamente, os antros fétidos, nos quais corrompem o coração, o cérebro e o espírito [...].⁸

Os esqualidos lares operários, as famílias desagregadas pelos efeitos nocivos do álcool, enfim, todas as construções a respeito dos botecos eram feitas no sentido de lhe conferir uma atmosfera de penumbra, um ar irrespirável no qual os trabalhadores continuamente se envenenavam. Um apelo aos sentimentos, à angústia cortante provocada pela tristeza de uma mãe proletária que possui seu filho debilitado nos braços, as crianças que choram pela ausência do pai. Todas estas imagens baseadas em sentimentos, aspirações, sofrimentos se constituem em elementos fugidios nas páginas e nos artigos de *La Battaglia*, contudo, as palavras aparentemente

⁶ Sem autor. “Combattiamo l’Alcoolismo”. *Op. cit.*, p. 03.

⁷ LUCATELLI, Vitério. “Degenerazione”. In: *La Battaglia*, 17 de fevereiro de 1912, ano VIII, n° 342, p. 03.

⁸ Sem autor. “Combattiamo l’Alcoolismo”. *Op. cit.*, p. 03.

secas revelam afinidades e, além disso, a natureza destes sentimentos pescados nos textos produzia atitudes. Desta maneira, o retrato da família operária destruída e a atenção especial dada às crianças operárias revelam uma forma de tentativa de produção de atitudes por parte dos trabalhadores:

A miséria mais negra, a tristeza mais infinita reina na família. Enquanto o marido despreocupadamente se embriaga, bebendo, na pândega com os amigos, a pobre companheira, escondida em um canto do próprio casebre, esgotada como de costume, privada de todo o necessário, se desespera e chora, amaldiçoando a vida. Os seus filhos são pálidos e magros, sempre doentes. Não possuem roupas para cobrir-se, nem pão para recobrar as forças. Parece que sobre eles pesa um destino horrível, a culpa de terem nascido. A mãe não morre de sofrimento, guardando-a apertado entre os braços, procura o esquecimento das câmbrias da fome na fúria de afagos e de beijos, e o pai – oh o pai malvado! – nos licores e nos vinhos em que se suja está bebendo o sangue, a saúde e a vida dos seus filhos.⁹

A atenção dada aos sentimentos, à intensidade das afetividades, tem como produto a forja de uma identidade operária sempre em permanente construção, nunca acabada. Mais do que simples palavras, a tradução destas em ação era feita por meio das dores, angústias, tristeza, indignações e ódio retratadas nas folhas operárias. A família operária destruída, a mãe, cujo maior pecado era ter nascido, amaldiçoando sua existência chorando o vício do marido, as crianças pálidas, magras e imundas chorando por fome criavam uma simbologia através da qual se pretendia unir os trabalhadores. Identificando as suas dores e compartilhando os seus sofrimentos seriam as formas de identificação dos operários.¹⁰

Nitidamente estas cenas eram construídas tendo em mente a dupla influência saboreada pelos redatores. Com um pé nas obras dos escritores privilegiados nas bibliotecas dos grupos de estudo e outro na fumaça emanada das fábricas, na atmosfera sombria dos botecos dos bairros populares e nos casebres amontoados e insalubres os redatores escreviam seus textos, demarcando-os sempre no espaço cotidiano da luta de classes, na opressão e miséria criados pelo sistema capitalista e que se via perpetuado na ignorância e superstições populares. Uma destas crenças, tida pelos redatores como fruto das superstições era a crença de que o álcool atuava como um importante regenerador, revigorando os corpos cansados e emprestando nova força à labuta diária.

⁹ Sem autor. “Operai, non bevete!”. In: *La Battaglia*, 08 de novembro de 1908, n° 191, ano V, p. 03.

¹⁰ **ANSART**, Pierre. “Das identidades de ofício à identidade de classe: um devir paradoxal? (1820-1848)”. In: **BREPOHL**, Marionilde Magalhães; **BRESCIANI**, Maria Stella M.; **SEIXAS**, Jacy Alves de (Orgs.). *Razão e paixão na política*. Brasília: EDUNB, 2002, p. 212-3.

Ainda que na massa trabalhadora germine e cresça a convenção de que o álcool é um alimento, um elixir da longa vida, um reparador das forças perdidas etc. o flagelo alcoólico gerará agora e sempre, mesmo depois da revolução, a loucura e a criminalidade, causas que produzirão os terríveis efeitos: as prisões, as leis repressivas, os códigos repressores, os fracos e os fortes, os espertos e os imbecis, os ricos e os pobres, a injustiça, a dor, a miséria, a continuação dos erros e dos horrores, males terríveis fomentados em uma sociedade irracional e pútrida.

Certo, não só o álcool é um veneno: todos os alimentos artificiais, os produtos alimentares adulterados, as habitações insalubres, a insuficiência de vestuário, o trabalho executado em condições repugnantes etc. são as mesmas causas aviltantes e degeneradoras da massa trabalhadora.¹¹

Nada além de sandices acreditavam os articulistas libertários. No entanto, esta situação nos revela um importante aspecto dos hábitos e das práticas culturais entre a população menos favorecida durante os anos iniciais do século XX. Um século e uma sociedade que se pretendiam modernos e civilizados e que, para tanto, deveriam expurgar todos os saberes baseados em superstições e credices populares. Neste ponto, exerceram papel importante os médicos, que advogavam para si a responsabilidade de sanar o meio social das doenças e dos surtos epidêmicos. A crença inabalável no poder da Ciência fez com que estes saberes fossem compartilhados também pelos pensadores que exercitavam sua pena nos jornais anarquistas ao criticarem as atitudes mais corriqueiras da população pobre, como a noção de que as “bebidas espirituosas” pudessem servir como um importante coadjuvante no suporte das aflições e tristezas proporcionadas pelo cotidiano operário.

A crítica aos hábitos populares encontrou relevo principalmente na palavra dos médicos. A sociedade que se formava então, sob a égide moralizante do trabalho, desejava afastar todas as formas de comportamentos desviantes e que, porventura, pudessem atrasar e impedir a modernidade e a civilização, sempre nos moldes europeus. Além disso, o controle destas práticas implicava em definir quem era cidadão e quem, por conseqüência, estava afastado deste conceito.¹² A embriaguez, a prostituição, a mendicância e a vagabundagem foram intensamente reprimidas pela polícia, sendo passíveis até mesmo de penalização presente no Código Penal de 1890.

A repressão a determinados comportamentos revelam uma prática intervencionista no meio social, pois com vistas ao progresso material era necessária uma população saudável e apta.

¹¹ Sem autor. “Combattiamo l’Alcoolismo”. *Op. cit.*, p. 03.

¹² KARVAT, Erivan Cassiano. *A Sociedade do Trabalho: discursos e práticas de controle sobre a mendicidade e a vadiagem em Curitiba (1890-1933)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 03.

No conhecimento científico da época, todas estas formas de comportamento representavam a possibilidade concreta de degeneração da sociedade. Termo abundante sobretudo nas obras médicas, bacteriológicas e sociais desde o início do século XIX, a degeneração foi um termo usado com certa frequência também nas publicações operárias deste período. Exatamente neste ponto reside a crítica anarquista ao álcool. Como ponto de degeneração do trabalhador, o álcool impediria a construção de uma sociedade pautada na solidariedade e no bem-estar coletivo. O álcool seria o responsável pelo surgimento das prisões, das leis repressivas, dos códigos destinados a reprimir a organização dos trabalhadores, enfim, estaria no cerne da desigualdade social. Sendo assim, qual era a dimensão dada aos escritores anarquistas ao problema do álcool entre os trabalhadores? De forma consciente, em uma perspectiva classista, utilizavam-se desta retórica com o intuito de proteger a classe trabalhadora visando a instituição da revolução social, ou, para além deste recorte, demonstravam as partilhas culturais possíveis entre os diversos grupos que frequentavam as praças, ruas e avenidas durante a *belle époque* tropical?

A análise do flagelo do álcool em suas páginas como um produto das relações capitalistas fez como que a historiadora Margareth Rago situasse a dimensão desta crítica anarquista em uma perspectiva de classe. Segundo Rago, o combate ao álcool ou ao baile, enfim, às instâncias relacionadas a vida privada dos trabalhadores eram feitas no sentido de impedir o desvirtuamento da questão revolucionária. Todos os esforços deveriam ser direcionados para a confecção da nova sociedade libertária e, neste sentido, tanto o álcool, como os bailes ou o futebol, contribuíam para alienar os trabalhadores, impedindo-os de perceberem a opressão e exploração a qual eram submetidos. Às críticas de que a moral anarquista não estaria distante das práticas morais veiculadas pelo “discurso burguês”, Margareth Rago oferece uma outra visão para a condenação exercida pelo discurso libertário sobre as práticas do vício, afirmando que se deve analisar a retórica anarquista sobre a moral distante de uma conotação negativa, repressora e vigilante sobre o trabalhador. Ao usarem os periódicos como veículo de doutrinação do operariado, os redatores objetivavam utilizar a condenação de tais práticas como um “[...] mecanismo de autodefesa e de proteção da classe trabalhadora frente à violência da dominação classista”.¹³

As publicações operárias, notadamente periódicos que, na sua maioria, possuíam uma circulação restrita e um tempo de vida efêmero, inseriam de fato a luta contra o álcool no contexto da luta de classes.

¹³ RAGO, Luzia Margareth. *Op. cit.*, p. 115.

O alcoolismo pode ser definido como um grande flagelo para a classe trabalhadora.

A taverna é o grande matadouro humano roubando dos trabalhadores a vontade, a energia, a inteligência e a virilidade.

Os homens que deveriam pensar na própria elevação moral para alcançar o máximo de qualidade material, são a grande parte dos embrutecidos, dos neurastênicos, dos epiléticos, dos tuberculosos, dos raquíticos etc. Todos males causados em grande parte pelo abuso das bebidas alcoólicas.

[...]

A emancipação dos trabalhadores não pode ser obra de trabalhadores embrutecidos pelo álcool. Já muito terrível é o embrutecimento de um trabalho desumano.

Os homens que vem instruir-se em direção ao um mundo livre devem procurar não deixar envenenar o cérebro e o coração pelas bebidas alcoólicas e se por hora não podem quebrar a espada e os canhões, quebrem as tavernas do álcool degenerador, causa de tantas dores, de tantas covardias, de tanta debilidade, de tantos silenciosos prantos consumidos das pálidas mães e de tantos lamentos das pobres crianças torturadas pela fome.¹⁴

No entanto, ao partir-se unicamente deste prisma para se analisar as práticas morais aventadas pelos redatores libertários negligencia-se o contexto histórico no qual foram produzidos os seus artigos privilegiando-se uma atitude consciente e que vislumbrava um fim determinado para as suas ações. Partindo em outra direção, a retórica cientificista utilizada pelos redatores libertários permite entrever as mútuas influências e o entrecruzamento dos variados discursos no tecido social. Neste sentido, ao se utilizarem conceitos notadamente provenientes do meio médico nas colunas presentes nos periódicos operários, como hereditariedade e degeneração, os redatores anarquistas denotam as partilhas culturais e a possibilidade de usos variados dos mesmos objetos culturais.

O uso de uma retórica que privilegiava os efeitos nocivos do álcool à saúde dos trabalhadores, dando principal destaque aos seus fatores degenerativos, fornece um indicativo de que estes conceitos percorriam caminhos diversos na sociedade, não estando restritos a um determinado grupo social. As imagens de famílias destruídas, de mães desconsoladas, de brigas e mortes, de trabalhadores que nos botecos transfiguravam-se soltando gritos e urros, cantando canções incompreensíveis, estavam presentes nos periódicos anarquistas sob o manto de um único conceito: degeneração. Além disso, continuavam uma tradição literária¹⁵ a qual os articulistas libertários estavam familiarizados, caracterizada pelo “retrato fiel” das condições miseráveis de vida dos trabalhadores urbanos.

¹⁴ Sem autor. “Combattiamo l’Alcoolismo”. *Op. cit.*, p. 03.

¹⁵ Segundo Francisco Fott Hardman, o escritor francês Emilé Zola foi bastante apreciado entre os círculos operários por retratar o universo operário nos seus livros. Além disso, outros escritores estavam nas prateleiras dos centros de estudo libertários, como Victor Hugo e Máximo Gorki.

Aqueles que tem efeitos de grave degeneração são estupidez, apatia, falta de vontade, infertilidade.

[...]

Possuem anormalidades sentidas na massa sangüínea ou sofrem toda sorte de alterações secretadas, enfraquecendo a atividade da vida vegetativa, digestão, nutrição, circulação, respiração e reprodução.

[...]

Em um período avançado de alcoolismo os órgãos genitais do homem apresentam mudanças materiais e que podem resultar na atrofia com o decorrer da idade. Os testículos ficam pequenos, a sua substância é amarelada, descolorida.

O alcoolismo produz no homem a impotência e na mulher a infecundidade, ou senão os distúrbios das funções que conduzem aos mesmos resultados: a hemorragia e o aborto.¹⁶

Mais do que uma apropriação seletiva e consciente de conceitos que não necessariamente eram provenientes do seu meio social, o universo de uma sociedade degenerada também estava impregnado na retina dos redatores. As cenas mais corriqueiras do cotidiano os faziam tecer estas considerações sendo complementadas pela discussão das obras presentes nas bibliotecas dos centros de estudo anarquistas.

O alcoolismo crônico, pouco a pouco, inflama lentamente esta parte e esta lenta inflamação chamada periacefalite crônica altera os elementos celulares chegando ao ponto em que se destroem e endurecem não podendo funcionar regularmente dando lugar a dois distúrbios psíquicos e somáticos, que caracterizam a frenesi parálítica.

Os manicômios e as prisões são provas da triste potência do álcool.

Essa paralisia na vontade, turva a clareza da mente, perverte a consciência e o senso moral, amarra a mão e em um estado de completa inconsciência as reações mais torpes e sanguinárias vem encaixar quase que automaticamente com a crueldade que faz arrepiar.¹⁷

Como se pode perceber a exposição dos efeitos negativos do uso do álcool revela uma tendência geral da época a considera-lo um fator importante para a degeneração da sociedade. Tanto se pode perceber isto que a embriaguez era considerada pelo Código Penal de 1890 no seu capítulo XII, artigo 396 intitulado *Dos mendigos e ébrios* uma infração com pena variando de quinze a trinta dias:

Art. 396. Embriagar-se por habito, ou apresentar-se em publico em estado de embriaguez manifesta:
Pena – de prisão cellular por quinze a trinta dias.

Art. 397. Fornecer a alguém, em logar frequentado pelo publico, bebidas com o fim de embriagal-o, ou de augmentar-lhe a embriaguez:

¹⁶ LUCATELLI, Vitório. “Degenerazione”. *Op. cit.*, p. 03.

¹⁷ *Idem.*

Pena – de prisão celllular por quinze a trinta dias.

Paraphrasto unico. Si o factio for praticado com alguma pessoa menor, ou que se ache manifestamente em estado anormal por fraqueza ou alteração da intelligencia:

Pena – de prisão celllular por dous a quatro mezes.

Art. 398. Si o infractor for dono de casa de vender bebidas, ou substancias inebriantes:

Penas – de prisão celllular por um a quatro mezes e multa de 50\$ a 100\$000.¹⁸

Perpassava também o discurso antialcoólico libertário a relação entre o álcool e o crime. A retórica determinista adotada em relação aos crimes, criticando a noção do livre-arbítrio veiculada pela Escola Clássica estava presente também na abordagem a respeito dos efeitos do álcool sobre os indivíduos:

As vezes é espantoso saber que um homem sempre reputado como honesto foi preso por furto não sabendo explicar a razão a notícia o surpreende. Mas o resultado do processo onde a vida de um indivíduo [...] e fazer saber que o amigo – reservado, bom e honesto – foi preso por embriaguez na qual produziu uma verdadeira monomania do furto.

Em outros – inclinados ao alcoolismo – nasce a tendência homicida, a necessidade de romper ou de despedaçar o que tiver nas mãos, de espancar, de brigar com os amigos ou parentes.¹⁹

No discurso médico o alcoolismo ligava-se à pobreza e, portanto, estava nos meios populares o problema a ser enfrentado. Desta forma, prevenir futuras gerações de degenerados passou a ser a principal incumbência dos médicos higienistas. Ao constatar a decadência física e moral em que se encontravam os membros das camadas populares um futuro funesto foi vislumbrado pela classe médica, assim como para os redatores dos periódicos anarquistas. O alcoolismo, nos discursos médico e anarquista, relacionava-se a uma série de problemas enfrentados no início do século XX, tais como a formação de indivíduos pouco aptos e a criminalidade:

O estado alcoólico é um formidável predisponente ao delito. Ele perturba em grande parte as funções do cérebro, ofusca a noção de justo e injusto, diminui no indivíduo o critério do valor à vida, remove todas as paixões insanas, os mais bestiais instintos, faz dele um ser nevropatico que sente, mais que todo resto dos mortais, a *necessidade* de agir contra os outros e contra ele mesmo. A propensão ao delito ou ao suicídio, nos alcoólatras, é grande. Especialmente no estado de embriaguez, preso à ebulição do *álcool*, ele vê tudo vermelho, onde que estejam seus obstáculos, os inimigos com os quais tem necessidade de “liquidar as contas”. É isso que desenvolve, aliás, um grande percentual dos delitos (ferimentos, homicídios e suicídios) cometido pelos alcoólatras, ou dos filhos dos alcoólatras. Nas prisões como nos manicômios, 30% senão mais dos detentos pertencem à imensa categoria dos alcoólatras.²⁰

¹⁸ *Código Penal dos Estados Unidos do Brazil*, Livro I Do crime e das penas, Capítulo XII Dos Mendigos e ébrios.

¹⁹ LUCATELLI, Vitório. “Degenerazione”. *Op. cit.*, p. 03.

²⁰ Sem autor. “Operai, non bevete!”. *Op. cit.*, p. 03.

Enxergavam os redatores a possibilidade concreta de uma sociedade degenerada, tanto a partir do álcool quanto de outras formas de degradação moral. As campanhas abertas nas colunas anarquistas contra o uso do álcool pelos trabalhadores baseavam-se no escopo científico experimentado no período, como a temática centrada em torno da hereditariedade. Os artigos se intensificavam pois o álcool não originava apenas a degradação moral do trabalhador, marido e pai de família, mas disseminava o vício na sua casa, apoderando-se dos seus filhos que, assim como ele, seriam expoentes da degeneração da classe trabalhadora.

Foi Lamarck que demonstrou primeiro que Darwin, na sua admirável *Philosophie Zoologique* toda a influência do ambiente e o fez o fator mais importante da evolução.

Mas se os ambientes naturais tem criado os ambientes biológicos, estes por sua vez tem gerado o ambiente social, porque é evidente que o começo da época onde os homens se diferenciaram dos antrópodes, eles tem com sua nova forma de viver, com sua linguagem, com sua indústria, com seu trabalho, constituído uma sociedade animal diferente. E este ambiente social que se constituiu desde o primeiro clã gerou uma antinomia formidável entre o interesse individual e social.

Destas considerações deriva que o homem, sendo de origem animal, sujeita-se, como todos os animais, a lei de transmissão hereditária dos caracteres adquiridos dos seus ascendentes e o transmite aos seus descendentes. Em seguida sofre a influência do ambiente: será portanto, na questão que se ocupa, da influencia do ambiente social que se terá de ter em conta.

Diz-se dos vícios, das taras, dos males, como das qualidades e dos defeitos: *hereditários*, quando os caracteres são transmitidos diretamente de uma geração a outra e *atavismo* quando os caracteres são transmitidos por uma ou mais gerações.²¹

Estava justificada a partir de critérios rigorosamente científicos, aliás, como era caro aos anarquistas, a luta em torno do alcoolismo. Nas descrições dos alcoólatras privilegiava-se, sempre, a natureza degradante da sua condição originada pela degeneração física e mental proporcionada pela ingestão das “bebidas espirituosas”. Bebidas espirituosas que corrompiam o seio da família operária pela transmissão do vício aos filhos. Baseando-se em uma série de conhecimentos científicos correntes na sociedade, as páginas dos jornais operários não se furtaram a empreender uma tentativa de alteração nos códigos morais dos trabalhadores.

Como a sífilis, a tuberculose, a lepra e tantos outros males contagiosos, o alcoolismo é uma terrível infecção que se transmite hereditariamente nos filhos. Se de genitores são nascem geralmente filhos belos, repletos de saúde e de força, de genitores alcoolizados nascem quase sempre degenerados, monstros, criaturas deformadas, doentes, com os germes da morte no sangue.

30% dos criminosos e loucos são um produto do alcoolismo.

²¹ E. Girault. “Un grande flagello: l’alcoolismo. Della ereditá e dell’influenza dell’ambiente. In: *La Battaglia*, 12 de agosto de 1906, n° 89, ano III, p. 02.

Entre 40% e 50 % dos escrofulosos, dos raquíticos, dos epilépticos, dos aleijados, dos corcundas, dos paralíticos, dos idiotas, etc. são filhos de alcoolizados.

Estas infelizes criaturas, para as quais a vida é um permanente martírio estão descontando o grande golpe dos seus pais desnaturados, os quais, somente pelo fato de terem procriado, mereceriam o fuzilamento pelas costas.²²

A ciência sobre a hereditariedade demonstra com clareza uma das origens da degeneração a que estava se sujeitando a sociedade. Como não estavam alheios e debatiam nas suas páginas a influência dos caracteres hereditários no desenvolvimento das doenças, como a sífilis e a tuberculose, os redatores libertários partilhavam de um conhecimento científico em voga no Brasil no início do século XX. Assim como nas teses médicas advindas, principalmente, das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Bahia, os redatores defendiam a hereditariedade do vício do álcool. Grande parte das formas representativas da degeneração social eram provenientes do alcoolismo, fossem elas loucos, deformados, epilépticos ou raquíticos.

[...] *os dois inimigos maiores do proletariado são o clero e álcool.*

O álcool envenena o sangue, destrói a vida, embrutece o espírito e varias vezes nos arma a mão com a arma homicida. O alcoolizado é um perigo social... pai de família procriará filhos doentios; cidadão, será o idiota escarnecido por todos; operário perderá a dignidade de si mesmo... o de si mesmo será carrasco.

Mas se o álcool é o veneno que exerce sua influencia especialmente sobre o físico do individuo, o clericalismo, é o veneno que mata a alma. Um é complemento do outro.

[...]

O clericalismo reduz o homem á covardia moral, o alcoolismo á degeneração física.²³

Do mesmo modo que no decorrer das décadas seminais da *belle époque* médicos sanitaristas, polícia e higienistas atuavam no combate aos hábitos pouco edificantes encontrados entre os populares, como a prostituição, o jogo, o alcoolismo, os redatores libertários empreenderam verdadeira guerra contra o álcool. As análises científicas que chegavam até mesmo a expor a fórmula química do álcool, as narrativas ressaltando a degeneração da família operária, os filhos que contrairiam pela transmissão hereditária os vícios dos pais foram apropriações realizadas pelo discurso anarquista a partir da fala de médicos, higienistas, autoridades sanitárias e policiais como pode ser evidenciado na retórica sobre o álcool.

A existência de uma sociedade cindida entre opressores e oprimidos, bons e maus imprimia os relatos dos redatores libertários pois era a forma como compreendiam as relações

²² Sem autor. “Operai, non bevete!”. *Op. cit.*, p. 03.

²³ *O Combate*, “O Clero, o Álcool e o Proletariado (alocuições semanais)”, 13 de janeiro de 1907, n° 02, ano I, p. 04.

sociais. Na sua ótica, tinham presentes no seu cotidiano o operário de um lado, eterno explorado tendo o suor e o sangue roubados pela figura obesa do patrão, e de outro, a batina negra dos padres escondendo os seus vícios e atitudes corruptoras, bem como o capitalista, o burguês que com sua inércia usurpava a vida do trabalhador. Por isso, os artigos proletários sempre se apresentam em uma dupla articulação dimensionada pelo seu arcabouço intelectual variado e pelas imagens do cotidiano operário. Mais no que unicamente nas obras teóricas ou nos textos literários, os redatores buscavam inspiração nas miudezas do cotidiano. Como uma mescla, as cenas do dia-dia que se desenrolavam no pátio da fábrica, no ambiente ébrio dos botecos, nas ruas e alamedas sujas em que transitavam dividindo espaço com prostitutas e gatunos eram completadas e decodificadas pelos personagens presentes nos romances de Vitor Hugo, Gorki ou Zola.

Pensar a apropriação pelos redatores libertários dos conhecimentos científicos produzidos pelo discurso médico sobre o alcoolismo implica necessariamente em se fazer duas observações: primeiramente, apesar de similares não possuíam o mesmo significado. Para a classe médica, o alcoolismo surgia entre os miseráveis e era um comportamento típico dos meios sociais menos favorecidos. No que concerne à retórica presente nos periódicos anarquistas sobre o assunto identificava-se o alcoolismo como uma produção da sociedade capitalista, assim como a miséria dos trabalhadores. Em segundo lugar, tanto os médicos-higienistas quanto os indivíduos que produziam seus saberes em publicações operárias compartilhavam das mesmas concepções acerca da degeneração e da transmissão hereditária do alcoolismo. Enfim, os códigos e convenções a que estavam submetidos os redatores libertários eram diferentes das normas inscritas nas teses e práticas adotadas por médicos, sanitaristas, higienistas e autoridades policiais. A interpretação de termos como degeneração e hereditariedade passavam pelo prisma da luta de classes e, portanto, orientavam a leitura e a compreensão da sociedade.²⁴

Sendo assim, interpretar a apropriação feita pelos redatores anarquistas como algo organizado de maneira intencional com o objetivo de proteger a classe trabalhadora ou para garantir a possibilidade de emancipação social do proletariado revela-se insuficiente. A perspectiva de emancipação social condicionada pela luta de classes era antes um início, um filtro pelo qual os redatores interpretavam as relações sociais, do que um fim pensado metodicamente e

²⁴ **CHARTIER**, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999, p. 14.

de maneira linear. A teoria libertária, antes de tudo, direcionava e condicionava a forma como os articulistas libertários percebiam as relações cotidianas.

2.2 Mulher e sociedade

As cenas se sucediam com alguma frequência nos periódicos quando o assunto era o uso de bebidas alcoólicas pelos trabalhadores. Álcool que gerava a degradação do trabalhador, impedindo-o não apenas de se utilizar da sua força física, mas mais grave que isso, deturpando o seu raciocínio e a sua inteligência. Atitudes que provocavam não apenas a sua desgraça, mas também a de toda sua família. No entanto, tão importante quanto a função do álcool na degeneração da família operária era o papel reservado à mulher nas publicações libertárias e operárias de uma maneira geral. Enquanto os homens permaneciam nos bares destruindo a sua força física e mental as mulheres apareciam sempre restritas ao universo do lar:

E enquanto as mães, verdadeiras mártires, esperam ansiosas os pais dos seus numerosos filhos, os quais portam um pouco de dinheiro, magro fruto de uma semana ou de uma quinzena de uma estafante trabalho, para comprar e tirar a fome das suas inocentes criaturas que insistentemente pedem pão! pão!; que o pai bestial e inconsciente, vai à taverna (chamaremos envenenatório público) consumir no álcool aquilo que deveria servir para aplacar as dores de toda uma família situada resignadamente na mais esqualida miséria.²⁵

Mais uma vez pelas falas dos redatores pode-se constatar a influência exercida por um discurso de cunho higienizador. A partir de meados do século XIX e adentrando nas primeiras décadas do século XX houve a promoção de um novo papel representado pela mulher e, acima de tudo, pela família. Proliferavam, principalmente no discurso médico, imagens que promoviam uma nova face da feminilidade, reclusa ao ambiente familiar, verdadeira protetora do lar. Além disso, uma nova preocupação com a infância, considerada como riqueza potencial da nação. “À mulher cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia [...].

²⁵ CONCORDIA, Tomaso. “Um sciopero interessante contro l’alcoolismo”. In: *La Battaglia*, 20 de novembro de 1908, n° 192, ano V, p. 04.

Complementarmente, a criança passou a ser considerada como ser especial, que requeria todos os cuidados dos médicos, novos aliados da mãe [...]”.²⁶

O suporte teórico para esta condução da mulher ao lar provém do discurso médico-sanitarista que, desde a segunda metade do século XIX, reiterava a vocação natural da mulher para o amor materno e a educação dos filhos. Sentimentos inatos, evidenciavam a verdadeira função da mulher na sociedade, que restrita à esfera do privado, deveria possuir uma dupla função: constituir-se em boa mãe e guardiã do lar.²⁷ Pelo discurso médico, desde a mais tenra idade manifestariam-se na mulher qualidades como passividade, docilidade, instinto de maternidade e, em contrapartida, no homem se ressaltariam a vocação do poder, a capacidade de decisão, a tenacidade, o desejo de liberdade e, acima de tudo, a racionalidade. Percebe-se nestes adjetivos uma prática de dessexualização e purificação da mulher, onde como um símbolo altruísta, abnegaria dos prazeres dedicando-se exclusivamente ao marido e aos filhos.²⁸

No entanto, qual foi a posição assumida pelos redatores libertários no que tange à situação da mulher na sociedade? Segundo Rago, ao mesmo tempo em que defendiam o amor livre, preocupando-se com a constituição de novas relações afetivas, com a fundação de um outro modelo de organização familiar marcado pela emancipação da mulher e com a formação do homem novo, os anarquistas também atuaram no sentido de fortalecer a imagem da mulher ligada ao lar. Na compreensão de Rago, este posicionamento dos anarquistas reproduzia a exigência burguesa de que a mulher operária correspondesse ao novo ideal feminino da mãe, protetora do lar.²⁹ No entanto, desconsidera-se, nesta perspectiva, a multiplicidade de caminhos percorridos por um mesmo discurso no ambiente social. O fato de as imagens da mulher presentes nos jornais anarquistas privilegiarem a figura da mãe como uma sofredora resignada, protetora da prole, não deve ser compreendida como uma simples reprodução de um ideal proveniente da “burguesia” e, além disso, machista.

²⁶ **RAGO**, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 62.

²⁷ *Idem*, p. 75. Segundo Margareth Rago esta condução da mulher ao âmbito exclusivo do lar tecido pelo discurso médico teve como fundamentos a questão do aleitamento materno natural e a amamentação mercenária. Muito comuns durante o final do século XIX estas práticas passaram a ser condenadas evidenciando a influência de um pensamento científico que procurava conceder à nutriz assalariada a função de uma perigosa portadora de germes, debilitando a criança e ameaçando a degeneração da família. Nas teses médicas provenientes das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, a nutriz assalariada aparecia como uma perigosa portadora de vícios físicos e morais, transmitido à criança por intermédio do leite.

²⁸ *Idem*, p. 82-3.

²⁹ *Idem*, p. 63-64.

As múltiplas apropriações possíveis de um mesmo discurso e, além disso, a sua mescla com outros, produzem conhecimentos singulares, representados, neste sentido, pela retórica anarquista a respeito do papel da mulher na sociedade. A mãe protetora do lar, guardiã da família era, ao mesmo tempo confrontada pela defesa de práticas como o amor livre, pautado pela defesa da igualdade entre os sexos, e, exatamente neste ponto especial se insere a riqueza do discurso anarquista. Claramente as mães operárias que com sua bondade resistiam aos maridos alcoólatras, à miséria provocada pela opressão social, tinham a sua pintura nos periódicos anarquistas a partir de elementos estéticos constantemente presentes em personagens como Pelaguéa Vlassov, do romance *A mãe* ou *Germinal*, uma vez que nas primeiras décadas do século XX os braços femininos foram largamente utilizados, lado-a-lado com os homens nas fábricas. Desta maneira, as mulheres também partilharam da atmosfera sufocante das indústrias, respiraram a fumaça e ficaram com as faces tingidas pelas fuligens das chaminés. Todavia, esta construção foi largamente influenciada pelo pensamento médico da época, que, voltando seus olhos para família, elegeu a mulher como peça-mestra na adoção de hábitos higiênicos no seio do ambiente familiar.

No campo da designação de uma identidade feminina o discurso médico também atuou na crítica à prostituição. Se o ideal de mulher estava representado na esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, dessexualizada, o oposto se encontrava nas prostitutas, mulheres que devido à sua vida corrompida, degeneravam a sociedade. Do mesmo modo que o saber médico e criminológico teceram extensas críticas ao alcoolismo, a prática da prostituição também ocupou o tempo e as páginas dos relatórios médicos no início do século. O conceito de degeneração pairava sobre as cabeças dos médicos. Acreditava-se que o combate à prostituição configurava-se vital na defesa da saúde da população e da preservação da espécie, o que produziu, até mesmo, práticas das autoridades médico-sanitárias no sentido de classificar os hábitos e gestos das prostitutas e diagnosticar suas doenças.³⁰

Debatendo-se sobre as normas morais vigentes na sociedade, os redatores libertários pensaram sobre o exercício da prostituição:

Quando há excesso de funções sexuais, ao que se dá com o sexo feminino, é um grande mal sob o ponto de vista fisiológico, porque além de enfraquecer o organismo e atrofiar a inteligência se produzem grandes estragos nos órgãos genitais degenerando em moléstias incuráveis. Daí o sangue todo se envenena –

³⁰ *Idem*, p. 85.

levando, em pouco tempo, a pobre vítima ao túmulo. E o maior número de pessoas vítimas dessas doenças são na sua grande maioria do sexo masculino, as quais lhe são transmitidas pelo contato com pessoa, do outro sexo, doente.³¹

O mesmo princípio da degeneração existente nas teses médicas também estava presente no saber operário no que tange à prostituição. A imagem do sangue é extremamente importante pois seria através dele que seriam transmitidas as doenças para as futuras gerações. O envenenamento do sangue provocado pelas doenças venéreas seria transmitido aos homens e, deste modo, uma grande massa de degenerados habitaria o terreno das cidades. Contudo, a prostituição para o discurso anarquista não estava resumido unicamente às mulheres que vendiam seu corpo em troca de dinheiro:

A prostituição é a negação do amor, sob o qual a união sexual só é possível pela violência; é a negação da união sexual. O indivíduo – homem ou mulher – que se prostitui já não ama nem este, nem aquele: quer tanto um como outro e ao mesmo tempo não ama nenhum.

Há várias formas de prostituição: a mulher que se vende ao homem que a compra; o homem que com as suas hipocrisias seduz a mulher que não ama; a mulher que se vende pelo brilho do ouro; o homem que se relaciona sexualmente com muitas mulheres e ama só uma por interesse, ou nenhuma delas; a mulher que ama um homem e não vive com ele mas com outro sejam quais forem os motivos que a levam a isso. Todos estes modos de viver são tantas formas de prostituição sob o ponto de vista do amor.³²

Pensando as relações morais existentes na sociedade, os redatores libertários tinham como ponto de partida a existência do conflito de classes na sociedade. A prostituição seria um fruto podre da desigualdade social, da diferença entre os homens e mulheres. Ao mesmo tempo em que criticavam a existência da prostituição, considerando-a uma das formas de degradação da classe trabalhadora, não a faziam da mesma forma que médicos e autoridades sanitárias. Para estes não se tratava de compreender as origens desta atividade por meio do *viés* econômico, pois, assim como o alcoolismo, configurariam-se em hábitos e formas de comportamento típicas dos meios populares. Influenciado pelo conceito de higiene social, o discurso médico-sanitário e policial defendia que a prostituição era inata e hereditária. Ao contrário, os redatores libertários, além de possuírem um conceito mais amplo do que seria a prostituição, procuravam inseri-la no contexto

³¹ MASCOLO, Lucas. “A prostituição”. In: *La Battaglia*, 21 de fevereiro de 1909, n° 204, ano V, p. 03.

³² *Idem.*

de desigualdade social, do eterno embate entre opressores e oprimidos, possuídos e despossuídos que marcava a maneira de compreender a sociedade do discurso anarquista:

O amor verdadeiro está riscado da família proletária – mas não é tudo: há uma grande maioria que não ganham para se sustentar, outros que andam se encostando a estes por falta de meios de sustança, poderão eles *carregar* uma mulher?

Não só que não podem constituir família, não só a mulher não pode ter a infelicidade de ser a sua escrava, mas esta deve prostituir-se por causa disso e andar rastejando nos bordéis mais imundos onde recebe o pus de todas as doenças.

A vida nestas condições torna-se um suplício, um rastejar sem nome.

Desde que se nasce, até que se morre, vive-se trabalhando e sofrendo, privando-se de tudo e enriquecendo os outros sem conhecerem um momento de gozo, de bem-estar, de felicidade, de descanso...³³

Segundo os redatores, as condições de subsistência no meio operário eram tão precárias que obrigavam as mulheres a se prostituírem. Novamente o termo da degeneração ocupa as páginas dos periódicos operários, pois mesmo sem citar formalmente a degeneração provocada no ambiente familiar, a imagem da mãe que abandona o lar, deixando marido e filhos com o objetivo de sustenta-los, oferecendo-lhes o mínimo necessário para sobrevivência pode ser relacionada diretamente com o mesmo tipo de degradação originada pelo uso do álcool.

Se continuar pelo caminho que vão seguindo, daqui a alguns anos a união sexual se tornará absolutamente impossível pelas condições que o capitalismo, fundado sobre o domínio do homem sobre o homem, pouco a pouco for criando – e a nossa espécie degenerará infalivelmente; chegaremos bem perto dos animais inferiores. Então os ricos e poderosos constituirão uma espécie cada vez mais aperfeiçoada, enquanto que os pobres e miseráveis irão degenerando a ponto de andarem nus – neste caso desapareceriam – nutrindo-se de vegetais como gado, habitando em rebanhos imundos, em estaleiros e servindo, com débeis forças, a espécie mais superior que desfrutaria sozinha os progressos de todas as gerações passadas, presentes e futuras.³⁴

Além disso, pela carestia econômica a que eram submetidos os trabalhadores, as uniões entre homens e mulheres eram instáveis e, por diversas vezes, realizadas unicamente com o desejo de diminuir as dificuldades econômicas:

Sob o regime burguês, da propriedade individual, onde o homem é escravo do homem, este subjuga a mulher sob a sua dependência econômica tornando-a sua escrava. E se, de fato, o operário é um deserdado de tudo, desarmado na luta pela existência a mulher esta em condições inferiores em todos os pontos de vista. A mulher une-se ao homem não por um sentimento íntimo de afeição, mas, sobretudo, para satisfazer

³³ MASCOLO, Lucas. “A união sexual”. In: *La Battaglia*, 01 de novembro de 1908, n° 190, ano IV, p. 04.

³⁴ *Idem.*

uma necessidade absoluta – o instinto sexual e a segurança econômica, sem amor e sem ideal; quer um burro forte que possa com a carga. O homem não ama a mulher – tanto é verdade que é bem raro encontrar um que não procure outra – assim, também, a mulher não ama o homem.³⁵

Segundo o artigo, as diferenças entre o homem e a mulher eram fruto da desigualdade social proveniente do sistema capitalista. Os vários discursos dos redatores libertários que procuraram pensar as relações morais evidenciam o equilibrar-se em uma corda que ora pendia para a crítica das relações amorosas existentes na sociedade capitalista, defendendo que a opressão econômica destruía qualquer possibilidade de triunfo do amor, gerando males como a prostituição, ora reduzia à mulher ao âmbito do lar, como no discurso médico. Entender a maneira como pensavam os articulistas dos periódicos anarquistas a respeito deste assunto implica em afastar qualquer possibilidade de contradição. Como foi ressaltado, a retórica utilizada pelos redatores em muito se parece com a adotada em círculos sociais mais abastados, principalmente no que diz respeito à construção da imagem da mulher. Contudo, esta imagem era filtrada por uma visão de mundo assentada sob a lógica da luta de classes e a eterna opressão dos trabalhadores pela burguesia. O fato de criticarem os aspectos morais da sociedade capitalista não os impediu de se apropriarem de determinadas visões que originalmente não pertenciam ao seu estrato intelectual. Na verdade, o que fizeram foi palmilha um estreito caminho onde de cada lado estavam concepções que, na fala dos redatores, acabaram por se fundir.

Uma das aproximações que podem ser feitas do discurso libertário com o discurso médico é com relação a imagem da mulher operária, que, devido a sua bondade, cedia aos encantos dos mais torpes jovens que freqüentavam as rodas mais abastadas da sociedade. Neste sentido, desenhavam a mulher operária como ingênua:

Ora um rico, por certo, não quer casar com uma moça que tenha menos que ele, quanto mais se é uma que não possuiu nada. Porque se é verdade que existe uma classe rica que vive bem e outra pobre que vive mal é natural que o pobre em sua ingenuidade queira introduzir-se na classe rica para viver melhor e que os ricos por sua vez fujam de se familiarizarem com os pobres para não decaírem na pobreza e viver pior que antes. Assim quando um moço rico aproxima-se de uma moça operária, esta derrete-se de prazer, com delicadezas ridículas e degradantes, a sua mãe manda-lhe que entre, faz uma chuva de perguntas sobre a saúde da família, que muitas vezes não conhece, o faz sentar, oferece-lhe café, deixa-os na mais completa liberdade; a rapariga começa a creditar nas hipocrisias do rapaz, as vezes antecipadamente, este, conseguindo o seu fim, que não é nada honesto abandonando-a em seguida, isto é, depois de seis meses quando a lei o isenta de toda responsabilidade, caindo ela com a família na mais completa desilusão.³⁶

³⁵ *Idem.*

³⁶ MASCOLO, Lucas. “A prostituição: suas causas”. In: *La Battaglia*, 21 de abril de 1909, nº 212, ano V, p. 04.

O mesmo conhecimento transmitido pelo saber médico, procurando ressaltar ideais como bondade, resignação, altruísmo era também exposto nas páginas dos jornais anarquistas. Como ecos, termos como degeneração e pinturas de mulheres como flores indefesas se repetiam na cabeça dos redatores. A mãe que esperava resignada o marido em casa após um dia de trabalho; a mãe que cuidava da educação dos filhos, cuidando para que não adquirissem nenhum tipo de vício, evidencia que os responsáveis pela redação dos artigos nos jornais operários não estavam livres da influência de outros discursos, mesmo que suas palavras privilegiassem uma forma de entender a sociedade fundamentada em uma perspectiva sob o filtro da luta de classes. Portanto, uma análise centrada em um ponto de vista classista não abrange a complexidade da formação intelectual dos redatores libertários durante os primeiros decênios do século XX. O fato de enaltecerem a guardiã do lar, a mãe que ao mesmo tempo era esposa e dona-de-casa não deve ser compreendido como uma forma intencional dos redatores de não permitir o enfraquecimento da classe trabalhadora pelo “discurso burguês”, mas sim, a partir da possibilidade de múltiplas influências, como uma apropriação do discurso médico-sanitarista pelo discurso anarquista presente nos textos dos redatores libertários.

Neste sentido, deve-se relativizar a perspectiva de uma vertente historiográfica que sempre analisou a similaridade de alguns aspectos do discurso anarquista com o discurso proveniente do meio médico como algo arquitetado e feito intencionalmente, como salienta a historiadora Liane Bertucci ao afirmar que “apropriando-se de noções que, combinadas entre si, compunham o discurso da ciência sobre a degenerescência e a eugenia, proclamando seu poder sobre a reprodução e demarcando para a mulher um espaço primordial – o doméstico – os periódicos proletários buscavam a criação de pessoas saudáveis como um meio de subverter a ordem reinante: apenas dessa maneira poderiam se engajar na luta pela revolta social”.³⁷ O direcionamento da mulher ao lar, a sua construção a partir de adjetivos que ressaltavam suas tendências natas à bondade, à maternidade e à ingenuidade, percebido nos artigos publicados, de um modo geral, nas páginas dos jornais operários, pode significar um certo questionamento, uma inquietude diante das novas formas de sociabilidade proporcionadas por uma sociedade

³⁷ **BERTUCCI**, Liane Maria. “O futuro ameaçado: a preocupação com a descendência nos jornais operários – São Paulo, início do século XX”. In: **BREPOHL**, Marionilde Magalhães; **BRESCIANI**, Maria Stella M.; **SEIXAS**, Jacy Alves de (Orgs.). *Razão e paixão na política*. Brasília: EDUNB, 2002, p. 255-6.

industrializada. O grande número de mulheres que atuavam com os homens como peças nas engrenagens das fábricas nas primeiras décadas do século XX, nos principais centros urbanos do país, desorganizaram a antiga divisão do trabalho demarcada pela separação entre os gêneros. Os relatos que descrevem mães com filhos famintos nos braços esperando os maridos nos seus casebres podem ser compreendidos como uma atitude de indignação e inquietude face a decomposição das antigas referências sócio-culturais.³⁸

Pensando nos redatores que se detiveram sobre a questão moral pode-se perceber que efetivamente acreditavam em seus sonhos, fazendo-nos acreditar que estes homens sonhavam apenas o que era possível. Longe de lhes oferecermos a pecha de ingênuos ou utópicos, a maneira veemente com que defendiam suas idéias permite-nos perceber que possuíam um outro mundo possível como um horizonte palpável, podendo ser moldado nos menores gestos, à semelhança de uma peça de barro. A efetivação de uma outra sociedade passava também pela crítica à Igreja, primordialmente aos padres. Neste sentido, foram inúmeros os artigos que, em uma verdadeira cruzada anticlerical tencionaram designar os inimigos do proletariado a partir de comportamentos considerados nefastos.

³⁸ ANSART, Pierre. *Op. cit.*, p. 210-1.

CAPÍTULO III: OS PADRES E A INVASÃO DA INTIMIDADE OPERÁRIA

O combate ao poder eclesiástico se configurou em um importante aspecto da presença anarquista no Brasil. Várias páginas e artigos nos periódicos anarquistas do começo do século XX foram escritos no combate ao poder eclesiástico. Sendo assim, pretendo analisar a natureza das críticas dos redatores de *La Battaglia* ao papel da religião e à função dos padres na sociedade. Os redatores libertários gastavam sua pena seguindo uma dupla articulação: primeiramente, do mesmo modo que a visão científica orientava as análises dos redatores anarquistas sobre a sociedade, no combate aos pressupostos religiosos também se constitui em peça chave para o entendimento dos escritos anticlericais presentes em *La Battaglia*. Desta forma, uma visão profundamente empirista orientava os redatores libertários, sempre predispostos a criticar os fundamentos no qual se assentava a doutrina religiosa. Outro ponto fundamental da crítica anarquista à religião diz respeito às atitudes dos padres perante a sociedade. Tematicamente próximos das obras iluministas, os escritos anárquicos se esforçaram em tingir os padres com as cores da hipocrisia, da vilania e da imoralidade, salientando que por baixo do seu longo manto negro escondiam seus mais perversos ímpetos sexuais, a corrupção e a mentira. Nas páginas dos periódicos estas duas formas de crítica aos valores religiosos se complementam, constituindo-se no cerne do poder de fogo anarquista frente aos inimigos da razão e da verdade.

3.1 Antinatural: a sociedade racional e o clero

Os intensos debates em torno da modernidade e do progresso que vicejavam principalmente nos meios urbanos pautavam discursos, pensamentos e estratégias. Não alheios aos anseios de uma época que almejava a modernidade, os redatores anarquistas vislumbravam o progresso¹ como uma evolução natural da sociedade. Assim como se faziam sentir nos círculos intelectuais da jovem república as influências do evolucionismo social, nos círculos operários a influência das teorias sociais, e, mais que isso, de um raciocínio fortemente baseado em valores científicos foi determinante para a organização do pensamento dos redatores libertários. De várias formas os escritores libertários procuraram desqualificar as explicações religiosas, utilizando-se de analogias cheias de ira e tecendo comparações bem ao gosto de uma sociedade banhada em argumentos pretensamente científicos:

¹ É importante ressaltar que o conceito de progresso para a doutrina anarquista possuía como corolário o princípio de liberdade, uma vez que acreditavam que o progresso material libertaria o Homem. Diferentemente, em outros meios intelectuais se compreendia o progresso como uma forma de solidificar as contradições sociais e hierarquizar os indivíduos.

A religião, qualquer que seja, católica ou panteísta, espírita ou protestante, conduz sempre ao mesmo resultado: embrutecimento moral, fanatismo, demência e loucura.

Essa é a sífilis do cérebro, a doença letal que idiotiza. Bato neste tremendo mal, nesta espécie de contágio moral. A paralisia da faculdade intelectual, a estupidez, se reproduzem em razão direta da intensidade da fé, e regem a forma mais repugnante do fanatismo, do delírio, e da loucura sombria dominada fortemente pelo clero.²

Nas primeiras linhas percebe-se uma crítica muitas vezes negligenciada nas análises a respeito do anticlericalismo anarquista. Qualquer pensamento alicerçado em explicações religiosas era combatido, sejam elas as explicações espíritas, católicas ou protestantes. Este fato é importante pois demonstra o conflito existente entre os vários discursos na sociedade nos primeiros decênios republicanos, acabando por inserir os redatores libertários em um contexto mais amplo. Além disso, muito em moda na época, a recorrência a uma linguagem influenciada pela temática médica demonstra com argúcia as permanentes trocas e apropriações realizadas pelos redatores libertários. Da mesma forma que a sífilis nos seus estágios mais avançados leva o indivíduo à demência e à loucura no artigo as crenças religiosas são compreendidas como a doença letal a danar todo o organismo social. A correspondência entre doença e religião, mais que um mero recurso estilístico ou formal, evidencia as influências sofridas pelos redatores dos periódicos anárquicos em uma época em que se procurava sanar o ambiente social e a sociedade era compreendida a partir do modelo do corpo humano e, deste modo, passível de ser modificado.

Assim como nos principais jornais da época, a constante utilização de analogias com o corpo humano, com as doenças e epidemias que proliferavam no meio social durante o início do século XX, aparece como resultado direto de uma pretensa cientificidade defendida nos principais círculos intelectuais. Ciência para tratar os efeitos da criminalidade – como no desenvolvimento da Antropologia Criminal –, Ciência que entendia a Nação como um corpo doente, originando as várias intervenções médicas sobre o organismo social, Ciência para libertar os homens da alienação provocada pela religião. Religião que vendava, amordaçava, produzindo indivíduos submissos e conformados com a sua situação social. Todas estas visões apareciam subjacentes no discurso anarquista, como pontos a lembrar constantemente que a origem do mal existia, estava presente na vida de todos e podia ser eliminada. Conforme a concepção dos periódicos libertários, o único meio de salvação do operariado do regime de opressão no qual

² *La Battaglia*, “I delitti della religione”, n° 177, ano V, p. 03.

estava inserido seria a sua emancipação intelectual, realizada por intermédio Razão, distante dos dogmas nefastos impostos pela religião católica:

Ao proletário convém, em consequência, emancipar-se de tão graves prejuízos, procurando na instrução a consciência da sua força e dos seus direitos.

[...]

A religião é um obstáculo posto à marcha ascendente da humanidade para o progresso. Ensina, como verdadeiras, ficções absurdas e inverossímeis. [...] Detém o vôo do espírito humano, mantendo-o em um *status quo*, nocivo à civilização e ao progresso.³

Os redatores de *La Battaglia* acreditavam que podiam transformar a sociedade a partir da educação. Sendo assim, as folhas libertárias apareciam como veículo mais imediato de interferência na vida dos trabalhadores, sendo complementadas pelas iniciativas educacionais dos anarquistas, como a criação das escolas modernas. A partir de um jogo metafórico, nada combinava mais com o ideal de Liberdade que o “vôo do espírito humano”. A imagem de liberdade formada pelo verbo voar permite relaciona-la com a futura sociedade anárquica. Portanto, para os redatores dos periódicos libertários o conceito de progresso aparecia como correlato de liberdade. Liberdade na sociedade futura representada pelo progresso material que traria igualdade social. A “marcha ascendente” em direção à civilização e ao progresso era detida pela esfera religiosa, constituindo-se em um entrave à liberdade de consciência dos indivíduos. As ficções encetadas pelo discurso religioso contrariavam o palpável, o material que sempre está presente nos artigos dos redatores libertários. Neste sentido, encaravam a sociedade anárquica não como um sonho, terreno da ficção, mas como algo perfeitamente passível de ser construído. As visões libertárias sobre a futura sociedade anárquica quase podem ser tocadas nas páginas dos jornais, podendo ser vislumbradas em seu perfeito funcionamento, na vida comunitária e na divisão igualitária dos produtos do trabalho. Enfim, o discurso anarquista constantemente dialogava com a utopia e a realidade, e, por vezes, as confundia, parecendo que a existência de sonhos fazia-os acreditar que a construção de outra sociedade, assentada sobre outras bases, era efetivamente passível.

O fio condutor a unir todos os libertários, permeando todos os seus escritos, fazia parte dos ideais defendidos pelos intelectuais da jovem nação. A razão e a ciência eram constantemente invocadas, como as armas com as quais os libertários lutariam no seu embate pela destruição da ordem existente e a confecção de uma nova sociedade. Como explicar a origem e o

³ *O Combate*, “Palestras I”, 24 de fevereiro de 1907, nº 07, ano I, p. 02.

funcionamento do universo? Deus existe? Nas folhas libertárias a religião não aparecia como resposta plausível a estas indagações e, longe disso, era constantemente desqualificada pelo seu caráter místico e metafísico.

Diz-se que o mundo não pode ter nascido de Deus. E se supormos, portanto, que ele seja nascido. Mas como? Quando? De que coisa? – Mistério! Um Deus o haveria criado? Mas criar *inteiramente do nada*? Converter ele do nada? Pode do nada surgir alguma coisa? Porque, entendamos: o nada é a negação de qualquer coisa, é inconcebível, o vazio absoluto que não inclui um só átomo de matéria. Ora, por demonstrar que Deus criou o mundo, necessita-se provar, não só a existência de Deus, mas antes todas as coisas, a existência do nada e a possibilidade de converter/transformar o nada em matéria. Todavia, ninguém se arrisca a tentar sequer uma demonstração, cada um afirma que deus existe. Que coisa é esta? Um cão, um gato, um espírito, um menino. É invisível, inatingível, inconcebível; isto não discutimos, tendo nos criado à sua imagem, ele deve ter a nossa imagem. Mas isto não nos preocupa. O que nos importa saber é se este Deus é ou não é material. Eu creio que não. E agora? Um ente sem corpo? Uma existência que não é composta de matéria? Do que se compõe? De uma essência que não podemos sentir? Além disso: mas esta existência não é feita de matéria? Não. É feita de que? ... De nada, é o vazio absoluto, é o absurdo do absurdo.⁴

A discussão sobre a materialidade de Deus procurava desconstruir o discurso religioso. As palavras dos padres ecoavam na cabeça dos redatores. Ao discurso do padre no altar os libertários utilizavam-se das folhas anarquistas como um palanque em defesa dos princípios da Razão. Ao contrariar preceitos estabelecidos pela religião invertiam a lógica proposta pelos padres e buscavam algo palpável, material, como resposta. Ao lermos as críticas dos redatores anarquistas não devemos entendê-la como uma lógica simplista, afinal, temos de inserir o discurso anticlerical anarquista no embate pelo espaço público nas primeiras décadas republicanas. Ao se posicionarem contra a chamada “moral católica” ou ao contestarem a existência de Deus construíam seu discurso por meio de paralelismos, pois as indagações sobre a existência de uma força superior só existiam devido a abrangência dos preceitos católicos entre a população.

Defensores da Ciência, do Progresso, da Civilização, da Verdade. Era desta maneira que os redatores anticlericais se apresentavam perante os trabalhadores, conferindo aos padres o adjetivo de “larapios”, “lezando os credulos às claras”. A metáfora da luz sobre as trevas mostrava-se recorrente na escrita anticlerical, de modo que os redatores imbuem-se da responsabilidade de desatar os grilhões que prendem a consciência, perpassando o ideal para a construção da sociedade anarquista na liberdade de consciência. Com uma linguagem figurada, os anticlericais anarquistas almejavam atingir os trabalhadores por meio de analogias que procuram relacionar a

⁴ *La Battaglia*, “Dio non esiste”, São Paulo, 14 de maio de 1905, nº 42, ano I.

figura do padre com palavras negativas, projetando ao mesmo tempo as suas conceituações que formavam o arcabouço teórico.

Com uma posição clara, objetiva, os jornais pretendiam lançar as suas proposições explicitando os conceitos que norteavam os seus artigos, procurando atingir, de uma maneira conjunta, tanto a classe trabalhadora quanto os seus inimigos. Utilizando uma linguagem combativa, extremamente figurada, a escrita anticlerical posicionava-se em lugar de embate, munida da “espada de batalha” e da “força hercúlea da razão”. Em contrapartida, aos padres restavam os adjetivos que os relacionavam à escuridão, ignorância, caracterizando-se pela pecha de “nocivos á civilização”, estando as suas concepções dogmáticas em “desharmonia com o progresso”, imperando nos seus “negros corações” o “sentimento baixo e vil de hypocresia”. Ao lado dos burgueses, os padres encarnavam os inimigos do operariado, constituindo-se em entraves à civilização e ao progresso, ao contrário da pena anticlerical, cujo dever de defesa dos ideais enunciados pela Ciência e pela Razão os impelia à autodenominação de cavaleiros protetores dos pressupostos científicos, estando de “atalaia”, de “sentinelas” frente ao perigo representado pelas “dogmaticas afirmativas da religião catholica”.

As formas interpretativas com as quais os escritores libertários buscavam entender o universo possuíam fundamentos muito simples. Influenciados por um discurso cientificista então em voga nos meios intelectuais pretendiam desnudar as explicações oferecidas pela religião. Desta forma, as explicações metafísicas eram denunciadas como formas de misticismo ou superstição. As publicações presentes nas folhas libertárias nos permitem seguir alguns dos caminhos intelectuais seguidos pelos redatores anarquistas. Obras como *Fuerza e Matéria* ou *Los enigmas Del Universo* permite-nos desenhar um esboço do pensamento anticlerical anarquista. Primeiramente, recusavam qualquer tipo de explicação não sedimentada sobre princípios racionais, o que, para o pensamento da época, poderia ser traduzido por meio da utilização de termos como matéria. Deste modo, evidenciavam não apenas uma característica recorrente nos artigos dos redatores das folhas anarquistas como também um pensamento a impregnar todo meio social, ou seja, a crença de que a ciência poderia explicar todo e qualquer fenômeno presente no meio social.

Deus é uma hipótese inútil, não serve mais para explicar os enigmas do mundo; é desnecessário ao homem como meio de interpretação do universo e dos seus fenômenos.

O proletário deve, pois, bani-lo do espírito, e buscar a sua moral na razão e na ciência. A moral racionalista tem o seu princípio fundamental no amor do próximo, no altruísmo, e no mutuo respeito dos direitos iguais de cada um.

[...]

É nociva á sociedade a moral ensinada pela religião, por isso que ela se apóia num princípio egoísta – o desejo de uma recompensa, o temor d’uma punição; enquanto a moral positiva, servindo á coletividade, em si mesma tem a sua recompensa.

A moral religiosa é favorável ao individualismo, elemento dissolvente; impele os homens uns contra os outros; a moral positiva, pelo contrario, une-os, fraterniza-los.⁵

Para a confecção da sociedade anarquista seria necessário o banimento dos dogmas religiosos do “espírito” do trabalhador, pois os mesmos demonstravam-se insuficientes para explicar e interpretar a sociedade. Por meio de adjetivações, como Deus/inútil, o discurso libertário almejava embutir no operário o papel opressor assumido pela religião. Por intermédio da razão e da ciência, os redatores dos periódicos libertários tencionavam esclarecer os princípios norteadores da sociedade libertária, qual seja “amor ao próximo”, “altruísmo”, “mútuo respeito” e os “direitos iguais”. Como contraponto, a moral religiosa era guiada pelo egoísmo, pelo individualismo e impelindo os “homens uns contra os outros”, enfim, como fonte da desigualdade social e da desarmonia entre os indivíduos.

A religião, é a causa primeira de todos os males que ainda acabrunham os espíritos simples; da desigualdade dominante nos organismos sociais.

[...]

Se, em principio, o seu objetivo era dar uma explicação do universo de acordo com os conhecimentos da época, na atualidade, porém, o seu fim imediato é iludir os povos, procurando uma justificativa para a causa das desigualdades sociais, ensinando-lhes a necessidade da resignação e renuncia às alegrias terrestres.⁶

O longo manto negro usado pelos padres era o mesmo que encobria as causas da desigualdade social. Nas entrelinhas dos artigos aparece implícita a alienação causada pelos dogmas religiosos, teorização largamente difundida pelas doutrinas sociais durante o século XIX.

A burguesia, o capitalismo, nela encontra o seu verdadeiro e forte auxiliar, por isso sanciona com as suas doutrinas absurdas e irracionais a divisão dos homens em classes inimigas.

[...]

Até agora tem tardado a revolta destes últimos [explorados] contra tão iníqua exploração, pois, ao menor sussurro, ao mais fraco sinal de reação está atento o sacerdote astuto para dizer-lhes: “O trabalho é uma instituição divina que não deveis violar; tudo deveis sofrer para, um dia, terdes, no céu, a recompensa da vossa resignação e das vossas dores”.⁷

⁵ *O Combate*, “Palestras I”, 24 de fevereiro de 1907, n° 07, ano I, p. 02.

⁶ *O Combate*, “Palestras I”, 24 de fevereiro de 1907, n° 07, ano I, p. 02.

⁷ *O Combate*, “Palestras I”, 24 de fevereiro de 1907, n° 07, ano I, p. 02.

Por vezes, como forma de divulgação dos ideais anarquistas, eram publicados pequenos contos no quais, como bem salientou Francisco Foot Hardman, estavam presentes algumas características gerais da literatura de cunho anarquista no Brasil:

- Pega o gatuno!

Mulheres, espantadas e curiosas assomavam às janelas.

Homens, armados de cacetes, tomavam posições estratégicas nas esquinas...

- Pega o gatuno!

Dois soldados saíram correndo de um botequim, rifles nas mãos, volteando no ar, ameaçadores. E, atrás dos soldados, o botequineiro, um napolitano gritando pelos vinténs da cachaça engolida, amaldiçoando o exército, a Virgem, todos os santos do calendário.

- Pega o gatuno! Pega o gatuno!

Enfim este apareceu lá no alto da rua, vindo abaixo numa carreira desesperada.

Era um negro, descalço, esfarrapado, restolegando como um touro perseguido... E apertava o velho paletó de brim, debaixo do qual devia esconder alguma coisa: jóias, dinheiro... sabemos lá!

E atrás do negro atropelava-se meia cidade: homens, mulheres, crianças, até velhas... até meninas.

Todos gritavam, escancarando as bocas furiosamente. Pega o gatuno! Pega o gatuno!

Pareciam mastins atrás de um javali, mostrando os dentes, prontos a morder.

E o gatuno passou o olhar turvo, espuma a coar dos lábios cerrados, com uma crispação medonha dos nervos faciais.

O mulhério retrocedeu espantado e os homens fizeram largo, surpreendidos pelo medo instintivo... E até os soldados, a disputar com o vendeiro, com esse bruto napolitano que aos interesses da propriedade em geral antepunha os magros vinténs de sua cachaça, perderam tempo deixando escapar o ladrão [...]

Mas todos, passado aquele instante de surpresa, foram ao encalço do negro, argumentando a turba que o perseguia, bradando com mais força aos céus:

- Pega o gatuno! Pega o gatuno!

- O que furtou aquele sujeito, perguntou o farmacêutico a um garoto.

E este que não sabia, com um movimento brusco dos ombros respondeu:

- Furtou.

Porém uma velha, talvez meio surda, entendeu “matou”.

- Matou?

A palavra foi repetida pelos retardatários que começaram a gritar:

- Pega o assassino!

E o furor aumentou, todos gritavam agora:

- Mata-o! Mata-o!

Até facas reluziram.

O desejo de sangue apoderava-se da multidão... e o gatuno que havia dobrado à esquerda, penetrando na artéria principal da cidade, na rua dos fortes mercadores, dos esteios do comércio, isto é, da sociedade, acometido de cansaço, teve um instante de indecisão... mas sentindo atrás de si, na nuca, bafejar-lhe a respiração de todos os seus perseguidores, *sentindo* as bengalas, as espadas, os punhais levantados sobre sua cabeça, prontos a acaba-lo, recomeçou a sua carreira desesperada, aquela carreira sem fim...

Um sujeito, por sinal bem gordo, quis embargar-lhe o passo, agitando os braços no ar, como se estivesse a espantar um cavalo em fuga.

Uma mulher atirou-lhe com um chinelo na cara...

E o tropel aumentava sempre.

- Mata o assassino!

Alguém disse que o tinha visto estripar um menino, mas outro replicou que havia matado duas mulheres.

- Não, um menino, eu o vi...

- Pois bem, as mulheres deve tê-las matado antes.

Acusavam-no agora de ter exterminado uma família toda...

O negro escorregou, caiu, mas levantou-se de um pulo... virou à direita...

A catedral porém fechava-lhe a estrada. Os vinte degraus da frente levantavam-se diante do fugitivo como um obstáculo...
Mas ele sonhou com um refúgio. Juntou as últimas forças, começou a subir os degraus, dois a dois, mas escorregou outra vez.
Era o fim.
Não levantou mais.
Todos lhe caíram em cima.
E todos querendo golpeá-lo, atropelavam-se sobre ele, pisando-o embaixo dos pés.
Depois, todos retrocederam. O negro estava morto, bem morto.
Então o soldado curvou-se, procurou embaixo do negro o produto do roubo, e achou... um cacho de bananas... que levantou alto para mostrá-lo a turba.
Eu também olhei, mas atrás do soldado, eu vi o fundo do interior da catedral, vi o altar-mor, sobre o qual um grande crucifixo se erguia negro, medonho...
O cristo, os braços abertos, a cabeça caída sobre a espádua, nada olhava...
No entanto, eu senti apoderar-se do meu ser o santo de ter nascido nos braços da Santa Igreja católica. O santo orgulho, o honesto orgulho, de viver no meio de uma sociedade cristã.⁸

Com o típico enredo comum a toda retórica anarquista, os eternos explorados da sociedade capitalista são construídos a partir de cores ingênuas. Em contrapartida, burgueses ou padres surgem nas folhas anarquistas a partir da imagem do parasita social, sugando o suor e constantemente o iludindo a partir dos valores religiosos como resignação ou sofrimento. É neste sentido que Hardman afirma que a construção dos enredos na literatura libertária se dá por meio de um “[...] realismo naturalista grotesco em sua ênfase e, certamente, esquemático em sua retórica linear, em que os personagens comparecem não como subjetividades problemáticas, mas como objetividades exemplares”.⁹

Além disso, a forma assumida pelo texto, a narrativa tradicional, caracterizada pela existência de um narrador linear e onisciente foi interpretada por Hardman como uma característica comum a todo o romance social. A riqueza da produção literária anarquista se encaixa justamente nas trocas e apropriações entre as formas convencionais da “grande literatura” e o compromisso social com o universo dos explorados. Sendo assim, os redatores das folhas libertárias se apropriariam de alguns aspectos característicos de um meio social do qual não faziam parte, mas que, mesmo assim podiam realizar e sofrer mútuas influências.

A despeito disso, é inegável que a escrita anarquista era repleta de imagens simbólicas nas quais os trabalhadores poderiam, ou no pensamento dos redatores, deveriam se identificar. O homem que injustamente era perseguido e que, por fim, após tanto fugir, cai aos pés de uma igreja da qual ao fundo pode se vislumbrar Jesus Cristo. A tentativa de expor as contradições da

⁸ DAMIANI, Luigi. “A Besta”. *La Battaglia*, 30 de setembro de 1908, n° 186, ano V, p. 03.

⁹ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem patria, nem patrão!:* memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ªed. ver. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 251.

sociedade, as hipocrisias existentes nas relações sociais demonstram a forma apaixonada e fervorosa pela qual todos os que fizeram parte da tentativa de construção de um outro mundo nas folhas anarquistas acreditavam nas suas idéias.

Esta primeira forma de ataque ao discurso religioso ocupou muitas páginas e vários artigos foram escritos procurando evidenciar o caráter metafísico da religião. Em um momento em que o discurso científico ganha grande destaque por plagas brasileiras, a retórica anticlerical anarquista adquire sentido, ao permitir que se teçam paralelismos e cruzamentos com as falas vindas de outros setores da sociedade. Compreender as relações sociais, a exploração do Deus/Capital sobre os trabalhadores implicava em afastar e desqualificar as explicações de *viés* religioso. O obscurantismo, o misticismo e a superstição não combinavam com os novos olhares sobre o país que se queria (re)fundar, alicerçado sobre o progresso e a modernidade, correlatos de valores mais universais como razão e ciência.

3.2 “Exterminar o clericalismo é abrir as portas do progresso”

Ainda nas críticas ao poder religioso os redatores anarquistas trataram de desferir sua pena às atitudes dos padres e, além disso, carregaram nas tintas para ilustrar a influência nefasta dos clérigos para a construção de uma nova ordem social. Neste sentido, os redatores fizeram parte de uma longa tradição político-literária que desde o movimento iluminista na França procurou ridicularizar suas atitudes, seus hábitos e a própria aparência. Obras como *A Religiosa* de Diderot, estavam presentes nas bibliotecas anarquistas ao lado de obras teóricas como *A Conquista do Pão* de Kropotkine ou *Evolução e Revolução* do geógrafo francês Elisee Réclus, perfazendo, desta maneira, o complexo arcabouço intelectual anarquista¹⁰. Mais do que mera cópia, o padre nos artigos de *La Battaglia* surge como o resultado de todo um sistema de apropriações engendrado pelos redatores libertários no qual as obras literárias exerciam o importante papel de traduzir o cotidiano. Assim como nas ilustrações tecidas a respeito da mulher

¹⁰ Para tal afirmação, utilizo-me das listas de livros existentes em alguns números de *La Battaglia*. Estas obras estavam disponíveis em bibliotecas de círculos libertários tanto para consulta ou até mesmo a compra do exemplar.

ou do operário, com relação aos padres também atuou de maneira efetiva a influência de uma literatura iluminista, aliada às explosões apaixonadas derivadas das utopias românticas.

3.2.1 A revelação do Deus Capital

A maneira como se relacionavam com o poder eclesiástico fazia com que várias notícias a respeito dos padres de vários locais do país aparecessem nas páginas dos jornais. Principalmente nos locais onde havia assinantes do jornal¹¹ sempre surgiam relatos de padres que teriam se aproveitado da ingenuidade de alguma ou da bondade financeira de algum fiel.

Aos devotos de S. Alfonso dei Liguori
Protestamos o imundo beato hipócrita e seus pupilos.

Como era de se prever, a nossa revelação sobre o negro deboche do santo padre Agostiniani di Rib. Preto, tem desencadeado sobre a nossa cabeça a ira do mundo negro. O impotente sarcasmo e a anatematização de todos os porcos padres e o padre-nosso, que constituem um cancro purulento, um verdadeiro centro de infecção moral nesta bela e simpática cidade contaminada, em grande parte, da doença letal do catolicismo. Havendo afundado o dedo nesta viva aflição e rebocado o pus que ameaçava contaminar até a parte mais sã da vida moral dos ribeirãopretenses, era natural que o elemento mais obscuro, mais imoral, mais impuro, - os beatos hipócritas - se combinaram em uma massa compacta de moral vulgar e obscena em um movimento uniforme de reação. Como o metazoário da sífilis e o anquilostomas que devora o sangue se dispõe em ordem de combate sob a ação purificante do mercúrio e do ferro.¹²

Assim como a figura do burguês, o padre também foi desenhado a partir das concepções anarquistas como um sujeito explorador, mentiroso, síntese das formas alienadoras do Homem. Do mesmo modo que o patrão foi construído pelos redatores anarquistas por meio de conceituações negativas, os padres eram representados pelos jornais libertários como agentes nefastos à vida do trabalhador, explorando-o:

- Alto lá. Não pise na minha terra.
- A sua terra? Você saiu dela como saiu do corpo de sua mãe?
- Não, mas te digo que se não sair eu te coloco para correr como um cão, saia de cima da minha terra.
- Ó céu, ó céu, a terra que piso pertence a um homem que não a fabricou com sua mão e que nem mesmo é nascido dela.
- Olha lá! Porque guardo o céu com os olhos e te digo que um raio te golpeará.

¹¹ Na última página de *La Battaglia* constam os nomes e as cidades dos assinantes. Percebe-se que o jornal atingia sobremaneira áreas do interior de São Paulo e até mesmo o Paraná, onde por algum tempo Gigi Damiani atuou como correspondente.

¹² *La Battaglia* “I porci alla riscossa”., n° 177 (21)

- Senhor vigário, o céu é seu?
- Meu? De todos os desgraçados que sabem suportar suas obrigações. Minha desgraça a você é que o mal te guarde.
- Pobre de mim. Por pisar na terra me fuzilam, por guardar o céu, irado me golpeará com um raio. Senhor padre e senhor vigário, que coisa devo fazer para não morrer ao seu modo?
- Deve respeitar a minha terra. Deve respeitar Deus e ajoelhar-se ao céu.
- Como se respeita à terra? Como se prega Deus e se inclina ao céu?
- Deve trabalhar a terra para mim, eu fico com a colheita e você fica com qualquer coisa do jantar.¹³

No cerne deste artigo se encontra a associação do poder eclesiástico ao Capital. Crítica presente nas obras dos principais teóricos anarquistas como *Deus e o Estado* de Bakunin, a associação entre Deus e o Capital promovia a criação de uma entidade controladora, vigilante, e alienadora dos trabalhadores. Denunciando a exploração do suor dos trabalhadores e a ganância dos eclesiásticos os redatores objetivavam evidenciar a clara associação aos capitalistas, sejam eles os banqueiros ou os patrões. Nesta passagem evidencia-se a interpretação realizada pela anticlericalismo anarquista com relação aos padres, sendo entendidos como uma figura burguesa, escondendo seus erros perante a sociedade por debaixo da batina, deixando o seu julgamento para o além. Dispostos a manterem a condição miserável dos trabalhadores, os padres eram elaborados pelos redatores anticlericais, assim como os burgueses, como personagens execráveis, “amigos do ódio, do mal e da mentira”, em contraposição à imagem serena, cordata e bondosa perpetrada pela religião católica. Segundo Margareth Rago, “[...] a vontade patronal associada à dominação religiosa procura exercer uma vigilância absoluta sobre a vida cotidiana do trabalhador e de sua família”.¹⁴ Por conseguinte, a esfera religiosa incutia no trabalhador um amplo código de condutas destinado a torná-lo um indivíduo dócil e submisso, buscando inserir no seu cotidiano as noções de produtividade, trabalho, religiosidade, culpa e condenação da ociosidade. Peças que se completavam, capitalismo e religião eram considerados nós indissolúveis, fontes da desigualdade entre os homens:

A burguesia, o capitalismo, n’ella encontra o seu verdadeiro e forte auxiliar, por isso sanciona com as suas doutrinas absurdas e irracionais a divisão dos homens em classes inimigas”.¹⁵

Como faces da mesma moeda, padres e patrões eram representados como encarnações do mal, assim como está representado no pequeno artigo acima quando o homem que pisa na terra

¹³ *La Battaglia*, “Nè Dio né padrone”, São Paulo, 31 de maio de 1908, nº170, ano IV, p. 04.

¹⁴ RAGO, Luzia Margareth. *Op. cit.*, p. 184.

¹⁵ *O Combate*, “Palestras I”, 24 de fevereiro de 1907, nº 07, ano I, p. 02.

pertencente ao vigário tem como proposta final “Deve trabalhar a terra para mim, eu fico com a colheita e você fica com qualquer coisa do jantar”. Assim como os capitalistas praticavam negociatas, uma crítica bastante presente nas páginas de *La Battaglia* era o comércio dos pecados praticado pelos padres, atitude que remete a Igreja ao período medieval citado pelos redatores em seus artigos. Síntese do obscurantismo, do misticismo, a religião e por conseqüência os padres eram sempre relacionados às trevas e à escuridão. Neste mesmo caminho, a fábrica controlada pelo capitalista, que aparecia no horizonte operário como responsável pela destruição das suas vidas, possuía seu complemento na igreja, que com o discurso eclesiástico alienava as mentes e tolhia o sonho, impedindo que os trabalhadores acreditassem que a construção de uma sociedade fundamentada no apoio mútuo fosse possível.

É o descarado comerciante das coisas sacras, que vende missa, indulgências, nascimentos, comunhões, sacramentos e um lugar reservado no paraíso, influenciando desonrosamente a crença pública.

É o bandido que trapaceia à sombra da lei da consciência dos tolos, extorquindo o décimo, a herança, falsificando testamentos, desde o nascimento à morte, a segunda que é o caso de principal interesse da santa loja mencionada.

É o capanga avarento e bruto da classe dominante e do governo, que tem pronunciado a ressurreição incondicional, prometendo aos pobres de espírito que um dia se aproximarão do paraíso falso, rumo ao céu.

É o missionário da miséria e da morte...¹⁶

Bebendo nas fontes iluministas, assim como o movimento anticlerical formado pelos livres-pensadores, os redatores libertários concebiam os padres como responsáveis por tolher a liberdade de pensamento, provocando a vitória do obscurantismo sobre a razão. A análise dos periódicos libertários do primeiro decênio do século XX denota a argúcia com que os meios responsáveis pela produção dos comportamentos eram evidenciados pelo discurso anarquista. Entendido com agente mantenedor da ordem social, o padre no discurso anarquista aparecia ladeado pelo burguês no intento de perpetuação das desigualdades sociais, na “divisão dos homens em classes inimigas” e no inculcamento da passividade e resignação nos trabalhadores para a melhor reprodução do capital, portanto conformando uma das estratégias de disciplinarização dos corpos. Concomitantemente, o padre era compreendido pelo discurso anarquista como o responsável, ao lado do burguês, pela exploração do trabalhador e fomentador das desigualdades sociais:

¹⁶ *La Battaglia*, “Il Prette”, São Paulo, 25 de outubro de 1908, n°189, ano IV, p. 03.

E aquela barilifera pança, recheada, satisfeita de gulodices e guloseimas – á custa do pão de muitas pobres criancinhas que no lar vazio e nu gemem e choram estauecidas de frio e fome – provoca mais o meu ódio, fazendo-me considerar como se concebe que a humanidade sofrendo séculos e séculos a sua influencia nefasta e arcando com todas as suas torpezas, com todos os seus crimes, com todas as suas infâmias, ainda bestialmente os ature e suporte e, ainda mais, que haja quem os julgue uns santos cordeirinhos. Parias do sentimento e da consciência que se debatem em negro lodo; almas podres a infeccionar o ambiente onde agem, deviam já de ha muito ter sido eliminados do seio social humano.¹⁷

O apelo aos sentimentos, a reiteração do lar operário pobre com crianças que sofrem com o frio e a fome enquanto os padres são caracterizados pela sua “pança, satisfeita de gulodices e guloseimas”, enfim, em um esforço contínuo os redatores se esmeravam por descaracterizar a imagem de “santos cordeirinhos” e em uma linguagem extremante figurada relacionavam a imagem clerical ao negro lodo, a almas podres que infeccionavam o ambiente. As metáforas vistas nos textos libertários produziam sentimentos que, por consequência, pretendiam gerar ações. Por isso o uso de expressões que evocavam dor e sofrimento eram importantes, pois revelavam a exploração sofrida pelos trabalhadores por séculos de moral religiosa, criminosa, torpe e infame. Os artigos presentes nos jornais anarquistas inserem-se em um amplo movimento de cunho anticlerical ocorrido no Brasil durante os anos iniciais do regime republicano, sendo que, em grande parte, o anticlericalismo anarquista foi profundamente influenciado no que diz respeito à temática dos seus textos. Fundamentados no positivismo de Augusto Comte, no cientificismo, no naturalismo, vários intelectuais curitibanos denunciaram a presença do poder eclesiástico como um embuste à liberdade de pensamento e os redatores libertários, imersos neste contexto, abarcaram várias proposições próprias a este movimento.

Colocando-se contra o poder eclesiástico os anarquistas desafiavam os cânones sociais vigentes, pautados pela elaboração do indivíduo nos limites da religião. Ao desafiar os tentáculos do poder eclesiástico os redatores libertários perpetravam interpretações mordazes da sociedade na qual estavam inseridos e apreenderam a impossibilidade de edificação de uma nova ordem sem a dissolução do “inimigo da Razão”. Da mesma forma, a escrita anticlerical anarquista pautou-se pela ridicularização da figura dos clérigos por meio de artigos extremamente irônicos, debochados, objetivando retirar a aura imaculada que pairava sobre os padres:

¹⁷ *O Combate*, “Variações”, 13 de janeiro de 1907, n° 02, ano I, p. 03.

Sempre que vejo o vulto negro, rechonchudo, obeso e nulo de um padre, ou que descortino á minha frente a figura esguia e repulsiva de um frade – ave rapace – de olhares lúbricos, alpercatas aos pés, mostrando nervudos dedos, sinto um movimento instintivo de repugnância e horror.

Aquela cínica beatitude de concupiscentes infames, muitas vezes faz-nos desejar uma vergasta para lacerando-lhes as toicinhas bochechas fazê-los sentir uma ponta do castigo que merecem todos os crápulas, todos os salafraios.¹⁸

“Rechonchudo, obezo, nullo”. A imagem edificada acerca dos clérigos relacionava os padres à inércia, assim como os patrões eram representados no imaginário operário, sempre se aproveitando da credulidade e ingenuidade dos trabalhadores em proveito próprio. Outro fato que sobressai na escrita anticlerical anarquista é a semelhança estabelecida entre os corvos e o clérigo, “figura esguia e repulsiva”, possuidor de “olhares lubricos”, que com as suas sandálias “mostrando nervudos dedos” e o seu “vulto negro” obstaculizariam as luzes provenientes da liberdade de pensamento. Portanto, percebe-se a redação de uma alteridade social profundamente maniqueísta, à semelhança do perfil elaborado acerca do burguês que, juntamente com a religião católica conformava a classe dos exploradores, destinados a perpetuar e alimentar a condição de opressão do operariado.

3.2.2 A crítica à revelação das intimidades

Contudo, esta não era a única visão a respeito dos padres vinculada pelos redatores anarquistas. Outra, muito importante e talvez mais interessante também se fazia presente. Mais do que simples associação ao Capital, os párocos eram responsáveis pela revelação da intimidade operária:

O padre é aquela peça malandra que da penumbra à sacristia e ao confessionário, conspira contra o gênero humano.

É o ânimo de sua inquisição que busca sondar, neste sacrário, as famílias, por desvendar os segredos mais íntimos e os mistérios da alcova.

É o porcalhão que corrompe muitas vezes, que atenta a honra da mocinha e a fidelidade das esposas.

É o embusteiro do mal conselho que pronuncia o fim do mundo, que terroriza o espírito vacilante dos velhos, das moças, das crianças com o pesadelo grotesco do inferno.

É a besta imunda que prega a morte, que rodeia em torno do cadáver e do moribundo, que fala em nome da dor e da desgraça¹⁹.

¹⁸ *O Combate*, “Variações”, Curitiba, 13 de janeiro de 1907, n° 02, ano I, p. 03.

¹⁹ *Idem*.

O descortinamento da alcova, a revelação da intimidade na sacristia ou no confessionário, a busca por corromper a honra das moças e a fidelidade das esposas. A figura do padre traçada nestas linhas remete a um imaginário formado desde o iluminismo no qual os clérigos eram compreendidos distantes da sua aura sagrada, como pervertidos e imorais. Segundo Margareth Rago esta posição perante o poder eclesiástico foi articulada no sentido de impedir a intrusão na intimidade trabalhadora e dificultar a reelaboração do modo de vida operário²⁰. Para além desta visão centrada em uma perspectiva de análise classista, é importante ressaltar o intenso processo de apropriações culturais empreendido pelos redatores libertários. Como já foi mencionado, as leituras dos militantes anarquistas, sejam elas individuais ou em grupos de discussão, não se constituíam apenas por títulos pertencentes à doutrina anarquista, mas pelo contrário, por toda uma literatura de cunho naturalista que enfocava as condições de vida dos trabalhadores e filosófica privilegiando os títulos notadamente anticlericais. Neste sentido as apropriações tecidas pelos redatores foram múltiplas e intensas, uma vez que a construção da figura dos padres estava centrada na revelação dos abusos, da corrupção e da imoralidade dos membros do clero, concepções que apesar de presentes em uma literatura anticlerical também foram interpretadas a partir de fatos do cotidiano operário:

Naturalmente, depois que os devotos do S. Alfonso dei Liguori e S. Luigi Gonzaga gritaram e espernearam toda a vulgaridade e obscenidade da alma, eles foram de encontro à audácia de que tem projeto um diferente feixe de luz sobre o mistério da confissão e recomendado o sabão da lavanderia ao sujo sottane deste santo padre, que no silêncio do monastério e da penumbra da sacristia, pratica a indecência vulgar e estímulos animalescos, contaminando a alma adolescente das nossas crianças; o puro e o ouro da nossa esposa: encontramos ... bonacheirão negro, possivelmente mais imundo que os outros.²¹

Extensamente criticada pelos redatores anarquistas, a prática da confissão transformou-se em uma bandeira de luta contra o poder clerical. Enfatizando sempre os abusos e a imoralidade no interior dos confessionários, os padres eram acusados de perverter a moral de moças e esposas.

Se apresenta uma mocinha

Bom dia padre, vim me confessar

²⁰ RAGO, Luzia Margareth. *Op. cit.*, p. 181.

²¹ *La Battaglia* “I Porci alla riscossa”, São Paulo, 5 de julho de 1908, n° 174, ano IV, p. 04.

Padre: muito bom minha Giulietta, é assim que fazem as mocinhas por bem...mas eu sabia que você era boa, uma verdadeira filha do Sagrado Coração. Se não fosse alguns pecadinhos que muito freqüentemente comete, seria uma verdadeira pérola do céu. Mas enfim, eu estou aqui para reparar os mal feitos restituir a alma...aceita a Deus. Da outra vez você guardou alguns pequenos pecadinhos que quis me confessar. Mas desta vez, sabe, deve me dizer tudo. Tudo, caso contrário irá para o inferno. Então deixe eu te interrogar...você sempre irrita sua mamãe?

Giulietta: algumas vezes...

Padre: e as orações que te recomendei... as diz todas as noites?

Giulietta: quando eu me recordo...sempre.

Padre: é ruim esquecer-se minha menina, porque a oração é a salvação da alma. Diga-me um pouco...aproxima-se melhor para que nenhum ouvido maligno possa ouvir os teus pecados... você faz sempre amor com aquele jovem?

Giulietta: (um pouco titubeante) Sim

Padre: com que freqüência?

Giulietta: quase todas as noites.

Padre: E o que ele te diz?

Giulietta: Que me quer bem...

Padre: (ficando vermelho como uma pimenta) e depois?

Giulietta: que não vê a hora...

Padre: E...ele lhe dá beijos?

Giulietta: (um pouco envergonhada) sim...algumas vezes

Padre: têm falado também de certos desejos seus?

Giulietta: que desejos?

Padre: de colher o fruto proibido... por exemplo... de querer abraça-la...beija-la... apalpa-la, tentou?

Giulietta: estas coisas ele não me fez...

Padre: espere, não diga mentiras (apanhando-lhe uma mama) não tocou aqui?

Giulietta: Mas!

Padre: (descendo um pouco mais para baixo a mão) e aqui?

Giulietta: também não.

Padre: (voltando a passar a mão ainda mais embaixo) aqui, suponho...

Giulietta: (irritada) supõe o quê?

Padre: (agitado por um tremor irresistível) que não a tocaria...

Giulietta: enfim, padre. As suas insinuações com as palavras e os seus modos...não me agradam nada.

Padre: (profundamente perturbado) Giulietta!

Giulietta: obrigado, obrigado... padre. Foi o bastante... e vou embora.

Padre: e a absolvição?

Giulietta: (afastando-se indignada) dê a alguma velha!²²

Ao relacionar a prática católica da confissão como correlata da imoralidade, com “matérias putrefactas” os redatores dos periódicos libertários do início do século XX pretendiam demonstrar o caráter nefasto da atividade no sentido de elucidar o contexto de ignorância existente em tal ato e, em certa medida, explicitava a denúncia da invasão da intimidade do trabalhador pelo padre. Neste sentido, o teor da crítica anárquica à confissão aproximou-se da temática do movimento anticlerical existente no período, de cunho positivista, o qual considerava a mulher a figura angular da sociedade.²³ Assim como as outras instâncias da ordem burguesa, a

²² *La Battaglia*, “Ao Confessionale” São Paulo, 1º de março de 1908, n° 158, ano IV, p. 03.

²³ **MARCHETTE**, Tatiana Dantas. *Op. cit.*, p. 67.

confissão era compreendida como uma maneira de perpetuar a condição submissa do trabalhador pela revelação da sua intimidade.

A crítica ao exercício da confissão possibilita desnudar o cerne do discurso anarquista sobre o anticlericalismo, pois a retórica anticlerical vinculada pelos periódicos libertários manifesta a partilha no seu discurso da representação simbólica da mulher concebida pelo imaginário social:

Mas sempre que empunharmos a pena será para aconselhar que se abandone o confessorário, que a bem da decência não se permita a um homem qualquer, vindo não se sabe de onde, sem nome próprio, sem família, sem responsabilidade, perguntar a uma menina onde coloca as mãos quando dorme e as mulheres casadas se pecaram contra a natureza ou se serviram de sacerdotisas de Lésbio.

[...]

Querosene, Querosene, nos confessorários: é a bem da higiene social.²⁴

A mulher ingênua que revela todos os segredos e intimidades do ambiente familiar ao padre, “um homem qualquer, vindo não se sabe de onde, sem nome próprio, sem família, sem responsabilidade”, possuidor de um espectro negativo, comparado a um ser abjeto. A mulher voltada para o convívio do lar, frágil, explorada, não conhecedora da astúcia clerical, dos verdadeiros desejos implícitos sobre o manto negro que o recobria, enfim, a esposa-mãe-dona-de-casa vinculada pelo discurso burguês aparecia no conteúdo dos jornais libertários:

Para os jesuítas o matrimônio não merece atenção nenhuma do lado sentimental e social: o questionário deles é todo dedicado aos *rappports* sexuais. Esses pederastas e onanistas vindos dos seminários, não concebem a mulher senão como um objeto de gozo e parecem experimentar uma voluptuosidade extraordinária na sindicância de tudo o que se passa na alcova da virgem, como nos talamos conjugais.

[...]

Está aí, um homem, cônego, monsenhor, fradalhão, que perguntará impunemente, toda vez que lhe aprover, quantas vezes vos aproximais a elas, ás vossas senhoras, quantas vezes e de que modo e se elas experimentam gozo no que fazem na sombra da alcova, se têm desejo de repetir ou tendência a uma libidinagem mais refinada, ou se vós tentais persuadi-las á alguma aberração sexual...²⁵

Deste modo, a imagem da mulher era perpetrada pelo discurso libertário como uma flor, frágil e desamparada, vítima da opressão do “cônego”, do “monsenhor”, comparado à um “fradalhão”, vilões que seduziam as mulheres e estavam dispostos a desvendar as intimidades dos casais e da família. A curiosidade pela revelação dos segredos da alcova era o tema predileto dos

²⁴ *O Combate*, “A confissão”, 24 de fevereiro de 1907, n° 07, ano I, p. 04.

²⁵ *O Combate*, “A moral dos jesuítas (IV)”, 10 de março de 1907, n° 09, ano I, p. 02.

redatores libertários, as perguntas acerca dos desejos sexuais das mulheres. Criticavam, sobretudo, a moral católica, caracterizada pela culpa e pelo pecado. Percebe-se como estas características neste momento eram, paulatinamente, sobrepujadas pelo individualismo e pelo afastamento da Igreja dos assuntos laicos. Neste sentido, a crítica anarquista não estava sozinha, uma vez que um amplo movimento de cunho anticlerical se desenvolvia no Brasil neste período. Nas principais capitais brasileiras autores destilaram sua ira contra vigários, ou “corvos”, como eram comumente chamados os vigários em virtude da batina negra. Em uma sociedade que pretendia apagar os séculos de barbárie e atraso colonial, a Igreja surgiu como o adversário mais óbvio. Com a criação da república e a forja de uma nova mentalidade fundamentada na Razão e no Progresso, as palavras dos vigários eram interpretadas como símbolos do obscurantismo, do misticismo e do atraso. Demonstrando que as críticas anticlericais anarquistas não eram uma ilha no amplo espectro de discursos nas primeiras décadas do século XX, esta vertente do movimento anticlerical bebeu principalmente em autores como Augusto Comte, Emanuel Kante e Spencer e criticavam com grande intensidade os “açougues da consciência”, ou seja, a confissão e as atitudes imorais dos padres com as moças em tenra idade e as esposas.²⁶

Deste modo, podemos inserir o discurso anarquista na sociedade em que estava imerso, receptor e gerador de influências diversas em um complexo sistema de apropriações estabelecido pelos variados discursos na cena urbana republicana. Partilhando a mesma cena, tanto as críticas dos livres-pensadores como dos anarquistas se centravam no combate à prática da confissão, considerada intrusiva e reveladora das intimidades. Portanto, o que deve ser salientado neste sentido são as partilhas culturais estabelecidas entre os discursos e não uma perspectiva em que um *viés* classista é utilizado na interpretação, sob a pena de reduzir a presença anarquista na cena política como uma seara sem conexão com os demais discursos com os quais disputava terreno e, ao mesmo, gerava influência e apropriava conceitos.

Na devassa do lar operário pelos clérigos, os confessionários eram vistos como verdadeiros buracos da fechadura pelos quais os padres desvelavam segredos e pervertiam as almas puras das crianças. Como visão principal nestas interpretações está visão ingênua e pura do sexo feminino, presente tanto nos artigos presentes nos periódicos libertários quanto nos saber produzidos pela literatura médica. Paulatinamente foi formado com base na produção científica

²⁶ **MARCHETTE**, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos da acácias: o movimento anticlerical em Curitiba (1896-1912)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, p. 65-66.

dos médicos um novo conceito de mulher, assexuada, voltada para o lar e para a família, destinada a servir marido e filhos, a tudo negando em benefício da prole e do companheiro. Situados em uma permanente tensão, os redatores libertários se por um lado almejavam a construção de um novo perfil de mulher, em igualdade de condições com os indivíduos do sexo masculino, por outro, também partilharam desta visão de mulher ingênua disseminada no imaginário republicano.

Vale ressaltar que elaboração da intimidade constitui-se em processo de mão dupla, presente nas falas de redatores operários como também de médicos e outras instâncias da sociedade. Nestas, emergia a figura do bom trabalhador, que deveria, após a sua labuta diária, resignar-se à intimidade do lar, ao âmbito da família. As figuras do pai zeloso e do trabalhador honesto fundiam-se em único personagem, com o intuito de afastar o trabalhador dos levantes públicos e das grandes manifestações de caráter subversivo e que se mostravam corruptores da moral. Sendo assim, a “[...] família nuclear, reservada, voltada sobre si mesma, instalada numa habitação aconchegante deveria exercer uma sedução no espírito do trabalhador, integrando-o ao universo dos valores dominantes”.²⁷

Nas páginas anarquistas defendia-se a privacidade dos indivíduos e o fim da interferência do poder eclesiástico sobre as relações sociais. Considerados invasores da intimidade operária, os padres eram possuidores de pensamentos e atitudes imorais que invertiam a sua imagem natural de protetores da moral e dos bons costumes entre as famílias. Ao contrário, eram acusados de destruidores dos lares e instigadores da imoralidade. Além disso, eram comparados aos burgueses, como verdadeiros sustentáculos do sistema capitalista, chamados de comerciantes das coisas sacras e dos pecados. Salientava-se também a hipocrisia de uma sociedade na qual a moral religiosa ensinava aos indivíduos a conformação com a vida que Deus havia lhe oferecido ou dos padres que do púlpito defendiam os valores do bem mas que auxiliavam no recrudescimento das desigualdades, como mostrou Gigi Damiani, no seu conto “A Besta”.

A pintura dos padres com as tintas negras da imoralidade e da corrupção tinham por objetivo produzir atitudes. Vistos como os grandes vilões da liberdade de pensamento, os padres foram intensamente combatidos, sendo considerados os inimigos da Razão. Aliado a isto, a devassa da intimidade do lar, os impulsos sexuais no interior dos confessionários eram constantemente reiterados nos artigos presentes nas folhas libertárias como forma de desconstruir

²⁷ RAGO, Luzia Margareth. *Op. cit.*, p. 61.

a imagem austera e assexuada dos clérigos. Influenciados por uma longa tradição derivada do movimento iluminista, os redatores libertários, partilhando dos mesmos passos seguidos pelo amplo movimento anticlerical em curso nos principais centros urbanos nas primeiras décadas republicanas, ridicularizaram padres salientando o misticismo e as superstições existentes no seu pensamento. Outras vezes, de maneira mais intensa, publicaram denúncias contra clérigos acusados de se aproveitar da fragilidade de mulheres ou até mesmo profanar a pureza de crianças indefesas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da presença política dos trabalhadores urbanos foi objeto de vários estudos, principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Fruto do ressurgimento destes atores no quadro social da Nova República, estes trabalhos analisaram, sobretudo, os conflitos estabelecidos entre os trabalhadores urbanos e a classe patronal.

Utilizando-se como fonte para estes trabalhos os jornais produzidos pelos próprios operários durante o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, estes trabalhos tiveram como foco primordial das análises uma interpretação alicerçada nos conceitos do filósofo francês Michel Foucault e na luz jogada pela *New Left* sobre a doutrina marxista. Estas duas metodologias trabalhadas juntas produziram trabalhos seminais na historiografia brasileira como é o caso de *Do cabaré ao lar*, de Margareth Rago e *Nem pátria, nem patrão*, de Francisco Foot Hardman.

Busquei no estudo da presença anarquista no palco republicano, tema já bastante estudado na historiografia brasileira, uma nova perspectiva teórica. Partindo da constatação de que a historiografia brasileira conferia papel de destaque à presença política dos militantes anarquistas, busquei no jornal *La Battaglia* indícios da produção cultural dos militantes libertários. Com base no conceito de *apropriação* proposto por Roger Chartier a partir da teoria da recepção, busquei pequenos fragmentos das partilhas culturais e das apropriações intelectuais realizadas pelos redatores libertários de *La Battaglia*. Não pretendi evidenciar a existência de um processo geral ou de um mecanismo de apropriações empreendido por todos os militantes anarquistas. Ao contrário, procurei ressaltar um novo *viés* nos estudos referentes ao movimento operário brasileiro das primeiras décadas republicanas, centralizando a análise no complexo sistema de trocas culturais empreendido pelos redatores de *La Battaglia*.

Sob este *viés*, focalizo a análise no entrecruzamento de discursos existentes na sociedade brasileira do momento. Longe de estar alheia aos debates que dominavam a cena pública republicana, a fala dos redatores evidencia uma constante permuta de conceitos com outros discursos, como o higienista, criminológico ou sobre a condição da mulher na sociedade. Sendo assim, procurei evidenciar as influências e apropriações exercidas pelo discurso dos redatores e, além disso, as maneiras pelas quais foram exercidas estas práticas.

Neste sentido, demonstrei que o discurso anarquista não estava alheio às influências do debate científico em curso no Brasil durante a alvorada do século XX. A visão dos institutos científicos existentes no Brasil a respeito da Ciência foi partilhada pelos redatores libertários de *La Battaglia*. Entendida como palavra de ordem, o ideário científico penetrou nos grandes centros urbanos do início da era republicana a partir de programas de higienização e saneamento que pretendiam eliminar as doenças e implementar novos hábitos e costumes na população citadina. Nesta perspectiva, defendo que os círculos libertários também partilharam desta visão salvadora da Ciência, seja nas construções utópicas de uma nova sociedade ou nas discussões acerca da origem do homem. Evidenciando a mútua influência sofrida pelos mais variados discursos, provenientes de diversos estratos sociais, foi bastante presente nas páginas de *La Battaglia* os artigos a respeito do crime e do criminoso. Os usos comuns de conceitos que percorriam caminhos diversos na sociedade possibilitaram que, de certa maneira, os redatores libertários comungassem do mesmo pensamento da Escola italiana de Direito Penal ao atestarem a impossibilidade de existência da noção de livre arbítrio, conceito compreendido por meio da ótica libertária, e, portanto, assentado em uma perspectiva de uma sociedade desigual que produzia criminosos e lhes negava a possibilidade de mudança. Contudo, completavam estas nações acreditando na influência do meio sobre o homem, fato constatado nas obras do escritor naturalista Zola presentes nas listas de obras das bibliotecas libertárias.

A constatação destas apreciações a respeito da influência do meio sobre o homem se encontram, sobremaneira, nos artigos que analisam a relação dos trabalhadores com o álcool e a visão sobre o papel da mulher na sociedade. Constante nas falas de médicos e autoridades sanitárias, a degeneração social fazia parte dos piores pesadelos dos intelectuais e dos meios mais abastados da população. Nas páginas de *La Battaglia* eram constantes as cenas de famílias destruídas pelo vício do pai no álcool, vício este repassado aos seus filhos, produzindo uma geração de degenerados. A partir de um tema que originalmente não fazia parte da doutrina anarquista, pode-se perceber que os redatores libertários sofriam a influência dos demais discursos que dividiam a cena urbana, reinventando a sua função e as suas interpretações.

Outro ponto ignorado pela historiografia foi a função assumida pelas obras literárias que tinham como pano de fundo a vida nos bairros operários na decodificação das imagens presentes no dia-a-dia operário. Os portões das fábricas, os bares freqüentados pelos trabalhadores após a longa jornada de trabalho, enfim, as pinturas feitas por autores como Máximo Gorki, Emilé Zola

e Victor Hugo serviam ao mesmo tempo como ecos da exploração operária e como uma janela pela qual enxergavam a dinâmica da sociedade.

Outro aspecto fundamental da formação intelectual dos redatores de *la Battaglia* foi o anticlericalismo presentes em vários artigos ao longo de todo o período de publicação do jornal. Neste sentido, a crítica anarquista foi tecida em dois sentidos. Primeiramente, buscando em um pensamento racional as ferramentas para refutar as concepções metafísicas provenientes do discurso religioso. Sendo assim, os redatores não se furtaram em erguer a espada da ciência e da razão contra o obscurantismo e os medos difundidos por autoridades religiosas. Em segundo lugar, outro ponto de destaque no anticlericalismo dos redatores de *La Battaglia* são as críticas ácidas contra os padres, principalmente por meio da sua ridicularização. Herdeiras diretas do movimento iluminista, surgido na França no século XVIII, na luta contra o poder da Igreja, os redatores libertários sempre pintavam os padres nas suas páginas como inimigos da família, prontos a destruírem os lares operários. Os padres que nos confessionários perguntavam às mulheres onde colocavam as mãos durante a noite, o que faziam na alcova com seus maridos são imagens estéticas presentes em várias publicações anticlericais, como por exemplo *A Religiosa*, de Denis Diderot, presente nas prateleiras do pensamento libertário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES**, Paulo. *Anarquismo e anarcosindicalismo: teoria e prática no movimento operário brasileiro (1906-1922)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.
- ARAÚJO**, Silvia; **CARDOSO**, Alcina. *Jornalismo e militância operária*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1992.
- BAKUNIN**, Michael Alexandrovich. *Textos anarquistas*. Seleção e notas de Daniel Guérin. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- BALHANA**, Carlos A. de Freitas. *Idéias em confronto*. Curitiba: Grafipar, 1981. Coleção Estudos Paranaenses.
- BATALHA**, Cláudio H. M.; **SILVA**, Fernando Teixeira da; **FORTES**, Alexandre. (Orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- BRESCIANI**, Maria Stella M.; **SEIXAS**, Jacy Alves de (Orgs.). *Razão e paixão na política*: Brasília, EDUNB, 2002.
- CAMPOS**, Cristina Hebling. *O sonhar libertário: o movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- CARONE**, Edgar. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1984.
- CHALHOUB**, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro na belle époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHARTIER**, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- DARMON**, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque: a medicalização do crime*. Trad. Regina Grisse de Agostino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- DECCA**, Edgar S. *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DULLES**, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- DOMÍNGUEZ**, Heloisa Maria bertol. (Org.). *A Recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social* (1890-1920). 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1986.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 19ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. São Paulo: Vozes, 2001.

GORKI, Máximo. *Pequenos burgueses ; Mãe*. Trad. Fernando Peixoto, José Celso Martinez Correa. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HAECKEL, Ernst. *A Origem do Homem*. São Paulo: Global editora, 1989.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! : memória operária, cultura e literatura no Brasil*. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KARVAT, Erivan Cassiano. *A Sociedade do Trabalho: discursos e práticas de controle sobre a mendicância e a vadiagem em Curitiba (1890-1933)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

KROPOTKIN, Piotr. *A anarquia: sua filosofia, seu ideal*. São Paulo: Imaginário, 2001.

LOPREATO, Cristina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

LUIZZETTO, Flávio. *Utopias anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro*. (1890-1920). Rio de Janeiro: paz e Terra, 1979.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos das acácias: o movimento anticlerical em Curitiba (1896-1912)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

MORIYÓN, F. G. (Org.). *Educação libertária*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, resistência e trabalho em Curitiba (1890-1920)*. São Paulo: Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, 1985.

RODRIGUES, Edgar. *Os libertários: José Oiticica; Maria Lacerda de Moura; Neno Vasco; Fábio Luz*. Rio de Janeiro: VJR, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. (Org.). *História da vida privada no Brasil. República: da belle-époque à era do rádio*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. (3 vols.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália. (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

ZOLA, Emile. *Germinal*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.